

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

RODRIGO SOLANO

**Bases para a construção de uma língua artificial global como um
ensaio de unificação cultural para harmonizar o significante “Deus”**

**ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA – CLÍNICA DA
CULTURA**

São Paulo

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

RODRIGO SOLANO

**Bases para a construção de uma língua artificial global como um
ensaio de unificação cultural para harmonizar o significante “Deus”**

**ESPECIALIZAÇÃO EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA – CLÍNICA DA
CULTURA**

Monografia de conclusão de curso
apresentada à COGEAE – Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo –
PUC-SP, como requisito parcial para
obtenção do título de especialista em
Semiótica Psicanalítica – Clínica da
Cultura, sob orientação da Prof^a. Dr^a.
Isabel Victoria Galleguillos Jungk.

São Paulo

2018

A todos os que buscam perceber a realidade além daquela que se impõe através do efeito ilusório da língua.

Podemos saber quem somos ou não. Podemos ser muçulmanos, judeus ou cristãos, mas até que nossos corações se tornem o modelo para todos os corações, veremos apenas as diferenças. Jalāl-ad-Dīn Muhammad Rūmī -“Rumi” (VAIDYANATHAN, 2014, pp. Kindle Loc. 168, tradução própria)¹

¹ *We may know who we are or we may not. We may be Muslims, or Jews or Christians, but until our hearts become the mold for every heart, we will see only the differences.*

AGRADECIMENTOS

Agradecimento é um substantivo relacionado ao verbo agradecer e, entre seus sinônimos está o significante “retribuir”. Isto posto, inicio este texto de agradecimento ressaltando a incapacidade de retribuição do efeito potencial do curso de Semiótica Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujas consequências devem ser observáveis, não somente no estudo aqui exposto, mas também na vida de seu corpo discente, a exemplo deste que, como sujeito, aqui agradece.

Antes de mais nada, é importante que sejamos libertos de quaisquer intenções políticas de agradecimento. Academicamente, meu conhecimento não abrangia, antes do curso, senão as áreas intrínsecas ou correlatas à administração de empresas e comércio exterior. O agradecimento é, portanto, ao incentivo e à docência por qualquer efeito que tenha propiciado o conhecimento deste novo – que se pode chamar assim – mundo, cuja natureza tangencia a mente humana, a filosofia e a vida como um todo.

E, agora sim, primeiramente deve-se agradecer ao Real, apresentado por Lacan, pela oportunidade de ter conhecido o curso de especialização que demanda esta dissertação. Eu não tinha sequer uma pista do que o curso haveria de proporcionar antes de vivenciá-lo. A abstinência da política que é potencialmente presente em textos de agradecimentos é aqui mais uma vez enfatizada em Lacan, uma vez que este jaz há tempo seguro para libertar-nos da necessidade de louvores que enalteceriam seu ego.

Em segundo lugar, mas em grau de importância superior, graças à necessidade presencial que as leis da física exigem para que o conhecimento fosse transmitido em sala de aula, é, sem dúvida, indispensável agradecer os preconizadores do curso. Sem eles não seria possível nada disto que aqui é abordado ser tecido em signos compostos por grafemas que remontam e ressuscitam a história de parte de nós, humanos. E até esta percepção é objeto deste agradecimento. Assim digo, em alamês, língua tratada neste estudo, sinceramente, *tod*² aos coordenadores do curso, Profa. Dra. Maria Lucia Santaella Braga, Prof. Dr. Oscar Angel Cesarotto, o todos os professores do curso e, especialmente, ao Prof. Dr. Winfried Maximilian Nöth que tanto abordou a linguagem e suas relações com a semiótica e a psicanálise fornecendo as bases teóricas para o início

² “Agradecimento” em alamês.

de uma construção mental que alicerçaria o tema.

Todavia, o destaque, talvez se localize no que, emocionalmente e, quiçá, psicanaliticamente, toque na motivação de tornar a monografia, que, no que se sabe, é universalmente uma obrigação acadêmica, em algo que pode se aproximar à mais positiva definição de gozo. Neste sentido, vale destacar as provocações do Prof. Dr. Clovis Pereira dos Santos. Sua exposição acerca da psicanálise, convém dizer, esteve entre os fatores que mais motivaram a elaboração de um estudo sobre um tema tão distante daquilo que chamamos de realidade imposta no mundo simbólico, ironicamente, talvez relacionado com a língua, tópico aqui abordado.

Contudo, como o foco, neste momento, é a monografia e sua produção, é importante que se destaque que o cerne deste agradecimento direciona-se à orientadora deste estudo, Prof^a. Dr^a. Isabel Victoria Galleguillos Jungk. Pode-se dizer que graças a ela, a relativa abstração da Semiótica Psicanalítica pôde, de alguma maneira, tomar forma e remeter a algo que fizesse algum sentido prático e aplicável a tudo que possamos ter como realidade e, talvez também, irrealidade. Poucas vezes pude encontrar mestres assertivos, motivadores, didáticos e pontuais num equilíbrio que tornasse a orientação em algo realmente proveitoso como a que Jungk proporcionou. Através de suas aulas e orientações, a conceituação da semiótica psicanalítica pôde ser aplicada de maneira compreensiva num tema, da mesma maneira, abstrato como a construção de uma língua de essência global e suas implicações.

Mais além, me parece de ordem natural, do mesmo modo, agradecer, com a mais profunda sinceridade, a cada um dos colegas de classe que tanto contribuíram para o saber mútuo com seus questionamentos. Mas não se pode jamais esquecer de todas as pessoas que fizeram e fazem parte do viver de quem aqui agradece, dando destaques, psicanaliticamente justificados, à função do Pai, incluindo a Mãe, a família, a sociedade, e o Outro, sendo este último, de alguma forma, neste estudo aludido.

Por último, e na ordem dos fatos, estendo meus especiais agradecimentos aos meus amigos, Bruno Pera, Caio R. Castro e Elizabeth Lu que, além de falarem algumas palavras e até frases em alamês, me auxiliaram com dedicação, atenção e comprometimento na revisão deste estudo.

Concluindo, ressalto a consciência de que o que está escrito nestas linhas não atinge

porção significativa do que se entende por retribuição. Contudo, é desejado aqui registrar lembrança de parte de tudo que contribuiu para que o trabalho apresentado fosse elaborado. Com os mais honestos sentimentos de boas-vindas à possibilidade de uma interpretação diferente da realidade que se impõe, “*tod*” também a você que se propõe a ler as páginas deste estudo.

Bases para a construção de uma língua artificial global como um ensaio de unificação cultural para harmonizar o significante “Deus”

Rodrigo Solano

Resumo

O trabalho aqui exposto apresenta as bases conceituais da semiótica psicanalítica para análise da construção de uma linguagem, e consequente reinterpretação do significante Deus. A produção de um trabalho acadêmico que tratasse do assunto foi motivado pela observação do fenômeno de construção de línguas de características híbridas e harmonizadoras, a exemplo do *alamês*, no contexto de segregação cultural das várias interpretações dadas ao que se entende por “Deus”, bem como suas consequências na manifestação dos impulsos agressivos entre as massas. A metodologia adotada foi a hipotético-dedutiva com base na pesquisa bibliográfica em obras que compreendem a semiótica e a psicanálise. Observou-se primeiramente, que a construção de uma língua se relaciona com o conceito de sublimação. Além disto, sabendo que a língua também se relaciona conceitualmente com a cultura e esta com a função paterna, foi abordada a figura do pai que equivale, em muitos aspectos, à de Deus, e que, desta forma, se vincula também à língua. Neste sentido, a criação de uma língua híbrida com características globais teria relações com tais conceitos. Por conseguinte a interpretação semântica da língua através dos conceitos da semiótica- psicanalítica visou demonstrar como uma linguagem que se pretende global solucionaria a questão da diversidade sógnica relacionada a Deus, esfacelada por entre as culturas, o que, por vezes, explica hostilidade entre os grupos. Finalmente, são esboçadas potenciais consequências culturais que seriam hipoteticamente oriundas da característica híbrida e harmônica de uma linguagem híbrida, bem como a comparação desta criação com exemplos de produções pertencentes a movimentos artístico-filosóficos que visam o mesmo fim.

Palavras-chave: Linguagem verbal. *Conlang*. Cultura. Função paterna. Deus. Diversidade.

Bases for the construction of a global artificial language as na assay of cultural unification to harmonize the signifier "God"

Rodrigo Solano

Abstract

This paper presents the conceptual bases of psychoanalytic semiotics for the analysis of the construction of a language, and the consequent reinterpretation of the signifier God. The production of an academic research related to this subject was motivated by the observation of the language construction phenomenon – conlanging. Focusing hybrid and harmonizing characteristics, there is the example of the Allamej conlang, which was created by paying attention to the context of cultural segregation due to the multiple interpretations given to what is understood as “God”, as well as its consequences in the manifestation of aggressive impulses among the masses. The hypothetico-deductive methodology was adopted, based on bibliographical research in works that comprise semiotics and psychoanalysis. It was first observed that the construction of a language is related to the concept of sublimation. In addition, knowing that language is also conceptually related to culture and this, to the paternal function or the figure of the father, which in many respects is equivalent to that of God, it has been approached and is thus also linked to language. In this sense, the creation of a hybrid language with global characteristics would have relations with such concepts. Therefore, the semantic interpretation of language through the concepts of psychoanalytic semiotics aimed to demonstrate how a conlang that is intended to be global would solve the question of the signic diversity related to God, crumbled between cultures, which sometimes justifies hostility between certain groups. Finally, potential cultural consequences that would hypothetically be derived from the hybrid and harmonic characteristic of a hybrid language are outlined, as well as the comparison of this creation with examples of productions belonging to artistic and philosophical movements having the same end.

Keywords: Language. Conlang. Culture. Paternal function. God. Diversity.

Nedzeyved ubmaciv uxnatü allamejuh yumun kalebëxus invedi hedëxus versemëxeliv hasemzaymotuh “Dev”.

Rodrigo Solano

Yujmik

Hunü pixrab vedëxel xemdumü nedzayuh ejdumyumvedü semzayvedus vedësis ubmacuh ejëkus, yujü imëvü ötütnedveduh hasemzayus “Dev” (“*God*” angelejun yujü “*Deus*” portugejun habeyl ötëhü semzayuh semyumü almünü natejuyn).

Mac, ubvedbaytü rabus ejik hunü ërur, imëdëxëhezul zayvizur vizhezus ötyujü, hezyujü macus ejus, sembidun allamejus, münxeyü ebmunun invedus münü semhezдумus nedvedir Devur, yujsemü imëv lunes awsvedëxun gegëxforbavus beynun inmünur.

Hacadëhü macyumved hezul verebalësëxü vedvizvolud kadmünü ejdumyumvedü semzayvedus. Hedënü, vizëhezul onërelih ejmac veduk ubzayëxus. Fordumik, vedik onërelih haej inveduk yujü hune onërelih abmaxyumuk, vedëxhezul awsyum abmaxus, hune semhezel münyumü haawsyum Devus, yujü huned semü onërel haejuk. Hunëvun, mac ötyujü ejus allamü yumëruk habebel onëruh hunü bavvedëruyk.

Himëvud, hamotsemhezvedü semhezдум ejus docun ejdumyumvedü semzayvedus volul awsvedëxih kyumü hedü ej allamü forvoluk malöfëxebelih haötëhü semhezuh Devus, hune hezel münyolöfö hainveduyn, hune, öküten, vedëxel gegyumuh beynun inmünüyr.

Finü, bidmacëdhezeyl mojü invedi imëvuy huney hezebeyl hahezyujyumü ejud, yujsemü mësëk ötü macuys hasemü finvoluk.

Midmotuy: Ej. Macej. Inved. Abmaxyum. Dev. Münër.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa linguístico do mundo (STÖRIG, 2006 [2002], p. 96).....	49
Figura 2: Escritura em árabe: “Disse o mensageiro de Deus (a benção de Deus recaia sobre ele): fui enviado para instruir”. Data: 1386 (CHALLITA, p. 33)	76
Figura 3: Exemplo de escrita gótica “Bastard Capitals”. (HARRIS D. , 1995, p. 80).....	76
Figura 4: Dao ou Tao na escrita chinesa. (OSHO, 2014, p. 6).....	76
Figura 5: Exemplo de escrita no alfabeto tradicional mongol. (BAT-IREEDUI, 1995, p. 32)...	76
Figura 6: Mosaico com a palavra <i>Lah</i> , “Deus”	76
Figura 7: Iniciais de Lahved.....	76
Figura 8: <i>Gyaf</i>	77
Figura 9: <i>Inved</i>	77
Figura 10: <i>Rak</i>	77
Figura 11: <i>Bid</i>	77
Figura 12: Site sobre a língua alamesa.....	108
Figura 13: Definição Peirciana de Signo.....	118
Figura 14: Esquema da Pulsão	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 Bases da semiótica psicanalítica para a construção de línguas artificiais.....	18
1.1 Sublimação.....	19
1.2 O indivíduo e a língua.....	23
1.3 A busca pela língua perfeita.....	26
1.4 A relação do Pai com Deus.....	28
1.6 Línguas artificiais globais e a sublimação da pulsão de morte no contexto das massas religiosas.....	35
2 Breve introdução às línguas construídas.....	41
2.1 Histórico e motivação para construção de línguas.....	43
2.2 Classificação de línguas.....	45
2.2.1 Famílias Linguísticas.....	45
2.2.3 Classificação de línguas artificiais.....	53
2.3 Línguas auxiliares internacionais com características globais.....	57
3 Análise de um exemplo de língua artificial global: alamês.....	62
3.1 Classificação.....	64
3.1.1 Família Linguística.....	64
3.2 Escrita.....	70
3.3 Estrutura lexical.....	77
3.4 Gramática.....	80
3.4.1 Ordem das palavras na construção de frases.....	80
3.4.2 Substantivos.....	81
a) Gênero.....	81

b)	Número: o plural	82
c)	Definidos e indefinidos	82
d)	Numerais	83
3.4.3	Adjetivos e advérbios	85
3.4.4	Verbos.....	87
a)	Conjugação verbal no modo sintético	88
b)	Modos verbais	90
c)	Tempos verbais nas formas sintética e analítica	92
3.4.5	“Substitutivos”.....	93
	Substitutivos Pessoais.....	95
3.4.6	Casos gramaticais	96
3.5	Comparação com outras línguas artificiais quanto ao aspecto global	101
3.6	Para mais informações sobre a língua alamesa.....	106
4	A interpretação do significante Deus em alamês	109
4.2	Análise dos signos linguísticos relacionados ao divino no esquema de Peirce	115
4.3	Relação entre <i>Lah</i> , o Real e o objeto <i>a</i> de Lacan.....	119
4.4	Um paralelo entre o conceito encontrado de Deus, a metáfora e a metonímia	121
	CONCLUSÃO.....	128
	BIBLIOGRAFIA	131
	APÊNDICE A – Sobre o Construtor do Alamês	139

INTRODUÇÃO

O trabalho que segue tem como objetivo fundamentar e interpretar o significante Deus numa linguagem construída de essência híbrida e global através de uma metodologia hipotético-dedutiva a partir da pesquisa bibliográfica nas obras sugeridas durante o curso de especialização em semiótica psicanalítica.

No primeiro capítulo, a sublimação é levantada como justificativa primordial para criação de línguas, já que esta consiste de uma produção intelectual. Posteriormente, são explorados os conceitos de língua e a busca pela língua perfeita abordada pelo semioticista Umberto Eco (*The research for the perfect language*, 1995) e suas relações com o Pai e este com o significante Deus. Também são exploradas as motivações para a segregação justificada pelas diferentes interpretações de Deus e o conseguinte exercício dos impulsos agressivos entre as massas religiosas. Para tal, são investigados conceitos presentes em obras de Sigmund Freud (*O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*, 1974 [1927-1931]), (*Psicologia das massas e análise do eu*, 2016 [1921]) (*Totem e tabu e outros trabalhos Volume XIII*, 1913 -1914) e de Jacques Lacan (*Escritos*, 1995 [1966]) entre outras obras secundárias e explanatórias do conteúdo presente nestas, incluindo E. Roudinesco (*Dicionário de Psicanálise*, 1997).

Em relação a este capítulo, é importante mencionar que as citações de fontes cristãs que demonstram a interpretação da mitologia alheia de maneira negativa não pretendem, de maneira alguma, asseverar que exista uma prevalência deste comportamento no universo cristão. Esta prática, conforme literaturas que são citadas, é humana e deve estar presente em diversos sistemas culturais e religiosos. Sendo o ocidente majoritariamente cristão, tais citações devem ser observadas como um convite à análise de nossa própria cultura ocidental. Esta pode ser uma aplicação mais útil da clínica da cultura que apontar sintomas possivelmente interpretados como negativos em culturas alheias, o que exortaria um comportamento que leva à segregação e seria o revés do que se pretende neste trabalho. Da mesma maneira, é tomada a liberdade de grafar a palavra Deus sempre com letra inicial maiúscula independente da cultura a que pertence o conceito de referência, visando neutralidade e respeito à diversidade cultural.

No segundo capítulo, é fornecida uma introdução à construção de línguas de modo que

se possa conhecer minimamente o fenômeno. Para tal, são usadas como amparo conceitual linguístico as obras de Ferdinand de Saussure (Curso de Linguística Geral, 2012 [1916]) e Roman Jakobson (Linguística e Comunicação, 2010 [1967]) também mencionados em outros momentos. Da mesma maneira, é usada a tipologia linguística apresentada por Hans Joachim Störig (A aventura das línguas; Uma história dos idiomas do mundo, 2006 [2002]). É dado realce à contribuição de David Peterson (The art of language invention: from Horse-Lords to Dark Elves, the words behind world building, 2015) que além de cofundador da Sociedade de Criadores de Línguas³ da qual a língua alamesa é membro, tem sido um grande entusiasta e uma figura que contemporaneamente se destaca no assunto.

No terceiro capítulo, é apresentada a estrutura de uma língua construída com essência híbrida e global, o alamês. Ela é analisada conforme conceituação apresentada no capítulo precedente de modo que se averigüe sua hibridez culminando na atenção à definição do significante Deus, algo aparentemente inédito nas línguas semelhantes mencionadas no estudo.

No quarto capítulo, são abordadas as criações das palavras relativas ao divino. Como postula Lúcia Santaella, “o alerta e desafio consistem no desenvolvimento de uma Semiótica Psicanalítica que se caracteriza pelo modo de ler os fenômenos e sintomas do mal-estar na cultura contemporânea” (SANTAELLA & HISGAIL, 2013, p. Kindle Loc. 80). Neste caso, a leitura realizada é a do significante Deus, que é idealizado pela humanidade como a salvação do sofrimento humano. Ao mesmo tempo demarca a segregação das culturas e conseqüentes hostilidades à medida que Seus vários nomes e definições são diferentes para cada uma delas.

A solução apresentada no alamês é criação de duas palavras que se traduzem por Deus. A primeira é *Dev* palavra da mesma raiz indo-europeia de sua cognata em português “Deus” e significa Deus ou divindade em qualquer cultura. A segunda é *Lah* que corresponde ao que a humanidade estaria buscando em sua psique no momento que evoca *Dev*. Para análise destes dois signos são utilizados o conceito de signo de Peirce presente na obra de Lúcia Santaella (O que é Semiótica, 1983), do Real, objeto *a*, metáfora e metonímia em obras da mesma autora (SANTAELLA & HISGAIL, 2013) além de Marco Antônio Coutinho Jorge (Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan

³ Language Creation Society. Disponível em < <https://conlang.org> >.

- Bases Conceituais, 2016 [2000]) e Geraldino Alves Ferreira Netto (Doze Lições sobre Freud e Lacan, 2015).

No mesmo capítulo também é abordada a possível harmonização cultural a partir do significante Deus e é explorada a hipotética cultura que seria dela oriunda. Neste caso, é preciso dizer que o *alamês* não chega a um objetivo singular e inexplorado. Pelo contrário, diversas obras filosóficas e artísticas buscam a harmonia entre as culturas e corroboram a abordagem do antropólogo Levis Strauss (*Race et histoire*, 1973). O *alamês* pode ser interpretado neste caso, como uma solução hipotética e artística, pela inventividade, para a questão da segregação a partir do significante Deus. Ela é inspirada por este movimento que vai ao encontro de perceber a humanidade como *una*. Não busca ser uma língua falada, mas produzir uma resposta lógica, compatível com a realidade global da humanidade que harmonize o comportamento agressivo entre as massas religiosas proporcionando uma mostra sinérgica à inteligência intercultural.

Conclui-se que, com o advento da globalização, diversos grupos culturais estão em maior contato com cada vez mais frequência fazendo com que signos linguísticos, a exemplo de “Deus”, demarquem diferenças e possam justificar hostilidades. Entre as várias possibilidades, a criação de línguas pode ser uma opção para tratativa de tais sintomas negativos. A criação de uma linguagem híbrida de essência global que seja capaz de reinterpretar significantes esfacelados por entre as culturas como Deus pode ser um convite à reflexão uma vez que toca no cerne da constituição do sujeito e sua relação com o outro: a língua.

1 Bases da semiótica psicanalítica para a construção de línguas artificiais

A língua, de maneira genérica, é componente essencial da semiótica psicanalítica. Por um lado, é formada por um conjunto de signos que se relacionam através de um mecanismo complexo colocando seus intérpretes humanos numa posição ímpar em relação aos outros seres comunicantes conhecidos – a língua é o que separa os homens dos outros seres. Este aspecto diz respeito à semiótica. Já por outro lado, a psicanálise também tem seus fundamentos na linguagem, especialmente a verbal (SANTAELLA & HISGAIL, 2013, p. Loc 1165 Kindle).

Desta forma, o processo de construção de línguas tem relação direta com a semiótica psicanalítica como clínica da cultura. A língua naturalmente antecede a existência dos seus falantes, atravessando-os e colocando-os numa posição passiva. A criação de uma língua é, de alguma maneira, uma subversão, mesmo que metafórica, da ordem natural dos fatos. A língua somente pode ter sua função psíquica intacta se precede a existência do sujeito que a tem como nativa. Contudo, o construtor cria uma língua que pretensamente deveria anteceder e influenciar a psique de si mesmo e, ou de outros indivíduos sejam eles reais ou hipotéticos.

Como a língua é o meio através do qual se transfere a cultura, a criação de línguas artificiais teriam como projeto, na verdade, o objetivo pretendido com sua construção. Constitui então uma arte, ou forma de expressão que culminaria a num ensaio cultural fictício. A língua construída tem impacto na psique de intérpretes imaginários ou não já que constitui um universo simbólico idealizado. Este universo simbólico, segundo Lacan, designa um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 714).

Sendo criações, as línguas artificiais, na verdade, não se situam no mesmo lugar que as línguas naturais. Elas não pré-existem ao sujeito criador, o que lhes tiraria a nomenclatura de língua levando-se em consideração sua função sob as lentes da semiótica psicanalítica. Todavia, não deixam de ser temas relacionados à área. Pelo contrário, construir línguas é tecer a estrutura de um universo simbólico paralelo ao que

naturalmente existe entre os homens. Do mesmo modo está diretamente relacionado ao conceito de sublimação em psicanálise.

É um fenômeno que tem se tornado cada vez mais comum seja como arte ou com objetivos mais diversos possíveis. Além de línguas com objetivo de serem auxiliares internacionais como o Esperanto, Interlúngua e *Volapük*, hoje existe uma grande diversidade registrada na Sociedade de Criação de Línguas – *Language Creation Society*⁴. Entre elas podemos citar o *Valyrian*, língua do povo “*Targarian*” do seriado *Game of Thrones*, o *Na’avi* dos extraterrestres do filme “O Avatar” e *Klingon* falada na obra *Star Trek*. Há também línguas nem sempre conhecidas que se multiplicam em grupos nas redes sociais⁵ com milhares de participantes e construtores. Cada uma delas tem seus objetivos, muitos dos quais, a exemplo do Esperanto⁶, do *Valyrian* e do *Dothraki*⁷, esboçam culturas totalmente novas.

Estes esboços de culturas engendrados pela construção de línguas evocam as bases da semiótica psicanalítica para uma melhor compreensão do fenômeno. A criação tem relação com a sublimação e em se tratando do campo linguístico também se relaciona com a função do pai e este com o significante Deus. De acordo com Freud, o pai primevo constituiu a imagem original de Deus, o modelo a partir do qual as gerações posteriores deram forma à figura de Deus (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 29 PDF). O que se pretende a seguir é mostrar como tais conceitos se relacionam com uma língua artificial que se pretende global e, portanto, se circunscreve na diversidade cultural existente.

1.1 Sublimação

A construção de línguas artificiais é um processo que demanda criatividade e conhecimento linguístico. Tanto uma quanto a outra tocam diretamente no conceito psicanalítico da sublimação que tem notoriedade com Sigmund Freud e se faz presente em diversas de suas obras, entre as quais “O futuro de uma ilusão, o mal-estar na

⁴ Disponível em inglês em: < <https://conlang.org/> >

⁵ Disponível em inglês em: < <https://www.facebook.com/groups/Conlang> >

⁶ Disponível em inglês em: < <http://www.esperanto.org.uk/education/culture.html> >

⁷ Disponível em inglês em: < <https://www.dothraki.org> >

civilização e outros trabalhos”.

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 52 PDF).

Todo ser humano, imerso em linguagem partícipe do que se entende por civilização em psicanálise, está sujeito ao sofrimento. Não seria diferente o caso dos construtores de línguas artificiais.

As línguas artificiais construídas são assim chamadas por não serem meras cópias de línguas existentes, classificadas como naturais, mas por acrescentarem, criarem ou modificarem aquilo que já existe no campo linguístico. Para este fim, o processo de criação ou construção de línguas demanda trabalho psíquico e intelectual.

Dessarte, pode-se assumir que existam casos em que criadores de línguas estão afastando parte de seu sofrimento através da atividade da criação, deslocando também parte de sua libido para ela num processo de sublimação. A natureza de seus talentos e a parcela de sublimação instintiva a ele aberta decidirão onde localizará os seus interesses (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 55 PDF) que, nesta circunstância, situam-se no campo linguístico.

Em relação à semântica da palavra libido quando presente na semiótica psicanalítica, vale mencionar que Sigmund Freud deu a ela uma acepção inteiramente distinta, para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular, entendida como causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor-próprio, narcisismo e sublimação. (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 471). Além disto, a psicanálise utiliza de termos sexuais e outros de conotação própria que serão apresentados no decorrer desta monografia. Terminologias do tipo devem ser observadas com cautela abrindo possibilidade para interpretações metafóricas cabíveis dentro da área de estudo.

Ainda no que tange a sublimação, é importante mencionar a visão lacaniana, e nela o conceito de objeto *a* que se circunscreve no objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Assim, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 55).

Ele é o que mantém o indivíduo na busca de satisfazer seus desejos, nomeando significantes que se apresentam como satisfações na forma de metonímias, ou seja, significantes ou objetos nomeados que vão se alterando no decorrer da vida. Enquanto houver realizações para a concretização do significante nomeado, este continuará válido tornando oportuna a função de sublimar.

O objeto *a* também consiste de algo que, por natureza, não se pode simbolizar. Uma vez que se lhe atribui um nome, ele se mantém mais além da atribuição, o que faz com que o indivíduo encontre significantes para satisfazer o que ele acredita ser a realização de seus desejos, muito embora o desejo não deixe de existir. O desejo continua, mas o que se deseja é renomeado consecutivamente. É preferível falar do objeto *a* como causa do desejo e não como objeto do desejo, pois o objeto *a* funciona como um verdadeiro motor da estrutura, como a causa do próprio desejo (COUTINHO JORGE M. A., 2016 [2000], p. 140). Assim, se visto como um objeto, ele é aquilo que quando se encontra, não está mais lá, por isto nomear um novo lugar para a busca.

Quando a sublimação é realizada na construção de uma parafernália estrutural de uma língua que se equipare, neste aspecto, às naturais, o construtor tem a oportunidade de agir diretamente na produção de significantes tão logo sinta a vacuidade do objeto *a*. É um ensejo que encontra de fugir da significação herdada e assim como um artista, pode criar novos modelos e estruturas linguísticas que lhe permitem sublimar sua angústia presente na realidade factual através do forjamento de uma realidade idealizada.

A sublimação está então na realização destes desejos através do deslocamento das pulsões para atividades que incluem o intelecto e a criatividade. É uma entre as quatro opções de desvio das pulsões, sendo as outras três: o recalque, a transformação em contrário e retorno sobre a própria pessoa (SANTAELLA & HISGAIL, 2013, p. Loc

1837 Kindle). No caso de parte dos construtores de língua, a língua construída é nomeada como o significante que pretende dar conta do sofrimento. A construção da língua pretende assim preencher o vazio deste objeto na forma de sublimação. Todavia, existem construtores de línguas, como os que forjam linguagens verbais, que têm fins comerciais. A motivação psíquica, nesta condição, tem outra relação que não direta e evidentemente a reconstrução de uma realidade que se revela deficiente na língua para o construtor.

Conforme proferiu professor Claudio Cesar Montoto, em uma de suas aulas do curso de semiótica psicanalítica no primeiro semestre de 2017, “a arte é uma forma de corrigir uma realidade que não se concebe”. O criador de língua identifica uma impossibilidade de realização do que nomeia como desejo no seu mundo linguístico e cria uma língua para tornar possível. A criação desta língua como forma de sublimação não é senão o intento de escape do sofrimento ordinário humano, ao qual todos, devido às imperfeições da civilização, estão sujeitos (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 11 PDF).

Dentre as três causas do sofrimento humano, Freud opta por estudar nesse ensaio a que nasce do caráter insatisfatório das relações humanas. É papel da cultura, por meio das instituições que a materializam — o Estado, a família —, remediar essa causa de sofrimento, mas, na medida em que os remédios propostos pela cultura são coercitivos e se afiguram outros tantos limites à busca do prazer, ela logo se evidencia como uma nova fonte de sofrimento. (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 491)

O sofrimento então, no caso psíquico, teria suas raízes na própria civilização, nas relações humanas, ou seja, na cultura produzida dentro do ambiente social sempre que ela impõe algo que produza aversão. Cada vez que se depara com aversões surge o sofrimento. Pensando em Lacan, a causa do sofrimento é um movimento, ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca do gozo (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 300).

O que se torna específico no caso de alguns criadores de línguas é a identificação da construção de língua como significante que é eleito para escape do sofrimento. Uma língua, certamente, se relaciona com o que ela traria consigo na forma de cultura e ideologia.

O *volapük* talvez tenha sido a primeira língua auxiliar internacional e foi criada pelo padre católico Johan Martin Schleyer em 1879 com o objetivo de acelerar a irmandade entre os homens. Com foco semelhante, em 1887, o entusiasta da paz internacional, Dr. Ledger Ludwik Zamenhof criou publicou em russo “A Língua Internacional”, obra que se tratava do Esperanto, em português “esperançoso” título que o autor dava a si mesmo. Outras criações linguísticas seguiram o mesmo caminho com o intento de propiciar a paz entre os povos, o que não era observado na época e tampouco o é nos dias de hoje, independente do nível de hostilidade relativa observável nos dois momentos.

Desta maneira, construir uma língua também tem relação com um intento de composição daquilo em que o sujeito encontra vazio, incompleto ou inexistente nas línguas naturais. É, da mesma forma, a pretensão de escapar do sofrimento ao qual se é submetido na lei que é imposta pelas línguas naturais. E isto tem relação com o indivíduo e sua inserção no universo linguístico.

1.2 O indivíduo e a língua

Os indivíduos normalmente têm uma relação passiva com a língua; Tão logo existem são imediatamente envolvidos num universo sígnico que foge ao universo tridimensional físico. A língua traz ao indivíduo o mundo simbólico que não tem altura, largura nem profundidade. Tampouco trata, obrigatoriamente, do que se encontra no momento atual. Aliás, entre as principais características de uma língua está o poder de transmitir informação de um outro lugar e um outro momento, alheio à situação física do emissor e do receptor no momento da comunicação. A língua na qualidade materna, ou paterna em termos mais lacanianos, veicula informações de um outro lugar como, por exemplo a lei ou a cultura. É de outra instância, pois não nasce com o sujeito. Vem de fora, do Outro. Da mesma maneira, o inconsciente também é estruturado como linguagem.

Lacan desenreda que o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. Por isto a língua, neste caso seria paterna. Assim, se a sociedade humana é dominada pela supremacia da linguagem, ou seja, a

função paterna não é senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade. Lacan passou então a definir essa missão como “função do pai”, depois, “função do pai simbólico” e, ainda mais tarde, “metáfora paterna” (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 542).

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. (LACAN, 1995 [1966], p. 323)

A língua coloca os humanos numa posição passiva no momento que ela se constitui como seu grande Outro, ou seja, a função da fala (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 558) primordial. Ela traz consigo um conjunto sógnico de leis que podem ser entendidas como cultura e contribuem para com a sua maneira de pensar.

Desta maneira, cada língua é potencialmente um universo sógnico diferente não somente em relação aos signos acústicos e sua organização estrutural mas também em relação àquilo que transmite como cultura.

Quando um indivíduo se constitui ele aprende a ver o mundo através do seu universo linguístico e isto envolve características da própria língua e outras que se relacionam à cultura trazida por ela.

Entre as características da língua propriamente, pode-se mencionar diversas características estruturais. Um exemplo é a existência do gênero em línguas como: árabe, português ou russo e diversas outras. O indivíduo que fala alguma destas línguas vai aprender a separar o que existe entre masculino e feminino além de, no caso do russo, o neutro. Provavelmente ele irá associar palavras de gênero feminino a qualidades femininas e da mesma maneira com o masculino.

Este fato é ilustrado por Jakobson com superstição generalizada na Rússia, de que uma faca caída pressagia um convidado e um garfo caído uma convidada. O presságio é determinado pelo gênero masculino de нож /noz/, “faca”, e pelo gênero feminino de вилка /vilka/, “garfo”, em russo (JAKOBSON, Linguística e Comunicação, 2010 [1967], p. Loc. 46 PDF). Em português o pensamento seria o oposto. Os indivíduos

tendem a associar as características de um objeto com o universo do gênero a qual ele pertence. Esta é uma entre as inúmeras diferenças estruturais entre as línguas que podem ter impacto na forma de pensar de seus locutores. Pode-se mencionar: número (há línguas que além do plural possuem o dual usado para duas coisas), casos gramaticais, tempos verbais, modos verbais. Há línguas, como o quíchua, que permitem saber se o falante afirma algo por constatação ou porque ouviu alguém dizer através do modo verbal.

Mas nem só a estrutura linguística influencia o pensamento humano. O conjunto de leis que formam a cultura tem um impacto expressivo na psique humana. Já nos primeiros anos de vida, o indivíduo recebe a cultura do meio em que habita através de sua língua. Por exemplo, se um indivíduo nascer no Brasil e receber uma educação religiosa católica de seus pais e da comunidade e nunca ouvir falar de mais nenhuma outra ele não poderá se tornar hindu, por exemplo. O mesmo deverá acontecer com outros costumes e aspectos culturais: comportamentos masculinos ou femininos, vestimentas, expressão de emotividade ou assertividade e assim por diante. O conjunto de costumes aprendidos na sua língua nativa terá supremacia em relação aos demais na sua psique. Este conjunto é o que constitui a cultura ou a lei de Lacan.

Com estes exemplos em vista, notamos que as diferenças psíquicas nos indivíduos, no que tange o universo cultural e comportamental, tendem ao infinito se levarmos em consideração a quantidade de línguas existentes no mundo, suas características semântico-estruturais, número de locutores, culturas, processo de evolução bem como o processo de formação da psique de cada indivíduo pertencente a cada massa cultural.

Assim sendo, cada língua quando transmitida de maneira natural, ou seja, passando por estágios de formação psíquica do indivíduo, irá certamente influenciar sua forma de pensar, agir e ser. Deste modo, a língua para ser considerada natural, deve ser a nativa e aquela presente nas fases oral, anal, fálica latente e genital do indivíduo, sendo essencial, para o que aqui é demonstrado, sua presença no momento em que o indivíduo depara-se com o Nome do Pai, na psicanálise lacaniana.

A arte de construir línguas pode ser considerada uma maneira de, metaforicamente, escapar de efeitos colaterais das línguas naturais considerados imperfeitos. É uma maneira simbólica de buscar um mundo tido como perfeito para aquilo que se pretende

com a construção.

1.3 A busca pela língua perfeita

A chamada busca pela língua perfeita é um processo que demonstra o desejo de pensadores por encontrar uma solução linguística perfeita. Tal busca implica na consideração, por estes pensadores, de que as línguas existentes podem ser consideradas imperfeitas. Tal consideração pode ter implicações sob a lente da semiótica psicanalítica.

Não em vão, a busca pela língua perfeita é uma obra do semioticista Umberto Eco (*The research for the perfect language*, 1995) que tratou da ideia de uma língua perfeita que expressasse, sem ambiguidade, todas as possibilidades de coisas e conceitos, procurados por filósofos, teólogos e místicos por mais de 2000 anos.

Antes de tudo, é importante ressaltar que a escolha de uma língua perfeita é um processo antigo que, em relação ao ocidente, remonta ao pensamento da Grécia clássica (ECO, 1995, p. 10) e vem até os dias de hoje em que encontramos uma maior diversidade de criadores de línguas, alguns deles, buscando uma língua perfeita, seja no ponto de vista dele ou de um grupo.

Na era clássica, os gregos consideravam sua língua a mais adequada para a filosofia ou para a razão. As línguas desconhecidas eram consideradas bárbaras, uma vez que o significante que corresponde a um determinado significado era diferente do equivalente em grego. Os gregos valorizavam sua própria língua e acreditavam que as línguas dos outros eram incompreensíveis balbucias. Quando o grego considera a sua língua a mais adequada ou superior às outras, substancializa um exercício narcísico de um grupo ou massa, semelhante ao que ocorre nas afirmações de que a língua ou cultura de um determinado sujeito são superiores às outras. Na própria tradição grega, o termo narcisismo designa o amor de um indivíduo por si mesmo (ROUDINESCO, 1997, p. 530).

A busca de uma língua perfeita necessita de uma propulsão avessa ao narcisismo neste aspecto. Quando o sujeito busca uma língua que não a sua para dar-lhe a qualidade de

perfeita é porque considera sua língua imperfeita. Existe uma percepção de que sua língua e, potencialmente, o que é transmitido por ela não são perfeitos em relação ao que deseja encontrar. Ou seja, há uma insatisfação do sujeito em relação à sua língua no que tange a representação dos seus desejos. Daí desponta a busca de completude cujos significantes não são encontrados na linguagem que concerne ao Nome do Pai, que é quando o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 541).

Esta busca por uma língua perfeita, diferente da paterna lacaniana, tem início no ocidente com o pansemioticismo cabalístico renascentista (ECO, 1995, p. 25) quando os pensadores buscam a língua que se relacionaria com o Deus conforme a mitologia judaico-cristã. Toda a discussão filosófica aponta para a língua hebraica através do conteúdo bíblico. Assim, mesmo a busca não é senão pela língua do pai simbolizado na religião: Deus.

Deus, na mitologia cristã, tem a posição de pai. Não é por acaso que a língua hebraica é assumida como a primordial e, assim sendo, perfeita. Os pensadores da cultura judaico-cristã, na época, não questionam a existência de Deus, mas tentam demonstrar que a língua hebraica, atribuída ao Pai, é perfeita. Deus teria deixado para o primeiro humano, Adão, a língua hebraica, capaz de nomear tudo o que se conhece no universo e que daria origem a todas as outras línguas. Mais tarde, estudos que levam em consideração a cronologia demonstram que o chinês seria mais antigo que o hebraico podendo ser assim, a língua de Deus e, portanto, a perfeita. Com o tempo, esta ideia também acaba mudando.

A busca passa por diversas fases e com o advento do darwinismo no século XIX que influencia diversas áreas do pensamento e da ciência não é mais possível colocar o Deus cristão e o conteúdo do cristianismo como verdade absoluta global. A língua perfeita ligada a um Deus cristão ficaria relativizada. O evolucionismo darwiniano consistiu em imputar as semelhanças reconhecidas em culturas distintas e geograficamente afastadas a um desenvolvimento independente mas idêntico das civilizações (ROUDINESCO & PLON, 1997, p. 27). Para que a língua fosse perfeita deveria levar em consideração a diversidade cultural existente e deveria ter relação com o mundo inteiro. Portanto, deveria ser global.

Depois desta fase, entre outras línguas com diferentes objetivos, são construídas as chamadas línguas auxiliares internacionais. A ideia de seus construtores é mesclar vocabulários estruturas de várias línguas naturais com o objetivo de sensibilizarem seus falantes para uma possibilidade de comunicação auxiliar neutra. Os pensadores já não buscam a língua de Deus mas que a língua solucione os problemas da comunicação e que propicie paz, ou seja, que atenua o mal estar na civilização, mesma função que se espera das religiões.

Contudo, não de balde que os primeiros pensadores sobre a língua perfeita a atrelam a Deus. Deus emerge como o Pai na estrutura neurótica. A língua para fazer sentido na psique humana, deve estar vinculada à cultura, à lei e, portanto, ao Nome do Pai. Assim sendo as línguas construídas requerem algo que simule a função do “pai” que seja compatível com a teoria de Darwin ou teoria creditada vigente de modo que seja global.

1.4 A relação do Pai com Deus

Pai e Deus em psicanálise têm papéis semelhantes. A religião surge quando existe a saudade do pai todo poderoso como se Deus ou a simbologia mítica de cada religião assumisse esta posição. O indivíduo, enquanto criança, depende em tudo dos pais, sentindo a necessidade de ser amparado pelos adultos. Ao crescer, percebe que os pais não correspondem exatamente às expectativas, e passam a projetar um outro pai, desta vez, Todo-poderoso, ou seja Deus (FERREIRA NETO, 2015, p. 127).

A psicanálise dos seres humanos de *per si*, contudo, ensina-nos com insistência muito especial que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado. Como no caso do totemismo, a psicanálise recomenda-nos ter fé nos crentes que chamam Deus de seu pai, tal como o totem era chamado de ancestral tribal. (FREUD, 1913 -1914, p. Loc. 106 PDF)

Semanticamente,⁸ Deus pode ser definido:

- 1- Ser supremo
- 2- Cada um dos membros da Trindade.
- 3- Divindade do culto pagão ou de qualquer religião não derivada do mosaísmo.
- 4- Homem heroico ou de superioridade incontestável.
- 5- Objeto que exerce grande influência ou grande poder.

Os núcleos comuns explícitos e implícitos na definição são a superioridade e poder que coincidem com características normalmente creditadas à figura do pai. Estas características estão relacionadas com o sofrimento humano advindo do desamparo o qual figura do Deus-Pai vem para abrandar. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 7 PDF).

Como exemplo, o vínculo entre a figura do pai e Deus é facilmente identificado no discurso cristão. Na trindade “Pai, Filho e Espírito Santo” o vínculo é estabelecido. A coincidência do triângulo católico com o triângulo laciano (Real, Simbólico e Imaginário) e o edipiano freudiano (mãe, pai e filho) fez com que Lacan afirmasse que a religião católica fosse a verdadeira religião, não por ser uma religião divina, mas porque remetia à teoria psicanalítica (FERREIRA NETO, 2015, p. 226).

Tanto Freud como Lacan viviam em sociedades de crenças abraâmicas em que o vínculo entre Deus e a figura do Pai é facilmente verificado. Todavia, a identificação do Pai em outras religiões pode ser feita através do objeto almejado para abrandar o desamparo.

Além disto, muitas crenças religiosas estão relacionadas com a ignorância acerca dos fenômenos naturais (FERREIRA NETO, 2015, p. 117). A crença religiosa vem dar conta daquilo que não se sabe. Deus ou o conjunto mitológico de cada religião aparecem, então, para dar conta do que é incognoscível.

Não obstante, o desamparo e o desconhecimento não são sanados por um só Deus-Pai

⁸ Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/deus>

em todas as culturas. Na religião dos povos iorubá, por exemplo, que influenciaram tradições africanas no Brasil e toda a América via candomblé, santeria e outras, o conforto esperado do pai ficaria mais diluído. Em se tratando de uma tradição politeísta, não há um único Deus que daria conta de todo o desamparo e desconhecimento humanos. Assim mesmo, o vínculo estabelecido por Freud persiste. O panteão de Deuses iorubanos, chamados orixás, forneceria amparo, cada um na sua especialidade: Exu, para a guarda, Obaluaiê para a cura, Xangô para a justiça e assim por diante (HELLERN, NOTAKER, & GAARDER, 1998 [1952], p. 296).

No hinduísmo, uma religião panteísta, *Vishnu* é o Deus das revelações, *Shiva* é o Deus do desvario e do êxtase. Ele traz a doença, mas também a cura, enquanto *Brahma* é o criador, dando conta da explicação para a criação do universo. (HELLERN, NOTAKER, & GAARDER, 1998 [1952], p. 47). Diluição semelhante pode ser encontrada em outras religiões.

Há tradições, como a budista, em que não há a busca de Deus algum. Todavia, existe uma figura venerada como Buda, termo oriundo do sânscrito cujo significado é “o iluminado”. O príncipe Sidharta Gautama que, segundo a tradição budista foi o primeiro Buda, deixou um conjunto de preceitos que ajudam seus seguidores a lidar com o sofrimento. Nos três casos, monoteísta, politeísta e o de figura venerada, existem um ou mais significantes que aparecem para dar conta do desamparo humano.

Além disto, a religião é transmitida verbalmente, ou seja, através da linguagem. Ela faz parte do universo que Lacan chama de lei – o Nome do Pai. Este pode constituir mais um vínculo entre Deus e a figura Pai.

As religiões possuem suas doutrinas e estas estão ligadas a um corpo mitológico e pretendem dar conta do desamparo humano. Estas doutrinas formam um corpo de tradições que fazem parte da lei transmitida via linguagem.

Em muitas religiões, os seres divinos são detentores das ideias éticas e morais ou apenas tradições culturais que formam a doutrina num processo semelhante ao da figura do pai na transmissão da lei lacaniana. Nas religiões abraâmicas, o próprio Deus deixa as leis através de mandamentos que constam de suas escrituras-base. Algo semelhante acontece em outras religiões que usam liturgia.

Por outro lado, a lei constituída de costumes e doutrinas não precisa necessariamente ser transmitida pela escrita. A transmissão da lei pode ter efeito se transmitida via signos visuais, acústicos ou sensoriais. A tradição verbal passada de geração em geração é um exemplo da lei sendo transmitida de forma verbal – via língua. Rituais realizados para cada divindade formam parte da cultura, ou seja, lei.

Com isto, a figura do pai que transmite a linguagem e a lei além de tratar do desamparo humano tem correlação com a interpretação do significante Deus ou o corpo de figuras mitológicas ou reverenciais em cada religião. Desta forma, o vínculo entre pai e Deus implica na relação entre a língua e Deus, na condição de significante substituto da figura do pai.

1.5 A segregação sígnica de Deus

Sendo as religiões fenômenos culturais, são transmitidas à psique dos indivíduos através das línguas, compondo seu *modus pensandi*. São parte de um conjunto de leis transmitidas pelo pai simbolizado na figura de Deus ou em outro protagonista religioso com o mesmo papel de amenizar o desamparo humano e explicar fenômenos naturais não compreendidos.

Embora este papel psicanaliticamente paterno de Deus possa ser um traço comum às religiões, a simbolização dentro de cada cultura conta com uma infinidade de possibilidades. A imagem de um pai pode ser descrita de diversas maneiras, e falando do papel psicanalítico deste pai, as maneiras tendem ao infinito uma vez que praticamente qualquer coisa que possa sanar o desamparo e dar explicações ao que se desconhece satisfaria a função.

Iemanjá, *Thor*, *Shiva*, Javé entre uma abundância de divindades nas mais variadas culturas estão literalmente segregadas pelas diferenças que são impressas na acústica da pronúncia de seus nomes e na complexidade da tradição mitológica ligada a cada uma delas.

Assim, a população global está fragmentada em línguas e estas veiculam culturas dentro

das quais assentam conceitos de Deus cujas interpretações divergem entre si, ao mesmo tempo, que apontam para um mesmo objeto. Para a compreensão deste fenômeno é necessário recorrer à conceituação de signo segundo o cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce (SANTAELLA L. , 1983, p. 23).

O signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto (SANTAELLA L. , 1983, p. 90). Ou seja, tudo o que existe e pode representar outra coisa é um signo. Uma palavra é um signo daquilo que ela representa. Uma caneta que tenha pertencido ao avô de alguém pode ser um signo deste avô. Um chão molhado pode ser um signo que indica chuva. O desenho de uma chave pode ser um signo da chave física. Assim tudo é potencialmente um signo daquilo que remete na interpretação.

O objeto dinâmico é o que é representado. Quando se escreve, pronuncia ou desenha, por exemplo, “árvore”, o objeto de referência é a árvore física. A maneira que ela está sendo representada é o objeto imediato que contribuirá para a formação do signo (SANTAELLA L. , 1983, p. 92) .

O interpretante imediato é aquilo que o signo pode produzir na mente interpretadora. O interpretante dinâmico é o que o signo efetivamente produz nela (SANTAELLA L. , 1983, p. 93). E isto depende, entre outros fatores, da lei, ou cultura transmitida pela Função do Pai.

Partindo do princípio de que Deus é a figura do Pai que aparece para sanar o desamparo e o desconhecimento humanos, podemos tratá-lo, teoricamente, como o objeto dinâmico comum a todos os indivíduos neuróticos e teístas. Aqui é importante que seja feito este recorte, pois os universos psicótico, perverso e ateu teriam uma relação diferente com o esquema aqui apresentado do significante Deus. Feito isto, este objeto seria então a antítese da causa do sofrimento humano, inclusive o da ignorância.

Os diversos personagens, objetos e fenômenos expressos em cada religião constituem a maneira pela qual os indivíduos representam este objeto dinâmico e constituem o objeto imediato que vai dar corpo ao signo. Aí são nomeadas as instâncias que vão representar a antítese da causa do sofrimento humano. O signo afeta seus intérpretes através de interpretantes que podem ser imediatos (efeitos potenciais nos intérpretes), ou ainda, dinâmicos (efeitos efetivos).

Trazendo esta teoria para a prática, pode-se dar como exemplo o das religiões abraâmicas que possuem o maior número de seguidores no mundo. Elas fazem referência, teoricamente, ao mesmo Deus, o de Abraão. Tanto o antigo testamento ou Torá, os evangelhos como o Alcorão, livros-base, respectivamente do Judaísmo, Cristianismo e Islã, compartilham a ideia de que Deus é aquele de Abraão e que criou Adão e Eva. Além disto, tanto o cristianismo como o islã têm em suas literaturas menções a Jesus como messias e a Maria como sua mãe.

Outrossim, há opiniões divergentes por parte dos seguidores das religiões de Abraão, neste caso devido à língua. As línguas de família semita, o hebraico (língua litúrgica do judaísmo), aramaico (língua que Jesus teria falado) e o árabe (língua litúrgica do islã) compartilham muitas semelhanças estruturais e léxicas. A palavra Deus em hebraico seguida de sua romanização aproximada, é אֱלֹהִים, “*Elohim*”, em aramaico ܐܠܗܐ, “*Elaha*”, “*Alaha*” na versão siríaca, e em árabe الله, “*Allah*”. A semelhança é notável. Além disto, é importante observar que a palavra *Allah*, está escrita na versão árabe da primeira frase da Bíblia judaico-cristã. Apresenta-se sublinhada para melhor identificação:

في البدء خلق الله السماوات والأرض

“No início Deus criou os céus e a terra” (INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY, 1999, pp. 1, tradução própria)

A grafia mais fiel em alfabeto romano correspondendo da direita para esquerda (direcionamento da escrita árabe) as letras que dão o som de a-l-l-a-h seria *Allah* que corresponde na frase à palavra sublinhada الله. Obviamente, existem as questões de sacralidade das línguas hebraica, aramaica e árabe o que pode demandar que Deus seja referido nestas línguas.

Em outras hipóteses, chamar o Deus dos muçulmanos de “*Allah*” quando se fala português, teria uma prática semelhante a chamar o Deus dos protestantes de “*Gott*”, já que a língua de Lutero, responsável pelo conflito teológico que resultou no protestantismo, era o alemão (HELLERN, NOTAKER, & GAARDER, 1998 [1952], p. 195). Tampouco se pode dizer que o Deus dos judeus é “*Elohim*”, no intuito de chamá-lo de um outro Deus tendo como base a tradição cristã. “*Elohim*” não é senão Deus na língua hebraica. Todavia, referir-se ao Deus dos muçulmanos como *Allah* é bastante

comum nos meios de comunicação.

Depois os jovens, que, segundo a agência semi-oficial Isna, eram estudantes da Universidade de Karaj, aproximaram-se do muro que cerca a nunciatura e atiraram ramos de flores enquanto gritavam "Allah Akbar". (Alá é grande). (AGÊNCIA ESTADO, 2006).

A música, com vozes masculinas cantando em inglês, continha versos como: “Em nome de Allah, vamos marchar para as portas do paraíso, onde nossas donzelas aguardam [...]” (O GLOBO / AGÊNCIAS INTERNACIONAIS, 2017).

Por outro lado, esta divindade que epistemologicamente se coloca como uma, é chamada em latim de Deus. Segundo matéria da revista Superinteressante (VERSIGNASSI, 2017), as culturas mais antigas do Ocidente chamavam Deus da mesma forma que as crianças chamam: “Papai do Céu” o que reforça o vínculo entre Deus e a figura do pai.

Ainda de acordo com a mesma fonte, a palavra Deus tem origem no proto-indo-europeu, língua que deu origem ao eslavo, germânico, grego, latim e sânscrito entre outras línguas. Nesta língua o termo Deus Pai, deveria ter soado como “*Dyeus Phater*” – sendo que *Dyeus* era “céu”, e *Phater*, como a grafia remete, é “pai”. No grego, a palavra *Deus* evoluiu até se tornar *Zeus*, divindade creditada pelos cristãos como pagã. Ou seja, o significante “Deus” poderia ter mais relação com o paganismo que “Allah”, neste caso.

Ironicamente, porém, é possível encontrar na internet a atribuição do termo pagão a *Allah*, a exemplo do artigo publicado no sítio eletrônico do Centro Apologético Cristão de Pesquisas (ARTIGO COMPILADO, 2015).

O exemplo de *Allah* demonstra como um signo que deveria remeter ao mesmo ser mitológico pode ser fragmentado devido à língua. O objeto dinâmico das religiões abraâmicas seria, teoricamente o mesmo: O Deus da mitologia de Adão, Eva e Abraão. Todavia quando é expresso por diferentes signos acústicos causa em seus intérpretes diferentes efeitos. *Allah* para judeus, cristãos e muçulmanos árabes pode remeter à

mesma divindade. Já para um indivíduo que se refere a Deus em português, *Allah* irá se relacionar com o conteúdo impresso em sua memória que se relacionaria com este signo acústico. É possível que este indivíduo só tenha escutado falar de *Allah* num contexto islâmico, já que o islã é a religião da maior parte dos locutores da língua árabe.

Pode-se ter, neste caso, o objeto dinâmico “O Deus de Abraão”, o Signo “*Allah*”, e o interpretante dinâmico “O Deus dos muçulmanos” (que não seria o mesmo dos cristãos). Obviamente, que neste caso, há a ausência de conhecimento cultural e linguístico por parte do intérprete.

No exemplo é demonstrado que a fragmentação do significante Deus é possível mesmo quando se trata de uma divindade cuja tradição cultural histórica é semelhante, senão a mesma sendo o desconhecimento, da língua ou da cultura que envolve o signo, a causa do distanciamento entre o objeto e o interpretante.

Este distanciamento é ainda maior quando se trata do objeto dinâmico baseado no conceito psicanalítico de Deus, uma vez que o signo acústico e a cultura que envolve a grande variedade de Deuses imprime diferenças marcantes nos interpretantes fragmentando o signo que representa aquilo que, os seres humanos, na condição neurótica buscam quando procuram Deus.

1.6 Línguas artificiais globais e a sublimação da pulsão de morte no contexto das massas religiosas

Desde os mais remotos tempos, a história tem mostrado rivalidade e agressividade entre grupos de pessoas muitas vezes segregados por divergências filosóficas tendo Deus ou as religiões como exemplos intrigantes, uma vez que, contraditoriamente, se propõem como soluções para o mal-estar humano.

Conforme, menção de Freud a McDougall entre as condições para a elevação da massa a o que chama de um nível superior está a que esta se coloque em relação com outras semelhantes, mas em muitos pontos diferentes, para que haja alguma rivalidade entre elas (FREUD, 2016 [1921], p. Loc. 28 PDF).

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud faz a análise de duas massas que chama de artificiais: a igreja e o exército. No primeiro caso, que aqui é o foco, ele coloca Cristo como o líder da massa. Vale ressaltar que Cristo para os cristãos é a figura de Deus, portanto o pai. Importante que não se confunda com o conceito de pai na trindade cristã. Pai aqui é a figura do papel que exerce de Todo-poderoso, capaz de sanar o sofrimento.

Embora este Pai pregue o amor através de seu mandamento ou lei “Amarás o próximo como a ti mesmo” (Evangelho de São Marcos 12:31), existe o mecanismo da religião que tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores (FREUD, 2016 [1921], p. 41), ou seja, para os que pertencem a outra massa.

O mandamento cristão é explorado por Freud em sua obra “O mal estar na civilização”. Segundo ele uma pessoa é merecedora do amor quando se apresenta como semelhante, em aspectos importantes. Mas, se a pessoa for um estranho e seus valores não forem atraentes, ou tiverem qualquer significação que já possa ter adquirido para a vida emocional do indivíduo será difícil amá-la. Ele completa dizendo que o estranho possui mais direito ao ódio ou hostilidade e que os seres humanos são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 70 PDF). Esta agressividade é oriunda da pulsão de morte (na obra a Freud chamada de instinto de morte).

Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 77 PDF)

A segregação sônica de Deus mostra como os intérpretes podem ser colocados em diferentes massas. São seguidores de diferentes significantes atribuídos a Deus ou, metafórica e psicanaliticamente falando, se consideram filhos de diferentes pais. Manifesta-se aí a diferença que constitui uma das condições para elevação da massa além de legitimar o pertencente a outra massa como um estranho e, portanto, alvo de

hostilidade. A divergência sgnica de Deus passa a representar um reclamo para a concretização da pulsão agressiva.

O exercício desta pulsão de morte por motivações religiosas são várias na história mundial. Entre elas pode-se usar como exemplo:

- A rivalidade entre o mundo islâmico e o cristão durante as cruzadas na antiguidade e os ataques dos chamados “radicais islâmicos” contra o ocidente que se intensificam depois do evento de 11 de setembro de 2001;
- O holocausto que os judeus sofreram durante o auge nazista;
- O conflito entre judeus e palestinos (muçulmanos e cristãos) depois da fundação do estado de Israel;
- A guerra entre muçulmanos e hindus no subcontinente indiano que resultou na criação do Paquistão; e
- Ataques de cristãos contra praticantes de religiões de matriz africana no Brasil.

Com efeito, os exemplos mencionados representam uma amostra ínfima se for levada em consideração a história mundial e os choques culturais de natureza religiosa.

A ênfase nas diferenças para demarcação das massas pode ser potencializada com a visão dicotmica, ou chamada visão em branco e preto. Nela o indivíduo tende a crer que quem não está com ele está contra ele. Esta configuração mental propicia a demonização de signos relativos a Deus que pareçam estranhos ao sujeito. Pode ter sido o caso da configuração sgnica do demnio da mitologia cristã: O Satanás.

Satanás corresponde à versão grega, das palavras Sat do hebraico שטן /satan/, do grego Σατανς /satanas/ e do rabe شيطان /fajtan/, também conhecido na religião islâmica. Ocorre que no mundo pr-cristão, principalmente na Europa, existia uma veneração ao que os antigos identificaram como responsáveis pela criação: o pnis e a vagina, o macho e a fêmea.

Eles [os deuses] equivalem na Cabala às esferas de Binah e Chonkmah, representadas ambas respectivamente pelos órgãos de geração humana, a forma mais básica e arcaica de representar a criação cósmica em termos humanos, e que encontramos expresso com crueza pictórica nas galerias das cavernas pr-históricas sobre forma de signos sexuais. [...] Não será estranho, também que o Deus do Wicca e da Bruxaria

Visionária se apresente com cornos e elementos animais como alguns anjos babilônicos, sugerindo um estágio de consciência humana, em que se sentia que as duas esferas, animal e humana, não estavam ainda completamente separadas uma da outra. (LASCARIZ, 2008, p. 393)

Este Deus macho era chamado de Cornífero ou Cornífero também venerado pelos Ceutas. Assim como acontece com alguns animais, seus chifres podem ter relação com falo, o macho fertilizador que junto com a Deusa fêmea completavam o equilíbrio da natureza. Uma metáfora às estações do ano e às relações humanas com sentido relativamente semelhante ao chinês de, 陰陽, *yin yang*, ou no chinês simplificado, 阴阳 que consiste do conceito taoista e exprime a dualidade de tudo que existe no universo, mas neste caso diferente de bem e mal, mas relacionado a macho e fêmea, quente e frio numa relação de interdependência e complementaridade.

Todavia, para a concretude da diferenciação das massas e expressão da pulsão de morte, o signo deste Deus que oferece diferenças é, muitas vezes, colocado como contraponto, ou avesso, digno do ódio. Satanás foi associado à imagem de um Deus pertencente a outra cultura. E práticas como estas são frequentes transformando signos divinos de tradições alheias em demônios como demonstra o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, em uma de suas obras:

Os deuses famosos da Antiguidade, tanto no Egito, quanto na Mesopotâmia, bem como os da mitologia africana, são, na realidade, demônios que nunca deixaram em paz o homem, seu alvo principal. [...] São entidades espirituais que atuam organizadamente, atingindo e destruindo constantemente a humanidade, tendo satanás por chefe. (MACEDO, 2016 [1998], p. Loc. 13 PDF)

Textos como estes atribuem ou associam o significante Satanás a significantes de Deuses ou seres mitológicos de outras religiões e culturas, possibilitando assim um comportamento hostil para com seus seguidores. Fenômenos como este já eram previstos na abordagem de Freud.

Não é de menosprezar a vantagem que tem um agrupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas por amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. [...] Paulo fez do amor universal aos homens o fundamento de sua congregação, a intolerância extrema do cristianismo ante os que permanecem de fora tornou-se uma consequência inevitável. (FREUD, 1974)

As menções de Freud e os exemplos aqui citados dão destaque ao cristianismo, uma vez que esta é a crença contextual de mais fácil acessibilidade no contexto desta monografia. Outrossim, é de amplo conhecimento enxergar o estranho como inimigo entre das massas, potencialmente quaisquer, com base nos conflitos existentes na história da humanidade e na atualidade conforme publicou Soares na revista *Super Interessante* (7 conflitos atuais causados por diferenças religiosas, 2016).

A despeito desta forte tendência de qualificar o outro como estranho ao nível de merecer a prática do exercício da pulsão de morte através da agressividade, a sublimação pode ser uma alternativa. Os jogos olímpicos, por exemplo, fazem com certa eficácia o que Freud chama de sublimação dos impulsos agressivos, estabelecendo uma nova relação entre o sujeito e o outro adversário, diminuindo assim a agressão entre as massas que constituem a humanidade. No entanto o que cabe aqui é a sublimação através da língua.

A criação de línguas artificiais globais, ou as chamadas de línguas auxiliares a exemplo do esperanto e do *volapük* apareceram com o intento, entre outros, de trazer paz e harmonia entre os povos. No entanto, a língua artificial quando criada não ultrapassa os limites de uma estrutura que pouco tem a oferecer às questões do Pai, de Deus, das leis e da relação entre as massas.

Zamenhof, o criador do esperanto, por exemplo, se preocupou como o conteúdo filosófico de sua língua, o que constituía, de alguma maneira a lei com os seguintes princípios (WIKIPEDIA, *Homaranismo*, disponível em <pt.wikipedia.org/wiki/Homaranismo>, acessado em 14 de março de 2018):

- A humanidade é uma família.
- Nossos atos sejam regidos por este ideal.
- Não julguemos os homens por sua raça, mas por suas boas ou más ações.
- As nações não pertencem a este ou àquele núcleo humano, mas a todos os habitantes.
- Não procuremos impor aos homens nem a nossa língua nem a nossa crença.
- O "homem" está antes de tudo e acima de tudo.
- O patriotismo não deve degenerar em patriotice.
- A língua não é um fim; só um meio.

- Com os que desconhecem nosso idioma, usemos uma língua neutra.
- A religião não deve herdar-se dos pais; deve adotar-se livremente com plena consciência.
- Sejamos tolerantes e compreensivos para com aqueles que não têm os mesmos ideais que nós.
- Cultivemos sentimentos fraternais para com nossos semelhantes.

Assim mesmo, tais mandamentos, de alguma maneira, cotejam o mandamento de Cristo, o qual Freud julga impossível de cumprir, já que, o outro na condição de estranho seria digno do ódio.

Uma língua artificial que se pretenda global com o intuito de servir como parte de um processo de sublimação da pulsão de morte, deve procurar eliminar esta qualidade estranha do outro, e para isto, deve harmonizar as questões culturais, e, no que tange o universo neurótico-teísta, tem de solucionar a fragmentação sígnica do Deus-Pai, de modo que seus locutores se enxerguem incluídos nesta lei, mesmo quando ainda não falam a língua.

A língua tem de ser percebida como um universo de conteúdo sígnico que abraça e acolha as línguas naturais e seus conceitos culturais diversos, tarefa difícil que se posiciona no limite entre a factibilidade e a utopia. Além disto, a pulsão de morte habita a psique humana. Mesmo que através de uma língua e absorção de uma cultura que contemple a do indivíduo, sua agressividade tem de ser desviada para algum lugar. Este lugar também deve ser nomeado por esta língua global. Ela deve responder às perguntas “Se todos nós humanos estamos dentro, quem está fora? Quem devemos combater?”. Surge a necessidade de significação do que verdadeiramente causa o mal-estar: o desamparo e o desconhecido.

2 Breve introdução às línguas construídas

O termo língua construída, planejada ou artificial (ECO, 1995, p. 6), utilizado nesta monografia, diz respeito a línguas cujos vocabulário e estrutura são construídos artificialmente via processo diferente do natural que causa a linguística geográfica (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 251). Em inglês o termo *conlang* é utilizado por construtores de línguas, interessados no assunto e pela Sociedade de Criação de Línguas (*Language Creation Society*).

Há, no entanto, controvérsias se a língua construída deve ser chamada de língua, uma vez que pode não possuir a mesma função que consiste de sistema de comunicação comum a uma comunidade linguística⁹. Segundo Saussure:

[...] ela [a língua] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41)

Desta maneira, com respeito à semântica deveria ser mais apropriado tratar as chamadas *conlangs* de linguagens construídas, já que o termo linguagem faz referência à expressão do pensamento pela palavra, pela escrita ou por meio de sinais. Assim mesmo, para que haja uma equivalência com o termo usado em inglês haveria necessidade maior especificidade uma vez que o termo linguagem pode ser aplicado em outras áreas como, por exemplo, na ciência da computação. A linguagem deve ter como alvo a comunicação humana, ou seja, um intento, mesmo que hipotético, de ser uma língua. Assim, toma-se a liberdade de, neste momento tratar as *conlangs* como línguas construídas ou línguas artificiais.

O conceito mereceu o interesse de Umberto Eco, tendo relevância na obra “A busca pela língua perfeita” cuja abordagem é feita em ordem cronológica tendo início na Grécia e, em seguida, na mitologia abraâmica, mencionando ninguém menos que Deus transferindo a linguagem a Adão e depois confundindo as línguas na narrativa da construção da Torre de Babel. O autor foca na Europa perpassando momentos em que a

⁹ Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/lingua>

busca de uma solução linguística para a insatisfação com aspectos das línguas naturais norteava ou se enredava com importantes movimentos filosóficos que marcam a história da humanidade. Nos mais derradeiros momentos da narrativa, são mencionadas as línguas construídas a exemplo do *volapük* e do esperanto.

Eco também menciona a criação de centenas de projetos de línguas artificiais durante os séculos XVII e XVIII. Com base no site da Sociedade de Criadores de Línguas e nos grupos de redes sociais¹⁰, é possível estimar que hoje este número chegue a alguns milhares com uma grande diversidade de finalidades.

Outro especialista que merece destaque na atualidade é o linguista David J. Peterson, cofundador da Sociedade de Criadores de Línguas e criador de diversas línguas artificiais, entre elas, o Dothraki e as línguas valyrianas faladas na série da HBO, *Game of Thrones*. Autor do livro “*The art of language invention*” (A arte de inventar línguas, sem versão em português), narra o fenômeno de criação de línguas mencionando desde aspectos emocionais, características e classificações das línguas atualmente construídas e apresenta um guia com os itens estruturais para a construção de línguas.

Entre os aspectos que chamam a atenção no processo de criação de línguas está o momento da vida psicanalítica de alguns construtores de línguas no momento da criação. Zamenhof deu início ao seu processo de criação entre seus 10 e 20 anos de idade, momento em que os indivíduos percebem que os pais não correspondem exatamente às expectativas, e passam a projetar um outro pai (FERREIRA NETO, 2015, p. 127).

Não existe uma pesquisa específica sobre o assunto, mas a coincidência desperta a atenção para o fato de que a língua está ligada à função paterna. Alguns indivíduos devem forjar línguas no momento em que o pai não corresponde à expectativa idealizada como uma tentativa concretizar o que não é encontrado nas línguas naturais, ou seja, na cultura vigente.

As línguas construídas, muitas vezes, constituem um portal para formas de pensar e culturas alternativas à realidade conhecida. Palavras são criadas com conceitos diferentes, alfabetos, fonéticas e estruturas que, por si, consistem-se de signos que traduzem realidades diferentes das existentes.

¹⁰ Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/Conlang> >

Segundo Peterson, para que a língua criada tenha alguma audiência, tem de estar ligada a um propósito e menciona o pensamento de J. R. R. Tolkien durante a criação da língua de mesmo nome, Tolkien.

Ele (J. R. R. Tolkien) entendeu que a própria linguagem é inseparável da cultura que a produz (ou "mitologia", como ele coloca), e sentiu que se a linguagem que ele estava criando não tivesse espaço para crescer, eles não teriam qualquer tipo de vitalidade. (PETERSON, 2015, pp. kindle loc 264, tradução própria)¹¹

Assim reforça-se a ideia de vínculo entre língua e cultura mesmo nos casos das línguas artificiais que podem ter diversas motivações, dentre as quais facilitar a comunicação entre diferentes povos, aproximando-os.

2.1 Histórico e motivação para construção de línguas

A história e a motivação para a criação de línguas estão interligadas. A motivação antecede a criação que forma o histórico contendo as diversas criações. Ela também é consequência de um pensamento num dado momento da história. Este pensamento é influenciado pela cultura e pela língua, função paterna, algumas vezes, simbolizadas em Deus.

Talvez, entre os objetivos mais comuns esteja o de criar uma língua auxiliar para facilitar a comunicação entre pessoas que não possuem nenhuma língua comum (BROWN & OGILVIE, 2009, p. 75) e este se relaciona com a possibilidade de ter uma característica global.

A busca por uma língua perfeita anterior ao mito da Torre de Babel, chamado de *Confusio Linguarum* (ECO, 1995, p. 7), é um tema que rememora Aristóteles e passa por diversos filósofos. A língua buscada, porém, passa a assumir uma forma de língua auxiliar, quiçá, global a partir do momento que a humanidade vive um maior contato entre as massas, exigindo um meio de comunicação que facilite a interação.

¹¹ *He understood that language itself is inseparable from the culture that produces it (or "mythology", as he puts it), and he felt that IF languages he was creating had no place to breathe, they wouldn't have any kind of vitality.*

Segundo artigo de P.O. Bartlett sobre línguas artificiais em 2006 (BROWN & OGILVIE, 2009, p. 76) um dos primeiros projetos conhecidos no ocidente é o da *Lingua Ignota* por Hildegard of Bingen no século XII. Mas não ficou claro se era por um objetivo lúdico ou com um propósito de ser uma língua auxiliar.

Entre os séculos XIII e XIV, Ramón Llul escreveu sua “*Ars Magna*”, tendo entre seus objetivos a conversão de não cristãos. Posteriormente, durante os séculos XVIII e XIX, surgiram várias propostas de línguas artificiais, como a de Jean François, o Solresol que se baseava numa escala musical.

Em 1879, foi criado o Volapük, pelo padre Johann Martin Schleyer, sendo considerada a primeira língua a ter relativo sucesso devido ao entusiasmo inicial na Europa e América do Norte, o que diminuiu com o passar do tempo devido a deficiências encontradas na língua e desentendimentos entre os entusiastas da língua. Surgiram variedades posteriores.

Criada em 1887 por Ludwig Lazarus Zamenhof, o Esperanto (1887) teve, relativamente mais sucesso que as demais línguas construídas. As estimativas sobre o número de falantes são controversas, sendo de milhares até milhões. Existem diversas publicações na língua (WIKIPEDIA, 2018) como periódicos e o Wikipédia também tem versão em esperanto. Porém críticas ao Esperanto podem ter desencorajado sua propagação e propiciaram a criação de línguas derivadas.

Várias línguas artificiais foram criadas com a ideia de soarem natural como projeto para falantes de línguas europeias, especialmente ocidentais. Entre elas pode-se mencionar: *Latino Sine Flexione* (1903) por Giuseppe, *Occidental* (1922) de Edgar de Wahl e *Interlingua* (1951) pela Associação de Língua Auxiliar Interacional (*International Auxiliary Language Association, Inc.*). Também foram criadas as chamadas línguas estruturalmente lógicas como o Loglan (1960) e o Lojban (1988) pelo Grupo Língua Lógica (*Logical Language Group, Inc.*)

Além disto, com base na vastidão de literaturas informais na internet, hoje é possível localizar e estimar uma grande diversidade de projetos linguísticos em fases e formas bastante variadas constituindo um fenômeno independente e desconexo do processo natural de formação de línguas. E com base nos registros históricos é possível que o número de projetos linguísticos esteja crescendo.

O Wikipédia, menciona pelo menos 39 projetos de línguas auxiliares internacionais desde o início de seu surgimento (WIKIPEDIA, 2018), 15 dos quais surgiram a partir da década de 1960. O último projeto registrado é *Lingwa de Planeta* (2010) por Dmitri Ivanov. Contudo e, além disto, o facebook reúne construtores de línguas num grupo intitulado “*Conlangs*” que contempla 2525 participantes¹². A maioria dos novos projetos, pelo que tudo indica, permanece desconhecida.

2.2 Classificação de línguas

As línguas podem ser classificadas, primeiramente, através das famílias e subfamílias linguísticas, depois pela tipologia (BROWN & OGILVIE, 2009, p. Introduction xix), considerando os tópicos mais relevantes para o objetivo pretendido neste estudo. Estas classificações são aplicáveis tanto a línguas naturais como artificiais. Neste sentido, não são abordadas classificações relativas à área, embora seja apresentado um mapa, nem à estatística lexical, uma vez que dentro do recorte de línguas artificiais são escassas as informações e irrelevantes para o momento.

Com relação à classificação exclusiva a línguas artificiais, é usada como base, a terminologia da obra “*The Art of language invention*”, (PETERSON, 2015, p. kindle loc 404) cabível para contextualizar o tema do presente estudo.

É importante que se mencione que cada língua pode pertencer a mais de um tipo ou classificação tendo mesclas de características mencionadas em cada definição.

2.2.1 Famílias Linguísticas

As classificações de línguas em famílias leva este nome por seguir o mesmo padrão da filogenética, de acordo com a descendência de um parentesco comum. Não quer dizer, necessariamente, que os falantes de uma determinada família linguística também

¹² Disponível em < www.facebook.com/groups/Conlang >. Acessado em 22 de maio de 2018.

possuam parentesco genético. Seria um erro supor que pela comunidade de línguas se possa inferir consanguinidade (SAUSSURE, Curso de Linguística Geral, 2012 [1916], p. 295). Ela é importante, no caso, para a avaliação da hibridez filogenética das línguas artificiais, quando aplicável.

Muitas vezes, a identificação das línguas por similaridade tanto estrutural como léxica é facilmente vislumbrada como, por exemplo, a que se refere às línguas latinas. O primeiro artigo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” pode ser usado como referência¹³:

- Latim Clássico (língua mãe): *Omnes homines dignitate et iure liberi et pares nascuntur, rationis et conscientiae participes sunt, quibus inter se concordiae studio est agendum.*
- Catalão: *Tots els éssers humans neixen lliures i iguals en dignitat i en drets. Són dotats de raó i de consciència, i han de comportar-se fraternalment els uns amb els altres.*
- Espanhol: *Todos los seres humanos nacen libres e iguales en dignidad y derechos y, dotados como están de razón y conciencia, deben comportarse fraternalmente los unos con los otros.*
- Francês: *Tous les êtres humains naissent libres et égaux en dignité et en droits. Ils sont doués de raison et de conscience et doivent agir les uns envers les autres dans un esprit de fraternité.*
- Italiano: *Tutti gli esseri umani nascono liberi ed eguali in dignità e diritti. Essi sono dotati di ragione e di coscienza e devono agire gli uni verso gli altri in spirito di fratellanza.*
- Português: *Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.*
- Romeno: *Toate ființele umane se nasc libere și egale în demnitate și în drepturi.*

¹³ Universal Declaration of Human Rights (Article 1) Language family: Indo-European: Italic/Romance. Disponível em: <<https://www.omniglot.com/udhr/italic.htm>> . Acessado em 05 de janeiro de 2017.

Ele sunt înzestrate cu rațiune și conștiință și trebuie să se comporte unele față de altele în spiritul fraternității.

Embora as línguas latinas sejam facilmente identificadas como semelhantes devido a como soam e a similaridades dos signos gráficos, esta última não deve ser tomada como a única maneira de se identificar um ancestral comum.

Primeiramente, existem infinitas formas de se representar graficamente um signo acústico. A similaridade parte do som das palavras e de como teria evoluído a partir da proto-língua, ou língua-mãe, até a atual. Por exemplo: Casa, kaza, كازا, קאזא, काजा e カザ são todas possibilidades gráficas de se representar o mesmo signo acústico da palavra “casa” pronunciada em português do Brasil - [kazə] - em alfabeto fonético internacional.

A similaridade na escrita, portanto, não implica em parentesco. O árabe, falado nos países árabes, e o persa, falado no Irã, são escritos em alfabetos com base no árabe, mas não possuem ancestral genético comum. A primeira é semita e a segunda é indo-européia, assim como o português ou o inglês. Por outro lado, o híndi, escrito em alfabeto devanágari e o urdu escrito em alfabeto árabe são línguas praticamente idênticas filogeneticamente.

Assim, ao se observar tanto línguas naturais como artificiais quando escritas, não se pode concluir que tenham similaridade com uma ou outra língua, mesmo que sua apresentação como signo gráfico nos remeta a algum universo conhecido.

Além do mais, é possível que línguas de partes diversas do mundo, não demonstráveis como geneticamente próximas, apresentem semelhança de estrutura além de que se pode muito bem supor que línguas com grande parentesco também mostrem forte semelhança na estrutura (STÖRIG, 2006 [2002], p. 228). As línguas celtas e as latinas apontam a hipótese de um passado comum, mas estruturalmente diferem consideravelmente. Por outro lado, encontram-se semelhanças estruturais entre o finlandês e o turco, línguas que pertencem a diferentes famílias linguística, segundo a maior parte dos especialistas. Contudo, estes casos são, na maioria das vezes, exceções.

Assim, para se identificar a afinidade genética das línguas é preciso que tenham:

- 1) Formação a partir de uma “língua mãe” com evidência de uma série copiosa ininterrupta de testemunhos escritos;
- 2) Uma *família* é constituída de línguas cuja evolução a partir de uma protolíngua comum a que, embora não tenha testemunhos escritos, seja possível chegar a partir da de sua reconstrução conforme Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 289); e
- 3) Com base em semelhanças encontradas no léxico, descartando-se empréstimos e principalmente na gramática e na fonética. Este, método, porém, pode incorrer em erros (STÖRIG, 2006 [2002], p. 117).

Para efeito de demonstração apresenta-se mapa com a distribuição de famílias linguísticas pelo planeta (STÖRIG, 2006 [2002], p. 96):

Legenda:

- 1) Tabasco, 2) Sioux-Dacota, 3) Uto-asteca, 4) Maia, 5) Chipcha, 6) Quíchua, 7) Língua esquimós, 8) Algonquino, 9) Iroquês, 10) Muscogui, 11) Caraíba, 12) Arauaque, 13) Tupi-guarani, 14) Jê, 15) Chon, 16) Indo-Europeu, 17) Basco, 18) Camito-Semítico, (a. Semítico, b. Berbere, c. Tchado-camítico d. Cuxita) 19) Línguas sudanesas, 20) Banto, 21) Khoisan, 22) Nilótico, 23) Caucásico, 24) Urálico (a. Ugro-Finês, b. Úgrico, c. Finês), d. Samoiedo 25) Dravídico, 26) Paleoasiático (a. Lucagir, b. Tchuktcho-camtchadálico, c. Guilíaco, d. Aino) 27) Sino-Tibetano, 28) Austro asiático, 29) Australásico, 30) Papua 31) Australiano, 32) Tasmaniano, 33) Altaico (a. Línguas turcas, b. Línguas mongólicas, c. Lacuto, d. Coreano, e. Japonês, f. Tunguês) e 34) Outras línguas.

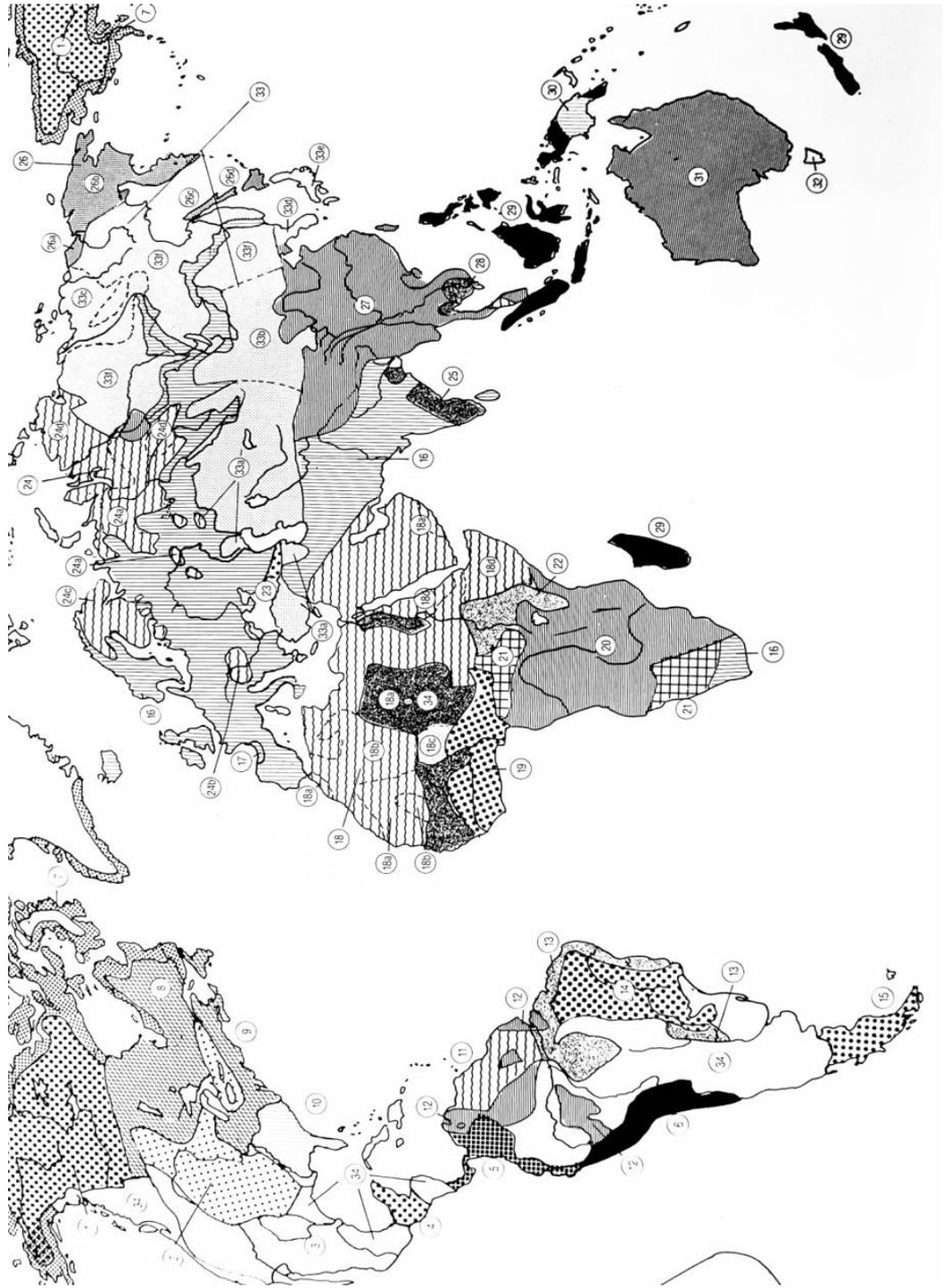


Figura 1 Mapa linguístico do mundo (STÖRIG, 2006 [2002], p. 96).

A classificação apresentada no mapa (STÖRIG, 2006 [2002], p. 96) pode não ter aceitação unânime pela comunidade linguística devido a algumas possíveis vertentes que classificariam algumas famílias linguísticas de maneira diferente, principalmente no que se refere às línguas altaicas. Além disto, é preciso mencionar

que, principalmente nas Américas e na África, é retratada a situação pré-colonial. Hoje, grande parte destas áreas possui falantes de línguas indo-europeias.

Se o mapa apresentado for modificado incluindo as línguas que são faladas hoje como primeira ou segunda língua, as Américas e grande parte da África teriam participação significativa de línguas indo-europeias. Restariam poucas regiões de línguas de outras famílias que possuem mais de 100 milhões de locutores, entre as quais, a saber: o árabe, o chinês, malaio-indonésio e as línguas turcas.

A grande família indo-europeia é bastante utilizada por Saussure no Curso de Linguística Geral como exemplo e é o caso mais estudado no ocidente. Devido a sua abrangência geográfica, importância e quantidade de línguas descendentes, esta grande família merece detalhamento (BROWN & OGILVIE, 2009, p. xii Subject Classification). São mencionadas as subfamílias seguidas, se necessário, de exemplos aleatórios de línguas, assumidos como entre os mais conhecidos:

- Albanês;
- Armênio;
- Línguas anatólicas;
- Línguas balto-eslavas - lituano e letão (bálticas) e polonês, tcheco, russo (eslavas) etc.;
- Línguas celtas: gaélico-escocês, irlandês etc.;
- Línguas germânicas: alemão, inglês, holandês sueco etc.;
- Línguas helênicas: grego antigo e grego moderno;
- Línguas indo-iranianas: bengali, híndi, nepalês, sânscrito, urdu etc. (índicas); e dari, *pashto*, persa, etc. (iranianas);
- Línguas itálicas: catalão, espanhol, francês, italiano, português, romeno etc.;
- e
- Tocário.

2.2.2 Tipologia Linguística

São apresentadas as tipologias linguísticas (STÖRIG, 2006 [2002], p. 225 a 232) suficientes para a abordagem do objeto deste estudo.

a) Flexivas

São línguas cujas palavras se apresentam de formas diferentes indicando uma mudança de significado. As flexões podem ser de várias formas como verbais (tempo, modo etc.), nominais (número, caso gramatical etc.). Exemplos:

- Português – “Eu falo alemão”. Quando o verbo está no infinitivo é “falar”, quando se flexiona para a forma “falo” indica o tempo presente tendo a primeira pessoa do singular como sujeito.
- Alemão – *Die Männer arbeiten*. (Os homens trabalham) A palavra homem no singular é *Mann*, flexionada no plural, *Männer*.

b) Aglutinantes

São línguas em que as unidades sígnicas se aglutinam produzindo novos significados. Exemplos:

- Turco: *defter* “caderno”, unido ao sufixo plural *ler* e a terminação possessiva de primeira pessoa, *im* resulta em *defterlerim* “meus cadernos”.
- Alemão: *Kühl* (frio) aglutinado a *Schrank* (armário) resulta em *Kühlschrank* (geladeira).

c) Isolantes

São línguas que não flexionam e nem aglutinam. As palavras permanecem inalteradas independente da função gramatical que é normalmente determinada pela ordem das palavras. Exemplos:

- Chinês: 我明天吃鱼, na romanização oficial para o chinês, *Wǒ míngtiān chī yú*, literalmente, “Eu amanhã comerei peixe” sendo *chī* o verbo “comer”. No passado a frase ficaria 我昨天吃鱼, *Wǒ zuótiān chī yú*, literalmente, “Eu ontem

comi peixe”. O verbo *chī* não se altera. O que indica o tempo são os advérbios “ontem” e “hoje”.

- Inglês: É parcialmente isolante, já que as palavras apresentam pouca flexão. Nas frases *I speak English* “Eu falo inglês” e *They speak English* “Eles falam inglês”, o verbo *speak* não se flexiona nem sofre aglutinação.

d) Sintéticas

As línguas sintéticas são aquelas cujas palavras modificam significativamente dependendo de aspectos como função gramatical ou do tempo verbal, citando alguns dos casos. Exemplos:

- Francês: o aspecto da mudança no verbo *aller* “ir” (infinitivo) para *je vais* “eu vou” (primeira pessoa no tempo presente) e *j’irais* “eu irei” (primeira pessoa do tempo futuro).
- Árabe: أنا أكتب كتابا, *Anā ‘aktabu kitāban*, “eu escrevo um livro” o verbo muda da forma *‘aktabu* para *katabtu* quando no passado - أنا كتبت كتابا, *Anā katabtu kitāban*. Embora o árabe e as línguas semitas, em geral, mantenham, na maioria das vezes, uma sequência de três consoantes que representam um significado e permanecem inalteradas inclusive na ordem que se apresentam na raiz das palavras (no exemplo *k*, *t* e *b*, relativas à escrita), a inserção vocálica, além de afixos, faz com que as línguas semitas sejam classificadas como sintéticas.

e) Analíticas

É a classificação antagônica à sintética, ou seja, não há mudanças na raiz das palavras. Neste caso o chinês se apresenta como um bom exemplo pelo mesmo motivo por que é uma língua altamente isolante. Além dele podemos mencionar:

- Tailandês: ฉันกลับบ้าน [Chān kləb bān] “Eu volto vou para a casa” sendo *kləb* o verbo ir. Na frase ผู้ชายกลับบ้าน [Phūchāy kləb bān] “O homem volta para a casa” o verbo *kləb* fica inalterado, sem flexão.
- Iorubá: O verbo *lọ* “ir” permanece inalterado em ambas situações: *Mo lọ sọjà*, “eu fui ao mercado” e *Mo n lọ sọjà*, “Estou indo ao mercado”.

f) Polissintéticas ou incorporantes

São línguas que incorporam elementos lexicais e/ou gramaticais ampliando a unidade conhecida como palavra. Seria algo próximo a transformar uma frase em uma única palavra. Este tipo é bastante característico de línguas ameríndias como o groenlandês, o quíchua e o tupi-guarani. Exemplo:

- Tupi-guarani: a partícula negativa *nda* assume diferentes formas ao se acoplar às palavras que se antepõe. Exemplos são *nd'obebéi* “eles não voaram”, *na nde robbyi* “não és verde” *n'omboéi* “não o ensinou” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 21). Importante mencionar que as palavras poderiam ter sido grafadas sempre juntas, o que não mudaria o signo acústico. Não existe um padrão de escrita para a língua tupi-guarani, ou, como também é conhecida, *nheengatu*, variando entre os livros publicados.

2.2.3 Classificação de línguas artificiais

As línguas artificiais podem ter classificações tão diversas quanto a soma de características estruturais, finalidades e inspirações que a criatividade pode atingir. Com isto em mente, a classificação que segue tem como base em David J. Peterson (2015, p. 18), uma vez que está entre as obras mais recentes dentre os especialistas envolvidos na área, devendo ter, portanto, uma maior abrangência.

a) *A priori*

São línguas cujos vocabulário e gramática não são baseados em línguas pré-existentes. Exemplos:

- *Dothraki*: Língua falada por um povo fictício nômade na série *Game of Thrones*. Criada pelo norte-americano David J. Peterson em 2009. (*Learning Dothraki*. Disponível em: <http://wiki.dothraki.org/Learning_Dothraki>. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).
- *Ithkuil*: Língua filosófica diferente das naturais. Criada pelo norte-americano

John Quijada em 1978. (*Ithkuil: A Philosophical Design for a Hypothetical Language*. Disponível em < <http://www.ithkuil.net> >. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).

- *Klingon*: Língua fictícia dos aliens da obra cinematográfica *Star Trek*. Criada pelo norte-americano Gene L. Coon por volta de 1967. (*The Klingon Language Institute*. Disponível em < <https://www.kli.org> >. Disponível em 05 de fevereiro de 2018).
- *Kotava*: Língua com propósito de comunicação universal. A língua teria sido criada por Staren Fetcey em 1978. (A língua universal. Disponível em < http://www.kotava.org/pt/pt_kotava.php >. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).
- *Lojban*: Língua criada com o propósito de respeitar os princípios da lógica. Criada pelo norte-americano James Cook Brown, em 1921. (Site oficial. Disponível em < <https://mw.lojban.org/index.php?title=Lojban&setlang=pt-br> >. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).
- *Na'vi*: Língua fictícia falada pelos extraterrestres de Pandora na produção cinematográfica “O avatar”. Criada pelo norte-americano Paul Frommer por volta de 2005. (*Learn Na'vi*. Disponível em: < <https://learnnavi.org> >. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).
- *Valyrian*: Língua fictícia criada para a série *Game of Thrones*. Possui uma forma clássica e dialetos descendentes semelhante ao que ocorre com o português e o francês em relação ao latim. Criada pelo norte-americano David J. Peterson em 2009. (*Learning High Valyrian*. Disponível em < http://wiki.dothraki.org/Learning_High_Valyrian >. Acessado em 05 de fevereiro de 2018).

b) *A posteriori*

São línguas construídas tendo como base línguas pré-existentes. Entre os exemplos, são levados em consideração os mais clássicos amplamente difundidos como *volapük*, esperanto e *interlingua* e outros como *lingwa de planeta* pouco mencionados nas literaturas sobre o assunto.

- Esperanto: Língua auxiliar internacional criada pelo polonês judeu Ludwik Lejzer Zamenhof em 1873. Construída com base em línguas indo-europeias sendo que três quartos da língua são provenientes de línguas latinas, germânicas ou eslavas (BROWN & OGILVIE, 2009, p. 476). (Informações sobre a língua em “Portal multilíngue para o aprendizado da língua internacional Esperanto”. Disponível em <<https://lernu.net/pt>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).
- *Interlingua*: Língua auxiliar internacional criada em 1951 pela *International Auxiliary Language Association* localizada em Nova Iorque, E.U.A. O desenvolvimento foi realizado essencialmente pelo linguista de origem alemã, Alexander Gode. Se fundamenta de maneira ampla no léxico latino (STÖRIG, 2006 [2002], p. 254). (Informações sobre a língua em *Union Mundial Pro Interlingua*. Disponível em <<http://www.interlingua.com>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).
- *Interslavik*: Língua com o propósito de facilitar a comunicação entre os países eslavos. O processo de desenvolvimento da língua foi longo com participação de diversos linguistas como demonstra o site *Interslavic language Medžuslovjansky jezyk — Међусловјанскы језык*. (Disponível em <<http://steen.free.fr/interslavic>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).
- *Lingwa de Planeta*: Língua auxiliar internacional criada pelo russo D. Ivanov, A. Lysenko em 2010. O projeto se baseia nas línguas mais faladas do mundo na atualidade: Alemão, Árabe, Chinês, Espanhol, Francês, Hindi, Inglês, Persa, Português e Russo. (Informações em *Lingwa de Planeta*. Disponível em <<http://www.lingwadeplaneta.info>>. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).
- *Occidental*: Língua auxiliar internacional criada pelo ucraniano Edgard de Wahl em 1922. Sua base é latina semelhante à da *interlingua* que surgiu posteriormente como concorrente e hoje alguns meios consideram o *occidental* e a *interlíngua* como duas formas da mesma língua, devido ao propósito e semelhança estrutural e lexical. (Informações em Omniglot: Interligue-Occidental. Disponível em <https://www.omniglot.com/writing/occidental.htm>. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).
- *Volapük*: Língua auxiliar internacional criada pelo padre alemão Johann Martin

Schleyer em 1879. Talvez tenha sido o primeiro projeto de algum alcance internacional. É baseado principalmente no inglês com consideráveis mudanças na estrutura das palavras (ECO, 1995, p. 320). (Informações sobre a língua em *Lenef Beviinetik Volapüka International Community of Friends of Volapük*. Disponível em < xn--volapk-7ya.com >. Acessado em 07 de fevereiro de 2018).

c) Línguas fictícias

São línguas que são faladas num contexto fictício como na literatura e produções cinematográficas como o *Klingon* em *Star Wars*, o *Na'avi* em *O Avatar*.

d) Línguas Reais

São línguas que realmente existem. Línguas construídas e línguas naturais são ambas consideradas línguas reais, porque podem existir no nosso mundo ou existir na totalidade potencial que uma língua existe, já que as línguas não são objetos, mas ideias ou padrões de comportamento (PETERSON, 2015, p. kindle loc 428).

e) Línguas falsas

São aquelas que dão a impressão de ser uma língua real num determinado contexto. Por exemplo, alguém pode forjar ler um texto em japonês dizendo “*Kotachi konoto wa shi toku*”. O texto não tem significado algum, mas para um não conhecedor pode soar como japonês e produzir em sua mente a crença de que realmente o é.

f) Línguas artísticas

São línguas criadas com objetivos estéticos, ficcionais, ou com propósitos artísticos. As línguas ficcionais também caem, na maioria das vezes, nesta classificação.

g) Línguas Auxiliares

São línguas criadas com o intuito de facilitar a comunicação internacional ou de um determinado grupo populacional. Línguas como o esperanto e interlíngua também caem nesta classificação.

h) Línguas Engenhadas

São línguas criadas com características estruturais específicas ou distintas. Um exemplo é a língua *kēlen* que não possui verbos (SOTOMAYOR, 2017).

2.3 Línguas auxiliares internacionais com características globais

Como o foco deste estudo engloba uma língua artificial global, da mesma maneira que o termo “língua” é, neste caso, aplicado às linguagens humanas artificiais, é necessário que se justifique o termo “global”.

Semanticamente, o termo global é algo que é relativo ao globo terrestre. Uma língua global, pela lógica do que se entende por língua e por global, deveria ser falada em todo o globo terrestre.

No entanto, conforme já apresentado, o termo língua, aqui é apresentado, contextualmente, com a mesma conotação do termo inglês *conlang* a palavra global torna-se um adjetivo que caracteriza a língua construída.

Vale acrescentar que a língua tem fortes vínculos com a cultura.

Com efeito, os antropólogos têm sempre afirmado e provado que a linguagem e a cultura se implicam mutuamente, que a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social, que a Linguística está estreitamente ligada à Antropologia Cultural. É inútil insistir nesse problema que C. Lévi-Strauss apresentou de modo tão esclarecedor. (JACKOBSON, 2010 [1967], p. Loc. 11 PDF)

Assim sendo, se sua pretensão é ser global, dever ter, obrigatoriamente vínculos com a cultura global, uma empreitada difícilíssima, o que a aproxima da utopia em nível aparentemente similar ao de utilizar uma língua nacional ou ressuscitar uma língua antiga como o latim como *lingua franca* mundial (ECO, 1995, p. 317).

Desta maneira, as línguas auxiliares internacionais começaram a ser criadas com propósitos que incluíam a facilitação de comunicação entre povos de diferentes origens. E para tal, entre as características a apresentarem está a hibridez de famílias linguísticas usadas como base para sua constituição léxico-estrutural.

Esta hibridez está entre as características possíveis para que uma língua auxiliar se torne politicamente neutra conforme demonstra J C Wells da *University College London* (BROWN & OGILVIE, 2009, p. 375).

No entanto os projetos de línguas auxiliares conhecidos elaborados até 2002 eram, em

sua maior parte, eurocêntricos dando a ideia de que a humanidade de falas não europeias, que constitui a maior parte, deva aceitar as línguas dos europeus (STÖRIG, 2006 [2002], p. 255). Estes aspectos são bastante nítidos no esperanto e na interlíngua. Talvez menos no *volapük* devido sua distorção das palavras que constituem sua base, principalmente inglesa. Para efeito de observação, é usado, mais uma vez o primeiro artigo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”.

- Português (como base para comparação): Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.
- Esperanto: *Ĉiuj homoj estas denaske liberaj kaj egalaj laŭ digno kaj rajtoj. Ili posedas racion kaj konsciencon, kaj devus konduti unu la alian en spirito de frateco.*
- Interlingua: *Tote le esseres human nasce libere e equal in dignitate e in derectos. Illes es dotate de ration e de conscientia e debe ager le unes verso le alteres in un spirito de fraternitate.*
- Volapük: *Valik mens labons leig e lib in dinits e dets. Givons lisäls e konsiens e mutons dunön okes in flenüg tikäl.*

Embora aos olhos de um intérprete cuja língua nativa seja de origem europeia, aparentemente, exista uma mistura, a origem das palavras nestas frases não saem da família indo-europeia com prevalência das subfamílias anglo e latina. É preciso que observemos a mesma frase em línguas de diferentes famílias. Exemplos:

- Árabe:

يولد جميع الناس أحراراً متساوين في الكرامة والحقوق. وقد وهبوا عقلاً وضميراً وعليهم ان يعامل بعضهم بعضاً بروح الإخاء.

Transcrição em alfabeto romano: *Yūladu jamī'u n-nāsi aḥrāran mutasāwīna fī l-karāmati wa-l-ḥuqūq. Wa-qad wuhibū 'aqlan wa-ḍamīran wa-'alayhim an yu'āmila ba'ḍuhum ba'ḍan bi-rūḥi l-ikhā'.*

- Chinês (Mandarim): 人人生而自由,在尊严和权利上一律平等。他们赋有理性 and 良心,并应以兄弟关系的精神互相对待。 Transcrição em alfabeto

romano: *Rénrén shēng ér zìyóu, zài zūnyán hé quǎnlì shàng yīlù píngděng. Tāmen fūyǒu lǐxìng hé liángxīn, bìng yīng yǐ xiōngdì guānxì de jīngshén hùxiāng duìdài.*

- Hindi (mesmo pertencendo à família indo-europeia): सभी मनुष्यों को गौरव और अधिकारों के मामले में जन्मजात स्वतन्त्रता और समानता प्राप्त है। उन्हें बुद्धि और अन्तरात्मा की देन प्राप्त है और परस्पर उन्हें भाईचारे के भाव से बर्ताव करना चाहिए।
Transcrição em alfabeto romano: *Sabhī manuṣyōm kō gaurava aura adhikārōm kē māmālē mēm janmajāta svatantratā aura samānatā prāpta hai. Unhēm bud'dhi aura antarātmā kī dēna prāpta hai aura paraspara unhēm bhā'īcārē kē bhāva sē bartāva karanā cāhi'ē.*
- Swahili: *Watu wote wamezaliwa huru, hadhi na haki zao ni sawa. Wote wamejaliwa akili na dhamiri, hivyo yapasa watendeane kindugu.*
- Turco: *Bütün insanlar hür, haysiyet ve haklar bakımından eşit doğarlar. Akıl ve vicdana sahiptirler ve birbirlerine karşı kardeşlik zihniyeti ile hareket etmelidirler.*

A análise dos textos não é a melhor forma para uma constatação metódica de similaridade linguística. Todavia, a concentração das línguas auxiliares apresentadas em raízes europeias é tão nítida na apresentação e diferente dos demais exemplos não europeus demonstrados, que uma análise mais detalhada se faz desnecessária.

Por este ângulo, é possível que projetos como os três mencionados se comparem ao *interslavik* o que lhes atribuiria uma característica regional e não global. Enquanto as três primeiras têm como base línguas europeias como predominância latina ou germânica, a segunda tem as línguas eslavas. A diferença é que a intenção do *interslavik* é ser um meio de comunicação entre os povos eslavos enquanto as demais se colocam como línguas universais.

Neste caso, chama atenção um projeto ainda pouco divulgado, e que não consta das fontes bibliográficas desde estudo, é a *Lingwa de Planeta*. Embora não inclua como base estrutural ou léxica línguas turcas, africanas ou indígenas, o projeto mescla a grande família indo-europeia com a semita e a sino-tibetana. Representa, assim, um

avanço, em relação aos demais apresentados, no que tange à constituição híbrida de uma língua artificial.

Outro projeto que se destaca na busca da neutralidade é o da língua *kotava*. Sendo um projeto *a priori*, não se baseia em línguas existentes para sua constituição, o que garante a neutralidade linguística. Falar *kotava* seria como entrar num universo sógnico diferente, totalmente novo.

É possível que existam projetos de línguas ainda não divulgados, mas em todos os casos apresentados, porém, há pouca evidência de vínculo entre a língua, a cultura bem como o que manteria sua massa global de falantes incluída e unida.

Quando o propósito da língua é ser essencialmente global, é possível que tenha uma melhor aceitação também como auxiliar internacional caso se apresente de maneira inclusiva, ou seja, adotando estruturas, léxicos e culturas de uma grande diversidade étnica como seus alicerces.

Esta aceitação potencial relaciona-se com o vislumbre do outro como semelhante que seria objeto do amor narcísico: “eu me amo no outro (que é o meu reflexo)” (QUINET, 2012, p. Loc. 9 PDF). Ou seja, é importante que o indivíduo que conheça a língua forjada, de alguma maneira, se veja parte dela para que possa amá-la e a seus hipotéticos locutores, como reflexo de si resultando no amor universal. Este amor poderia ser capaz de unir esta grande massa global idealizada pela língua construída, pois como diz Freud:

Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles”. (FREUD, 2016 [1921], p. Loc. 34 PDF)

Obviamente, esta é uma hipótese que está engendrada em alguns dos conceitos psicanalíticos que envolvem o processo de identificação com o outro como semelhante e desenvolvimento da capacidade de amá-lo.

A língua, estando registrada na Função do Pai, teria um importante papel na construção deste amor capaz de unir uma massa global, embora não seja possível dizer que seria o

bastante. Contudo, no intento de unificar as massas ou torná-las minimamente receptivas, o processo de construção de algo que se pretende global, precisa necessariamente ser inclusivo de modo que cause no indivíduo o efeito narcísico de ver-se no objeto construído.

3 Análise de um exemplo de língua artificial global: alamês

O alamês é adotado como objeto de análise e exemplificação pelo fato de se tratar de uma criação própria o que permite uma maior intimidade analítica entre as bases conceituais da semiótica psicanalítica e a motivação para a idealização de uma língua com essência global.

A construção foi contextualizada pelo interesse e pesquisa pessoal nos campos linguístico, cultural e religioso além uma posterior exposição à diversidade cultural graças à atuação na área de promoção comercial internacional que contribuiu para o conhecimento de 30 países. Este aspecto possibilitou uma análise confrontando teorias e práticas de diversas culturas (APÊNDICE 1).

O início da criação aconteceu na última década do século XX sofrendo alterações e acréscimos até o ano 2006. Comparar o alamês de 1998 com sua versão atual talvez seja semelhante à comparação de uma língua contemporânea e sua versão arcaica em termos de diferenças nos significantes acústicos e gráficos. As principais alterações foram a eliminação de dígrafos consonantais e a vinculação de unidades sígnicas a sílabas.

No imo da criação está sua essência global, no caso a ser compreendida por sua característica agregadora através de uma constituição híbrida. O termo global, no caso, não firma um objetivo de tornar-se uma língua auxiliar mundial, mas é caracterizado estruturalmente no processo de criação através da hibridez no que diz respeito a famílias e subfamílias linguísticas que serviram de base para sua construção cujas origens estão espalhadas por todos os continentes do globo. Desde o início, não se pretendia que a língua se tornasse auxiliar global, como o esperanto ou o *volapük*.

A princípio, não havia intenção de ser divulgada ou apresentada a outrem. Era, portanto, algo lúdico e pessoal, característica que deve ser comum a muitas línguas construídas. Segundo Peterson (2015, p. 15), as construções de línguas mais antigas eram consideradas pelos pais dos criadores um comportamento bizarro, podendo ser indicativo de desordens mentais. Por isto, muitos chamados *conlangers* (construtores de línguas) quando decidem falar sobre ou divulgar sua língua usam termos semelhantes ao que usam homossexuais ao revelarem sua sexualidade: “*coming out*” ou “sair do armário”.

Para efeito de exemplificação, pode-se dizer que a criação possui características ecléticas semelhantes às de uma arte que mistura cores num quadro, ou, com maior afinidade, o que ocorre nas produções musicais de *Karunesh* (WIKIPEDIA, 2017, p. < en.wikipedia.org/wiki/Karunesh >), que mistura instrumentos e estilos de várias culturas, ou na religião umbandista que absorve conceitos, posturas e preceitos cristãos, indígenas e afros (SARACENI, 2003, p. 16). Criação eclética, neste caso, se refere a produções mistas em termos de inspiração cultural para uma produção artística.

Desta maneira, a composição foi influenciada pela vivência intercultural, literaturas e características de diversos povos entre as quais algumas merecem relevo. A comparação entre as crenças e comportamentos das culturas abraâmicas, que envolvem o judaísmo, o cristianismo e o islã, forneceram as primeiras impressões de que um conjunto de crenças bastante similares poderia estar segregado pelo desconhecimento mútuo, além da interpretação dada a significantes diferenciados pelas línguas. O fenômeno da segregação se pronunciava de maneira mais acentuada quando a base histórico-cultural possuía pouca evidência de interação. Esta observação era feita na comparação entre as literaturas sobre budismo, candomblé, hinduísmo, taoísmo entre outras que, factualmente, pouco se relacionaram com as culturas abraâmicas.

A sequência de leituras era frequentemente permeada pela interação com pessoas que coparticipavam de cada uma das culturas estudadas. Havia um desejo de entender o que sustentava seus sistemas de crenças de modo que possibilitasse a assimilação da diversidade e, da mesma maneira, cosubstanciar o sentido que cada um destas massas atribuía à palavra Deus. Entre possibilidades de harmonia e outras de apartação, a busca se impunha como inconclusiva, sendo que a diversidade linguística parecia estabelecer uma certa impermeabilidade entre os povos devido, entre outros fatores, a seus costumes. Em meio às impressões estava a de que os sujeitos de cada sistema cultural exprimiam o que lhes foi atribuído via língua nativa, muitas vezes desprezando o que se apresentava como estranho.

Lembrando o que professor e psicanalista Cláudio César Montoto proferiu em uma de suas aulas no primeiro semestre de 2017, no curso de especialização em Semiótica Psicanalítica da PUC São Paulo, “a arte é uma maneira de consertar ou completar um mundo que não se concebe ou que está incompleto”. Neste sentido, a criação do alamês, bem como de outras línguas seria uma arte. Também segundo Peterson (2015, p. 259), a

construção de línguas é uma arte, já que se expressa como algo original e criativo que requer um apanhado de habilidades. Seus criadores estariam, nesta hipótese, na tentativa de reconstruir o que se encontra omissos no “seu mundo”, fornecendo-lhes possibilidades de expressar algo que não é possível nas línguas naturais por eles conhecidas.

Neste aspecto, o *alamês* pode ser interpretado da mesma maneira que se faria com uma criação pictórica ou poética que pretende esboçar a união cultural. Mas ele o faz através da língua que coincidentemente se relaciona com a função psicanalítica do pai que, por sua vez, tem relação com Deus – um significante em cujo processo de pesquisa intercultural se manifestou apartado por entre línguas e povos. O resultado foi uma linguagem humana artificial e híbrida quanto à origem lexical e estrutural de idiomas e subfamílias linguísticas abrangendo: banta, celta, chinesa, eslava, germânica, grega, iorubá, japonesa, latina, persa, quíchua, sânscrito, semita, tailandesa, tupi, turca e outras.

3.1 Classificação

3.1.1 Família Linguística

Segundo o modelo de classificação de Störig (2006 [2002], p. 225 a 232), o *alamês* tem relativa diversidade de origens linguísticas.

Uma vez que a grande família indo-europeia engloba línguas que vão desde o português no extremo ocidente, até o oriente com o russo e as línguas do norte da Índia e Sri Lanka, é importante que se avalie as origens linguísticas do *alamês* através de subfamílias já que somente este grande grupo inclui: a germânica, a latina, a eslava, a índica e assim por diante. Algumas línguas são únicas em sua subfamília, como no caso do grego e do japonês, se as demais línguas nipônicas faladas no arquipélago do Japão forem consideradas dialetos.

A seguir, são apresentadas as subfamílias com as sua representatividade percentual quantitativa de radicais que compõem o léxico atual do *alamês* seguidas de exemplos. A transcrição fonética aproximada de algumas línguas é apresentada em casos em que facilite a percepção da semelhança ou alteração fonética entre a origem e o radical

alamês.

Quando a língua não apresenta escrita regular em alfabeto romano ou quando a ênfase se faz necessária, é utilizada a transcrição fonética aproximada entre / / “barras” em alfabeto fonético internacional (INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION).

- Línguas semitas - 18%

- *Cad* /xadi/ - “ato de pegar” ou “aquisição”, do árabe اخذ, /axaða/, “ele pegou”;
- *Lah* - conceito que sustenta a ideia de “Deus”, do árabe الله /Allah/, aramaico ܐܠܗܐ /Elaha/;
- *Ab* - genitor(a), do árabe أب /ab/, “pai” e do hebraico אב /av/.

- Línguas latinas: 16%

- *Vol* - “desejo”, de *voluntas*, semelhante ao francês *vouler* e ao italiano *volere*;
- *Fin* - “fim”, do latim *finis*, idêntico ao espanhol *fin*; e
- *Ver* - “verdade”, do latim *veritas*, semelhante ao italiano *vero*, verdadeiro.

- Línguas índicas (baseadas no sânscrito): 15%

- *Dev* - “Deus”, do sânscrito देव /deva/, “Deus”, “ser elevado” ou “divindade”. Semelhante à raiz indo-européia presente nas palavras Deus, divindade e divino;
- *Kam* - “sexo”, do sânscrito /kamā/, “desejo sexual”; e
- *Ved* - “conhecimento”, do sânscrito वेद /veda/.

- Germânico: 10%

- *Al* - “tudo” ou “todo”, do alemão *alles*, dinamarquês, *alle*, inglês, *all*, entre outras;
- *Lab* - “amor”, do alemão *Liebe*, do inglês, *love*, entre outras; e
- *Mus* - “dever”, do alemão *müssen*, do inglês *must*, do sueco *måste*.

- Grego: 11%

- *Pal* - “antiguidade”, “velhice”, de παλιός /paljos/, “velho”, “antigo”;

- *Biw* - “vida”, de βίος /bíos/, /víos/(pronúncia no grego moderno); e

- *Som* – “corpo”, de σώμα /soma/.

- Chinês: 6%

- *Dyën* /djen/ - “eletricidade” de 电 /djen/, de pronúncia quase idêntica;

- *Xuy* /fuj/ - “água” ou líquido, de 水 /fuj/; e

- *Zay* /zaj/ - “permanência”, de 在 /dzhaj/, “em”, “existência”, “estar”.

- Tupi-guarani: 4%

- *Buyr* – “árvore” de *ybyra*, “pau”, “madeira” ou “árvore”;

- *Tup* – “trovão”, de *tupã*; e

- *Wir* – “ave” de *uira*.

- Línguas eslavas: 3%

- *Dum* – “pensamento”, do russo дума /duma/, ucraniano думка /dumka/;

- *Pix* /piʃ/ - “escrita”, do croata *pisati*, escrever, russo писать /pisatʲ/, inspirado na desinência fixa da forma conjugada пишу /piʃu/, escrevo; e

- *Rab* – “trabalho”, do russo работа /rabota/.

- Línguas celtas : 2%

- *Dwil* – “beleza”, do irlandês *dathúil* /dahul/, “bonito”. A escrita contemporânea das línguas celtas difere consideravelmente das outras línguas europeias no que tange a fonética. Muitas letras não são pronunciadas ou podem existir sons não grafados.

- *Las* – “luz”, do irlandês *solas*; e

- *Teyn* – “fogo”, do gaélico escocês *tân* e do irlandês *tine*.

- Japonês: 2%

- *Nak* – “parte interna”, de 中 /naka/;

- *Os* – “lentidão” de 遅い /osoj/, “lento”; e

- *Eb* – “se” (aspecto condicional) de けば /eba/, partícula condicional.

- Línguas turcas: 2%

- *Ej* /eʒ/ - “fala”, “língua”, inspirado nas terminações *ce* /dze/, *çe*, /tʃe/ que nas línguas turcas formam os nomes de idiomas: *ingilizce* “inglês” e *türkçe* “turco”;

- *Gej* /gez/ - “momento futuro”, inspirado nas palavras turcas *gelecek* /geledzek/, “futuro” e “gece” /gedze/, “noite”; e

- *Par* – “dinheiro”, de *para*.

- Quíchua: 2%

- *Yem* – “modo assertivo”, da partícula assertiva *mi*;

- *Nit* – “sol”, de *inti*, “sol”. Também se refere ao Deus sol; e

- *Tut* – “noite”, de *tuta*.

- Persa: 1%

- *Doyd* – “dor”, de درد /dord/;

- *Tar* – usado para fazer o modo aumentativo ou superativo, de تر /tar/; e

- *Nez* – “inexistência”, “negação”. Inspirado na forma negativa do verbo ser em persa نیستم /nistam/, “não sou” cujo cognato em alamáês é *nezem*.

- Tailandês: 1%

Gay – “galinácio”, de ไก่ /kaj/ ou /gaj/;

Kaw – “arroz”, de ข้าว /khaw/; e

Pet – “picância”, de พริก /phet/.

- Línguas bantas: 1%

Bowk – “hipopótamo”, do suaíle, *kiboko*. À partícula *ki* do início da palavra não é considerada na conversão por tratar-se de um demarcador de classe nas línguas bantas, semelhante a gênero nas línguas indo-europeias, não demarcando assim a raiz da palavra;

Pyawh – “foca”, do zulu *uphawu*; e

Fyes – “hiena”, do suaíle *fisi*.

- Iorubá: 1%

In – “pessoa”, de *ènìyàn*;

Un – “coisa”, “objeto”, de *ohun*; e

Kiin – “caranguejo”, de *akàn*.

- Outras línguas: 3%. Exemplos:

Xok – “chocolate” do nahuatl (língua asteca), *chocolātl*;

Mis – “carne”, do armênio *միս /mis/*; e

Pag – “manhã”, do malaio-indonésio *pagi*.

Todavia, no ensaio do uso corrente da língua é difícil prever a prevalência de uma origem linguística em relação à outra. Por exemplo, o radical que corresponde a “ouro” proveniente do latim, certamente deverá ser menos usado que aquele que se refere a “pessoa” que é proveniente do iorubá.

Além disto, o processo aglutinativo de formação de palavras em alamês mistura diversas origens tornando difícil mensurar o uso de origens linguísticas. Empregando o exemplo do primeiro artigo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” temos:

Alü hainmün biwbidel awsmojü yujü semëhü jurcadmojun yujü jurmojun. Habik verdumuh yujü semveduh, aline musel acyumü zayih.

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”

Quanto à origem relativa à subfamília linguística, seguem os radicais: *Ac* (semita), *al* (germânica), *aws* (germânica), *bid* (semita), *biw* (grega), *ha-* (semita), *hab* (latina), *jur* (latina), *moj* (eslava), *mus* (germânica), *sem:* (germânica), *ver* (latina), *yuj* (índica), *yum* (primária) e *zay* (chinesa).

Desta maneira, na frase, temos 27% de origem germânica, 20% semítica, 20% latina e eslavo, grego, chinês, índico e origem primária com 7% cada. Esta estatística muda conforme o uso das palavras nas frases de exemplo.

Alguns radicais podem ter inspirações em mais de uma subfamília linguística. O radical *lab*, tem semelhanças não somente com *Lieben* do alemão e *love* do inglês mas também com *любовь* /ljubov/ do russo, da mesma maneira que *rab* tanto assemelha a *работа* /rabota/, “trabalho”, do russo, como *arbeiten*, do alemão, com o mesmo significado, e *vol*, “desejo”, “querer”, que além da origem latina tem seu cognato germânico *wollen* /volen/.

É importante ressaltar também, que para a melhor compreensão da diferença fonética entre a palavra original de inspiração e o radical criado em alambês ocorre levando-se em consideração:

- Adaptação à estrutura peculiar da língua alambês;
- Mutações fonéticas normalmente semelhantes às aquelas que ocorrem no processo natural de evolução das línguas, conforme o Curso de Linguística Geral de Saussure (2012 [1916], p. 289 a 292);
- Substituição de consoantes por *y* ou *w* para adequação da palavra à estrutura de “sínossílabas” sem dígrafos consonantais. Esta regra serve para evitar o encontro de mais de duas consoantes entre uma sílaba e outra possibilitando assim maior fluidez na fala e uma pronúncia mais fácil; e
- Preferível, mas não obrigatório intento de mesclar semelhanças entre diferentes subfamílias, como são os casos já mencionados de *lab*, *rab* e *vol*.

Além disto, é preciso considerar as coincidências fonéticas existentes. O termo “*selamat pagi*” em malaio e indonésio traduz-se por “bom dia” ou “boa manhã”. No entanto a palavra *selamat* tem origem árabe cujo significado é “paz”. Unindo *sël* do semita, *mey*

do *quíchua* e *pag* do malaio, tem-se, em alamês *sëlyemyét paguh*, cujo significado seria algo próximo de “que testemunhes uma manhã de paz”. Outra expressão como *zayét kalü*, “fique bem” usado na despedida, é composta de um radical chinês e outro grego, sendo que a expressão resultante lembra a despedida na língua banta zulu, *sala kahle*, de idêntica tradução “fique bem”. Muitas destas coincidências ocorrem, algumas vezes, propositalmente outras não.

O mesmo ocorre com o radical *in*, “pessoa” proveniente do iorubá. Quando forma um outro radical com inicial *k*, a terminologia pronominal *e* produz *kine*, “quem”. O resultado assemelha-se às fonéticas de “quem” em italiano *chi* /ki/, em persa کس /ke/, em espanhol *quien* /kyen/, e em hindustani, कौन /kɔn/.

Analisar o parentesco linguístico de uma língua somente a partir léxico pode não ser o bastante para constatar a semelhança com línguas de diferentes subfamílias linguísticas de maneira geral. O inglês, por exemplo, tem a maior parte do seu vocabulário de origem latina. No entanto, a estrutura e as palavras mais comuns a classificam como uma língua germânica.

Por conseguinte, a estrutura e o uso corrente também devem ser objeto de análise. Em alamês, é relativamente frequente um meio termo fonético por entre as línguas primeiramente da mesma subfamília, depois da família sendo também possível a mescla de famílias a exemplo das expressões *zayét kalü* e *sëlmeyét paguh*, que seriam de provável uso frequente e imprimiriam a hibridez na língua.

3.2 Escrita

O alfabeto alamês pode ser representado através de dois tipos de escritas: Uma própria e outra paralela no alfabeto romano. Esta última é usada para facilitar a leitura e a grafia do idioma nos meios eletrônicos existentes.

A escrita alamesa segue um sistema fonético exato (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 10), já que cada letra representa um único fonema que não se altera. Desta maneira, as letras conservam seu som não importando sua posição na palavra.

No total, o alfabeto é constituído de oito vogais, duas semivogais, e dezoito consoantes. As letras, seguidas de sua pronúncia em alfabeto fonético universal (INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION) são:

- Vogais: a /a/, e /e/, ë /ɛ/, i /i/, o /o/, ö /ɔ/, u /u/ e ü /ʊ/. O trema, ou *umlaut* usado sobre as letras *e*, *o* e *u* é chamado em alemão de *fonafëx* que significa, literalmente, “abridor de som”, pois torna o som de cada vogal mais aberto de acordo com a classificação dos sons conforme sua articulação bucal por Saussure (2012 [1916], p. 86);
- Semivogais: y /j/ e w /w/; e
- Consoantes: b /b/, c /x/, d /d/, f /f/, g /g/, h /h/, j /ʒ/, k /k/, l /l/, m /m/, n /n/, p /p/, r /r/, s /s/, t /t/, v /v/, x /ʃ/, e z /z/. Entre as peculiaridades do alfabeto estão a letra *c* que se assemelha ao som de *ch* do alemão, *צ* do hebraico, e *ح* do árabe. O *x* é baseado na pronúncia de línguas ibéricas, como o asturiano, o catalão, o galego e o português e o *j* no som do francês e do português. As demais consoantes são idênticas aos seus equivalentes no alfabeto fonético internacional.

Com relação ao alfabeto próprio, a gênese está em escritas cursivas de alfabetos como o assírio, o árabe e o romano entre outros. As letras-base de influência são transformadas de modo que melhor se adaptem ao sistema gráfico da língua alamesa. Por exemplo, a letra **ϰ** /x/, “c” é inspirada na letra hebraica *צ*. Em alemão, seu formato é invertido horizontalmente e acrescido de ligaduras de modo que se torne compatível com as demais letras resultando numa aparência cursiva. Da mesma forma, outras letras de diferentes línguas que serviram de base sofreram inversões, horizontais ou verticais além de alterações de modo a melhor acomodarem-se na escrita alamesa.

Algumas formas de letras servem de base para a composição de outras. A letra **Ḅ** /b/, “b”, é acrescida de um ponto para a formação da letra **ḅ** /v/, “v”, sua correspondente fricativa. Esta transformação não é uma regra, já que no momento da criação do alfabeto não havia um conhecimento fonológico do construtor para tal, sendo a identificação pessoal de similaridade fonética o único guia.

Com isto, apresenta-se a seguir a tabela com as letras, sua correspondência em alfabeto romano e por último as letras que inspiraram sua criação nos alfabetos originais o que soma dezessete formas básicas acrescidas de sinais.

Alfabeto alamês	Correspondente no alfabeto romano	Letras dos alfabetos de de inspiração
ا, ا, ا	a, i, y	[ا] do árabe, [ᠠ] do mongol e [ܐ] do siríaco.
ﺍ, ﺎ	e, ë	[e] romano na sua forma cursiva.
و, و	o, ö	[ᠣ] do mongol, [o] do greco-romano e [ܘ] do siríaco.
ﺍ, ﺎ, ﺎ	u, ü, w	[و] do árabe.
ﺏ, ﺏ	b / v	[ᠪ] do cirílico, [ब] do devanágari e [b] do romano.
ﺕ	c	[ט] do hebraico e [c] do romano.
ﺫ, ﺫ, ﺫ	d, j, z	[z] do greco-romano.
ﭗ, ﭗ	p, f	[p] do romano e [ܦ] do siríaco.
ﻙ, ﻙ	k, g	[<] do silabário japonês, <i>hiragana</i> e [ܟ] do siríaco.
ﻫ	h	[ᠬ] da escrita brahmi e [ᠬ] do alfabeto fonético chinês (<i>bo po mo fo</i>).
ﻟ	l	[ﻟ] do coreano.
ﻢ	m	[మ] do dravidiano e [m] do romano. A forma que aparenta um

		prolongamento da letra anterior é de criação <i>a priori</i> . Ex.: Զ (im)
՛	n	[՛] do dravidiano e [n] do romano. A forma que aparenta um prolongamento da letra anterior é de criação <i>a priori</i> . Ex.: Զ (in)
ﺮ	r	[ﺮ] do árabe.
Ϻ	s	[Ϻ] do grego.
Რ	t	[Რ] do amárico, [Რ] do coreano, [θ] do grego, [Რ,Ს] do georgiano e [Რ, Ს, Ტ, Უ] de vários alfabetos de línguas dravidianas.
ⴌ	x	[ⴌ] do hebraico e [ⴌ] do cirílico.

Posteriormente, foram desenvolvidas fontes para escrita em computador com base na primeira forma cursiva.

Alfabeto Romano	Alfabeto Alamês "Times"	Cursivo 2	Allamdat
Aa, Ii, Yy	Ii, Ii, Īī	ı, ı, ĩ	ı, ı, ĩ
Ee, Ęę	Pp, Pp	e, e	p, p
Oo, Öö	66, 66	o, o	o, o
Uu, Üü, Ww	Pe, Pp, Pp	u, u, u	u, u, u
Bb, Vv	Bb, Bb	b, b	b, b
Cc	Cc	c	c
Dd, Jj, Zz	Zz, Zz, Zz	d, d, d	d, d, d
Pp, Ff	ΔΔ, ΔΔ	f, f	f, f
Kk, Gg	κκ, κκ	k, k	k, k
Hh	Jj	h	h
Ll	Tt	l	l
Mm	»»	m	m
Nn	>>	n	n
Rr	ıı	r	r
Ss	ΣΣ	s	s
Tt	Bβ	t	t
Xx	Шш	x	x

Para efeito de demonstração, segue o primeiro artigo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” nas diferentes formas do alfabeto alamês:

“Izë luwë biëbizez iëwëzë iëzë ewële žeruwëzë
iëzë žerwëzë. Lubic beizejel iëzë ewbezel, izue
wëzez iëwë žiil.”

“Iḥë luwë biëbizez iëwëzë iëzë ewële žeruwëzë
iëzë žerwëzë. Lubic beizejel iëzë ewbezel, izue
wëzez iëwë žiil.”

“Izë luwë biëbizez iëwëzë iëzë ewële žeruwëzë
iëzë žerwëzë. Lubic beizejel iëzë ewbezel, izue
wëzez iëwë žiil.”

“Izë luwë biëbizez iëwëzë iëzë ewële žeruwëzë
iëzë žerwëzë. Lubic beizejel iëzë ewbezel, izue
wëzez iëwë žiil.”

As letras do alfabeto próprio permitem o desenvolvimento artístico como ocorre em escritas orientais como: árabe, chinês e mongol, por exemplo. Esta característica suscita que o alamês tenha signos visuais artísticos que podem lembrar estilos diferentes. Ao mesmo tempo uma análise de suas formas, origens e inspirações o posicionam num resultado que se pretende neutro. Exemplos de escritas e caligrafias artísticas:



Figura 2: Escrita em árabe: “Disse o mensageiro de Deus (a benção de Deus recaia sobre ele): fui enviado para instruir”. Data: 1386 (CHALLITA, p. 33)



Figura 3: Exemplo de escrita gótica “Bastard Capitals”. (HARRIS D. , 1995, p. 80)



Figura 4: Dao ou Tao na escrita chinesa. (OSHO, 2014, p. 6)



Figura 5: Exemplo de escrita no alfabeto tradicional mongol. (BAT-IREEDUI, 1995, p. 32)

Exemplos de possíveis expressões artísticas a partir da grafia alamesa:

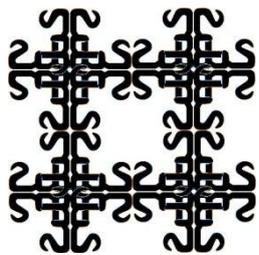


Figura 6: Mosaico com a palavra **لله** *Lah*, “Deus”

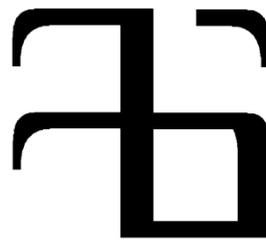


Figura 7: Iniciais de Lahved

Das línguas semitas: árabe **الله** /Allah/ e siríaco **ܐܠܗܐ** /Alaha/, referindo-se a um Deus cujo significado é intangível em oposição a **ܘܕܥܐ**, *Dev*, “Deus”, do indo-europeu, ou índico, **देव** /Deva/, referindo-se a Deus cuja interpretação está na simbolização via culturas e religiões.

Mistura das letras **ل** (L) e **ܘܕܥܐ** (V) iniciais das signossílabas *Lah* “Deus” e *Ved*, “conhecimento”, referindo-se ao conhecimento sobre a natureza psíquica a que se relaciona a “Deus”, o objeto que se pretende atingir ao evocar “Deus”.



Figura 8: *Gyaf*

Palavra **عنة**, *gyaf*, “letra”, do grego Γράφο /grafo/ou /ɣrafo/, escrita de cima para baixo.

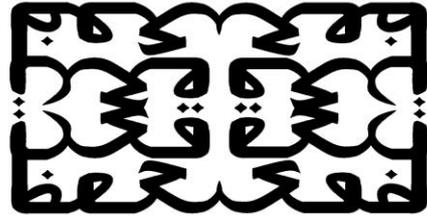


Figura 9: *Inved*

Mosaico com a palavra **عنهان** *inved*, “cultura”, formada pelos radicais **و**, *in*, “pessoa” do yorubá *èniyàn* e de **عنهان**, *ved*, “conhecimento”, do índico वेद /veda/.

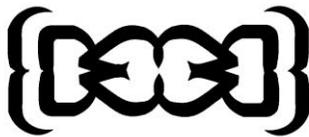


Figura 10: *Rak*

Palavra **رقم** (*rak*) “número”, do árabe رقم /raqm/ em mosaico espelhado horizontal e verticalmente.



Figura 11: *Bid*

Palavra **بداية** (*bid*) “início”, do árabe بداية /bidaja/ escrita de baixo para cima espelhada verticalmente.

3.3 Estrutura lexical

Cada unidade silábica do alamês possui um significado, ou seja, consiste de um signo que em alamês são chamados de radicais. Cada radical tem a seguinte configuração:

- Todos consistem de uma só sílaba;
- Podem ou não começar com uma consoante ou semivogal;
- Seu núcleo é constituído de uma vogal (a, e, ë, i, o, ö, u, ü) que pode ser precedida e/ou seguida de semivogais (y ou w);
- Todos terminam em consoante ou semivogal (y ou w); e
- Não há encontros consonantais nas “signossílabas”.

Este método reduz drasticamente a possibilidade de homografias, homofonias e homonímias, evitando assim, ambiguidades. Todavia, assim mesmo, podem acontecer raramente.

O radical *in*, “pessoa” pode ser confundido com a terminação vocativa verbal. Assim: *labin*, significa amante, ou namorado(a), enquanto *lábin* quer dizer “quando amar” ou “amando”. Assim mesmo, o acento agudo pode ser usado para diferenciar as grafias e enfatizar pronúncia, sendo a primeira palavra oxítona.

Todas as palavras são oxítonas quando não flexionadas. Após terminações de casos gramaticais e conjugações podem tornar paroxítonas ou proparoxítonas. O último radical que compõe a palavra é mantido tônico. Exemplo: *Lab* significa amor enquanto *labi* significa amar. A adição da desinência *i* que indica infinitivo verbal, torna a palavra paroxítona. A acentuação gráfica com acento agudo é opcional. Nos casos em que *ë*, *ö* e *ü* são graficamente acentuados, tornam-se *è*, *ò* e *ù*, respectivamente.

Desta maneira, as palavras-base de diversas línguas para a criação do léxico alamês sofreram alterações de modo que se acomodassem na estrutura silábica da língua. Os radicais, muitas vezes, são criados a partir de certa notoriedade que a língua de inspiração tem para o seu significado.

Por exemplo, *ved* (conhecimento) foi baseado na palavra वेद /veda/ (conhecimento, sabedoria) do sânscrito retirando a desinência /a/. No alfabeto devanágari a letra correspondente ao som /a/ também não é grafada. A palavra foi escolhida devido aos “vedas” ou “hinos védicos” terem grande importância na formação da filosofia indiana que, por sua vez, possui ligações com as religiões grega, romana e germânica (HELLERN, NOTAKER, & GAARDER, 1998 [1952], p. 40).

Da mesma maneira, devido aos números decimais arábicos serem o sistema simbólico mais comum para “escrever” a matemática, os números alameses são, em sua maior parte, foneticamente baseados nas línguas semitas. Esta lógica ocorre com certa frequência, mas não deve ser interpretada como regra.

A união de dois ou mais radicais forma novas palavras numa sequência em que o radical anterior modifica o posterior. Desta maneira, *aws*, “fora” anteposto a “*ir*”,

deslocamento, forma *awsir*, “saída”. Se adicionada terminação verbal *i* forma o verbo *awsiri*, “sair”. Desta maneira, formam-se diferentes palavras num processo que se assemelha ao do chinês, húngaro ou turco. Exemplos:

1) *Nak*: do japonês, “interior”

- *Nakiri*: “entrar”.
- *Nakirem*: “entro”, sendo *em* a terminação referente à primeira pessoa do singular no tempo presente.
- *Nakíral*: “entrará”, sendo *al* a terminação referente à terceira pessoa do singular no tempo futuro.

2) *Bav*: do índico, “sentimento”.

- *Kalbav*: bem-estar.
- *Kalbavëxiü*: que causa bem-estar, agradável.
- *Malbav*: mal-estar.
- *Malbávuk*: com mal-estar.

Além do mais, existem os radicais funcionais ou de caso, que indicam a função do radical que os precedem. Explanados a partir da união com o radical *ir*, “movimento” são eles:

- *Ëd*: “procedência”, função ablativa. Tem origem na preposição *de* das línguas latinas e *den* do turco. *Irëd*: “De onde se vai” ou “origem”;
- *Ëh*: “objeto da ação” função acusativa. Constitui uma construção *a priori*. *Irëh*: “o que é movimentado” ou “carga”;
- *Ëk*: “instrumento” ou “companhia” representando as funções instrumental e comutativa. É inspirado na preposição “com” de línguas latinas. *Irëk*: “com o que se vai” ou “automóvel”;
- *Ën*: “local”, função locativa. Inspirado na posposição *ni* do japonês e na preposição *in* de línguas indo-europeias. *Irën*: “onde se vai”, “caminho” ou “rua”;
- *Ër*: “tópico”, função delativa. Inspirado no caso delativo do húngaro feito por meio do sufixo *ról* ou *röl* dependendo da harmonia vocálica presente na língua. *Irër*: “que tem a ver com o movimento”, “movimentista”;

- *Ēs*: “parte” ou “pertence”. Inspirado no *s* genitivo das línguas germânicas. *Irēs*: “que é parte ou pertence ao movimento”.
- *Ēv*: “destino” ou “objeto indireto da ação” gerando o dativo. Inspirado no *в* /v/ do russo e *به* /be/ do persa. *Irēv*: “para onde se vai” ou “destino”.
- *Ēx*: “sujeito da ação”, função ergativa. De origem *a priori*. *Irēx*: “o que faz ir”: “propulsor” ou “motor de arranque”.

Pode ser criada uma palavra usando mais de um destes radicais como *irēxĕk* cujo significado é “combustível”.

3.4 Gramática

3.4.1 Ordem das palavras na construção de frases

Assim como acontece em línguas fortemente sintéticas como russo, não existe uma ordem fixa das palavras nas frases alamesas, embora a ordem SVO (Sujeito – verbo – objeto) seja mais comum.

Normalmente, os itens aos quais se quer dar ênfase, podem ser localizados no início da frase. Isto ocorre porque alamês é uma língua com sufixos de casos, ou seja, as funções gramaticais das palavras são identificadas através de terminações, e não pela posição nas frases.

Por exemplo, ao se construir uma frase com os elementos “a língua”, “o homem”, “a pessoa” e “fez” em línguas como o inglês, espanhol ou português é importante a posição na frase para compreendermos qual é o sujeito e qual é o objeto. *The language made the man*, “a língua fez o homem” é diferente de *the man made the language*, “O homem fez a língua”.

Em alamês isto não ocorre, pois o objeto direto, ou seja o elemento que sofre a ação recebe a desinência *-uh*. Assim tem-se:

- *Ha-*: artigo definido.

- *Ej*: língua.
- *In*: homem (pessoa).
- *Macul*: fez.

As possíveis disposições de palavras na frase “A língua fez o homem” seriam diversas como:

- *Haej macul hainuh.*
- *Macul haej hainuh.*
- *Haej hainuh macul.*
- *Hainuh haej macul.*
- *Hainuh macul haej.*

A diferença, no entanto, é aquilo a que se quer dar ênfase deve situar-se ou aproximar-se do início da frase.

3.4.2 Substantivos

a) Gênero

Os substantivos em alamês dividem-se em três gêneros assim como grande parte das línguas indo-europeias como o alemão, o latim e o sânscrito:

- Neutro - refere-se a seres assexuados, ou que não se pode ou não interessa determinar o sexo, bem como conceitos abstratos. Não possuem terminação vocálica. Todos os radicais são, originalmente neutros. Ex.: *in* - humano, *fil* - gosto, afinidade, amizade, *rab* - trabalho.
- Masculino - refere-se a seres do sexo masculino. Terminam em *o*. Ex.: *ino* - homem, *filo* - amigo, *rabo* - trabalhador.
- Feminino - quando se referem a seres do sexo feminino. Terminam em *a*. Ex : *ina* - mulher, *fila* - amiga, *raba* - trabalhadora.

As terminações vocálicas foram criadas com inspiração em línguas eslavas, latinas, e semitas. O fonema /a/ está presente no feminino do árabe falado como em امرأة /imraʔa/ ou /marʔa/, no italiano *donna* /donna/ e no russo женщина /zenʃtʃina/ entre outras

línguas. A terminação masculina *o* é baseada principalmente nas línguas latinas como espanhol, italiano e português.

Todavia, o alamês não pede, obrigatoriamente, o uso do gênero. Pode-se se referir a uma pessoa no gênero neutro acrescentando *in* de origem iorubá. Ex.: *filin* – amigo(a), *rabin* – trabalhador(a).

Também é possível determinar o sexo mantendo o gênero neutro adicionando *jin* ou *max*. Ex.: *rabjin*, “trabalhadora”, *filmax* “amigo”. Desta maneira, há a possibilidade de diversas definições ou omissões de gêneros não gramaticais.

Gêneros ou sistemas equivalentes complexos como das línguas bantu que, considerando o plural podem atingir quatorze tipos, não foram contemplados uma vez que teriam impacto na gramática e poderiam torná-la demasiadamente complexa. Os gêneros em alamês não implicam em concordâncias verbais ou adjetivais. Apenas mantêm a possibilidade de um costume, hoje utilizado por línguas faladas por um grande número de pessoas.

b) Número: o plural

Com base nas principais desinências acústicas de plural existentes nos substantivos masculinos a exemplo do /i/ presente no latim, no italiano e no russo, todos os substantivos fazem o plural com a semivogal *y*. Os substantivos neutros necessitam de uma vogal *u* antes de *y* para fazer o plural. Exemplos:

- *Ino* – *inoy*, “homem – homens”.
- *Ina* – *inay*, “mulher – mulheres”.
- *Rab* – *rabuy*, “trabalho – trabalhos”.

O plural pode ser usado somente se necessário para o entendimento, ou seja, sendo o número dois a palavra *denü* pode-se dizer *denü inuy*, ou *denü in* e ambas expressões estarão corretas significando “duas pessoas”. Assim sendo, a palavra *in*, sozinha, pode significar pessoa ou pessoas.

c) Definidos e indefinidos

O alamáes somente possui artigo definido: o prefixo *ha-* de origem semítica, mais especificamente hebraica ה (ha-) e é usado para qualquer gênero. Seu uso é idêntico ao que acontece no árabe ou no hebraico, ou seja, é acoplado diretamente às palavras a serem definidas. Este fenômeno pode ser verificado no hebraico em que o artigo ה /ha/ é diretamente anexado ao substantivo como o exemplo da palavra casa בית /bajt/ formando הַבַּיִת /habajt/, “a casa”. Não existem artigos indefinidos. Exemplos:

- *Ino*: “Homem” ou “um homem”.
- *Haino*: “O homem”.
- *Fila*: “Amiga” ou “uma amiga”
- *Hafila*: “A amiga”.
- *Bav*: “sentimento” ou “um sentimento”.
- *Habav*: “O Sentimento”.

d) Numerais

A formação dos números de zero a nove é baseada, principalmente, principalmente na raiz semita com poucas modificações. A fonética dos números se assemelha, portanto, às correspondentes em árabe, hebraico, aramaico e amárico etíope. A representação numérica pode ser feita através da arábica ou índica, uma vez que são as mais utilizadas mundialmente.

A seguir, cada número é representado pela consoante inicial maiúscula de seu radical e comparado com sua pronúncia aproximada seguida das equivalentes em seus cognatos de outras línguas semitas, amárico (etíope), árabe e hebraico, respectivamente:

- 0: *ux* – o algarismo zero é de origem *a priori*.
- 1: *hed* /hed/ - /ʾand/, /waħad/ e /axat/;
- 2: *den* /den/ - /hullet/, /iθnajn/ e /ʃtaʾim/;
- 3: *xal* /ʃal/ - /sost/, /θalaθa/ e /ʃalof/;
- 4: *rëb* /rëb/ - /arat/, /arbaʿa/ e /arba/;
- 5: *cam* /xam/ - /aməst/, /xamsa/ e /xameʃ/;
- 6: *zex* /zeʃ/ - /sədəst/, /sitta/ e /ʃeʃ/;
- 7: *sab* /sab/ - /sebat/, /sabʔa/ e /ʃeva/;
- 8: *tam* /tam/ - /səmənt/, /θamanja/ e /ʃmone/; e

- 9: *nis* /nis/ - /zeteni/, /tísʕa/ e /teʕa/.

O número dez é feito a partir da união do número *hed*, “um” e o sufixo - *eyn*. O vinte é composto pelo número dois seguido de o *eyn* e assim sucessivamente. Este sufixo tem origem *a priori*. Para representação das demais casas decimais há a participação de radicais semitas, gregos e latinos:

- *Miy*: centena (semita).
- *Kil*: milhar (grego).
- *Mil*: milhão (latino).
- *Bil*: bilhão (latino).
- *Twil*: trilhão (latino).
- *Kwil*: quatrilhão (latino).
- *Kwin*: quinquilhão (latino).

Quando antepostos aos substantivos para efeito de contagem, os numerais recebem a terminação adjetiva *ii*. Exemplos:

- *Hedü in*: uma pessoa, no caso, podendo também ter função semelhante à do artigo indefinido.
- *Denkilcammiyрэbeynxalü bayt / baytuy*: Duas mil quinhentas e quarenta e três casas.

Os ordinais são formados a partir da união com o radical locativo, *en*, seguido da terminação adjetiva, -*ii*, ou, como acontece nas línguas semitas, justapondo-se o número logo após o substantivo para formar uma só palavra. Isto ocorre com meses, dias, horas e minutos.

- *Sabünü yom* ou *yomsab*: sétimo dia ou sábado. A palavra resultante se assemelha a *يوم السبت* /yawm as-sabt/ do árabe ou *יום שבת* /yom sabat/ do hebraico, ambas significando “sábado”.
- *Xalünü xar* ou *Xarxal*: terceiro mês ou março.

3.4.3 Adjetivos e advérbios

Todos os adjetivos terminam em *ü*. Não possuem gênero, número ou caso gramatical. Antepõem-se aos substantivos podendo pospor-se em casos cuja compreensão seja clara. Quando o substantivo for definido, o artigo *ha-* se acopla ao adjetivo. Exemplos:

- *Kaliü*: “Bom”, “boa”, “bons” ou “boas”.
- *Kaliü filin*: “Um bom amigo” ou “uma boa amiga”.
- *Kaliü filo*: “Um bom amigo”.
- *Kaliü fila*: “Uma boa amiga”.
- *Kaliü filoy*: “Bons amigos”.
- *Hakaliü filo*: “O bom amigo”.
- *Hakaliü bav*: “O bom sentimento”.

Os adjetivos também podem ser substantivados, mas ainda assim continuam a exercer a função qualificadora com construção semelhante à das línguas semitas. Neste caso, levam o mesmo gênero do substantivo qualificado e devem levar o artigo definido caso o substantivo o faça. Exemplos:

- *Kalo*: Se refere a um homem bom.
- *Filo kalo*: “Um bom amigo”.
- *Fila kala*: “Uma boa amiga”.
- *Filoy kaloy*: “Bons amigos”.
- *Hafilo hakalo*: “O bom amigo”.
- *Habav hakal*: “O bom sentimento”.

No que diz respeito ao grau dos adjetivos o radical aumentativo inspirado na gramática grega e persa, *tar* é utilizado. Nestas línguas ele faz o papel de aumentativo ou intensificador da qualidade adjetiva. Em grego o equivalente a “bom” é *καλός* /kalos/, sendo seu superlativo *το καλύτερο* /to kalitero/. Situação semelhante acontece em persa em que *بزرگ* /bozorg/ significa grande e *بزرگتر* /bozorgtar/ significa maior.

Em alamês, as terminações adjetivas permanecem no final. Além disto, o aumentativo também pode ser usado com os substantivos, assim como acontece no espanhol, italiano ou português “-ísimo, -íssimo”, “-ão”. Exemplos:

- *Bayt – bayttar*: “Casa” – “Mansão”.
- *Filo – fíltaro*: “Amigo” – “Amicíssimo”.
- *Kalü – kaltariü*: “Bom” – “melhor”, “muito bom”, ou “ótimo”.
- *Mal – maltariü*: “Mal” – “pioor”, “muito mal” ou “péssimo”.
- *Dwilü – dwiltariü*: “Bonito” – “mais bonito”, “muito bonito” ou “lindo”.
- *Mëgü – mëgtariü*: “Grande” – “maior”, “muito grande” ou “enorme”.

O radical *yet*, inspirado nos correspondentes espanhóis “-ito”, “-ita”, é usado para diminuir a qualidade, dimensão ou intensidade dos adjetivos ou do substantivo. A introdução da letra *y /j/* no radical resulta num som que pode soar eslavo, graças às muitas palavras que contém a desinência *er /jet/* na língua russa. Exemplos:

- *Ino – inyeto*: “Homem” – “garoto” ou “menino”.
- *Bayt – Baytyet*: “Casa” – “casinha” ou “casebre”.
- *Kalü – kalyetiü*: “Bom” – “bonzinho” ou “menos bom”.
- *Dwilü – Dwilyetiü*: “Bonito” – “menos bonito” ou “bonitinho”.

Nas comparações o substantivo de referência leva a terminação delativa *r* ou *-ur* para palavras terminadas em consoantes, significando “em relação a” ou “em comparação com”. Exemplos, equivalendo *hezel* a “é” e *hezeyl* a “são”:

- *Hallaminmüim hezel mëgtariü hainur*: “A humanidade é maior que o homem”.
- *Haalyuj hezel kaltariü haalöfur*: “A união é melhor que a segregação”.
- *Hadumveduy hezeyl veryetiü haverveduyr*: “As crenças são menos verídicas que as constatações”.

Não existe, em alamês, distinção gráfica entre adjetivos e advérbios. Assim sendo, *kalü* pode ser traduzido como bom ou bem. A função adverbial é dada quando a palavra qualificativa antecede o verbo. Ex:

- *Kalü labét!*: “Ame bem!”.
- *Kaltariü alyujéyt!*: “Unam-se melhor”.
- *Kalü ejet*: “Você fala bem”.

3.4.4 Verbos

De um modo geral, a língua alamesa é flexível em relação ao uso de suas formas verbais analítica ou sintética. Este aspecto acontece, por exemplo, em línguas celtas como o irlandês. Exemplo do verbo “correr” em irlandês:

Modo analítico:

- *Rith mé*: “eu corro”
- *Rith tu*: “tu corres”
- *Rith sé*: “ele corre”

Modo sintético

- *Ritheas*: “corro”
- *Rithis*: “corres”
- *Rith*: “corre”

Importante mencionar que em irlandês os verbos precedem o sujeito “corro eu”, “corres tu” etc.. A seguir, apresenta-se a versão em alamês com o mesmo verbo:

Modo analítico:

- *Mine takiri*: “eu corro”.
- *Tine takiri*: “tu corres”.
- *Line takiri*: “ele corre”.

Modo sintético

- *Takirem*: “corro”.
- *Takiret*: “corres”.
- *Takirel*: “corre”.

Na versão analítica em alamês, os verbos não necessitam ser conjugados. Já na versão sintética conjugam recebendo as terminações pronominais de acordo com o tempo

verbal. Este fenômeno pode ser tanto comparado às conjugações de línguas indo-europeias e urálicas e também à utilização de pronomes temporais no hauçá (BROWN & OGILVIE, 2009, p. 478), mas diretamente acoplados ao verbo. É possível esta última comparação uma vez que as terminações verbais são exatamente as mesmas iniciais dos pronomes.

a) Conjugação verbal no modo sintético

Todos os verbos alameses terminam em *i* no infinitivo ou modo analítico. Ex : *labi* - amar, *fili* - gostar, *rabi* - trabalhar, *habi* - ter, *hezi* - ser, *voli* - querer. O verbo para ser conjugado na forma sintética perde a terminação *i*. A conjugação em alamês leva em consideração três aspectos correspondentes a três letras na seguinte sequência: tempo, número e pessoa.

1º) Existem três tempos sintéticos: presente, passado e futuro. Para o presente usa-se *e*, passado *u* e futuro *a*;

2º) Se a pessoa estiver no plural deve-se acrescentar *y*;

3º) Por último, o verbo leva a terminação consonantal correspondente ao pronome pessoal sujeito: *mine(y)* – “eu” ou “nós”, *tine(y)* – “tu” ou “vós” (vocês), *line(y)* “ele”, “ela”, “eles” ou “elas”. As consoantes finais correspondem às iniciais dos pronomes.

Exemplos:

- *Maci*: “fazer”.
- *Macem*: “faço”.
- *Macum*: “fiz”.
- *Macam*: “farei”.
- *Macut*: “fizeste” ou “você fez”.
- *Macal*: “fará” ou “ele fará” ou “ela fará”.
- *Hezi*: “ser”.
- *Hezeym*: “somos”.
- *Hezayt kalii*: “estarás bem” ou “você estará bem”.
- *Hezel habaytyet*: “É o casebre” ou “Eis o casebre”.
- *Eji*: “falar”.

- *Malü ejuyl*: “falaram mal”.

Com relação aos verbos nominais, semelhante às construções verbais persas, os correspondentes ao verbo ser ou estar em alamês são três: *hezi* (forma afirmativa) *nezi* (forma negativa) *kezi* (forma interrogativa). Exemplo comparativo (LAMBTON, 1976 [1953], pp. 12,13):

- *Hezem* em persa: هستم /*hastam*/, “sou”.
- *Nezem* em persa: نیستم /*nistam*/, “não sou”.
- *Kezem* em persa: کیستم /*kistam*/, “(quem) sou?”. Em persa existe a conotação de “quem sou?” enquanto em alamês de apenas “sou?” na forma interrogativa.

Desta maneira, teríamos a conjugação completa do verbo “ser” nas suas diferentes formas:

- Afirmativa: *hezem*, “sou”, *hezet*, “és” ou “você é”, *hezel*, ele ou ela “é”, *hezeym*, “somos”, *hezeyt*, “sois” ou “vocês são” e *hezeyl*, eles ou elas “são”;
- Negativa: *nezem*, “não sou”, *nezet*, “não és” ou “você não é”, *nezel*, ele ou ela “não é”, *nezeym*, “não somos”, *nezeyt*, “não sois” ou “vocês não são” e *nezeyl*, eles ou elas “não são”; e
- Interrogativa: *kezem*, “sou?”, *kezet*, “és?” ou “você é?”, *kezel*, ele ou ela “é?”, *kezeym*, “somos?”, *kezeyt*, “sois?” ou “vocês são?” e *kezeyl*, eles ou elas “são?”.

A semelhança fonética, mesmo que mais distante, acontece com outras línguas indo-europeias, como por exemplo: *nezem*: em francês, “*ne suis (pas)*”, “não sou”.

A negação e a interrogação de verbos não nominais, ou seja, que não *hezi*, *kezi*, e *nezi*, são realizadas a partir das formas adverbiais dos mesmos: *kezü*, *nezü* e *hezü*. Elas podem ser contraídas em *kü*, e *nü* e *hü*, respectivamente. Como as frases sem o uso de *hü* já implicam numa afirmação, esta partícula pode ser usada para dar ênfase. Tais formas são semelhantes às línguas índicas. Exemplos (VLADISAVLJEVIC, 2008, pp. 55,56,79,80,103,104,223, 224):

- *Hezü* ou *hü*: em bengali হাঁ /hāñ/, em guzerate हँ /hā/, “sim” e em híndi हाँ /hañ/.
- Importante por em relevo a semelhança fonética de *ü* com com as equivalentes nas línguas índicas;
- *Nezü* ou *nü*: bengali না /nā/, em guzerate नँ /nā/ e em híndi: नहीं /nahĩ/, “sim”;
 - e
 - *Kezü* ou *kü*: bengali कि /ki/ em híndi: क्या /kyā/, em marate कँ /kayaā/, “quê” ou partícula usada para fazer perguntas.

O *k* usado para fazer pronomes interrogativos tem base não somente línguas indo-europeias mas também em outras, principalmente asiáticas. Exemplos de cognatos da partícula interrogativa *kü* /kə/:

- Catalão: que /kə/;
- Hindi: क्या /kyā/;
- Japonês: か /ka/; e
- Tailandês: กะ /ka/, usada por mulheres.

b) Modos verbais

Algumas modalidades verbais em alamês permitem a língua ter uma maior precisão, graças à sua absorção de características de línguas não ocidentais presentes nos em quatro modos:

1º) Condicional

Indica uma possibilidade, uma condição podendo ser comparado ao *would* ou *if* seguido de verbo no passado em inglês ou futuro do pretérito do português e à construção “se... seguida do modo subjuntivo”. Para construir o modo condicional, os verbos recebem a partícula de origem japonesa *eb* antes da terminação de conjugação. Em japonês trata-se de uma das maneiras de se fazer o condicional. Neste sentido a frase japonesa *jikan ga areba*, “se tiver tempo” *areba* é a forma condicional do verbo *aru*, “ter” ou “haver”, significando, na frase “se tiver” (BALLHATCHET & KAISER, 1992, p. 256). O mesmo ocorre em alamês. Exemplos:

- *Volet – volebet*: “você quer” – “você quereria” ou “se você quiser”.
- *Irel – irebel*: “ele vai” – “ele iria” ou “se ele for”.
- *Maceym – macebeym*: “nós fazemos” – “nós faríamos” ou “se nós fizemos”.

2º) Modo assertivo

Inspirado nesta modalidade da língua quíchua que usa a partícula *mi* para indicar que o sujeito afirma algo de acordo com sua própria experiência. Na frase quíchua *wik-say-mi nana-wa-shan*: “meu estômago dói”, a partícula *mi* dá a conotação de experiência própria (CORONEL-MOLINA, 1989, p. 22).

Em alamáes se usa *mey* o que faz uma ligação coincidente com a consoante *m* de *mine*, reforçando a ideia que o que está sendo dito é sob a perspectiva do “eu”. A partícula é inserida antes da conjugação verbal. Exemplos:

- *Dev nü zayezel – Dev nü zayezmeyel*: “Deus não existe.” - “(eu testemunhei que) Deus não existe.”
- *Lah zayel nezveddumun – Lah zaymeyel nezveddumun*. “Deus situa-se no inconsciente” - “(eu constatei que) Deus situa-se no inconsciente.”
- *Lah nez el dev – Lah nezmeyel dev*: Deus não é deus - “(eu testemunhei que) Deus não é deus.” (A palavra “deus” aqui diferenciada pela inicial minúscula devido a inexistência de tradução exata).

3º) Modo reportativo

Também inspirado no quíchua “*si*” (CORONEL-MOLINA, 1989, p. 23), é usado para indicar quando o sujeito não sabe por experiência própria, mas através de outrem ou fatos indiretos, mas nem sempre pode se indicar quem obtém a informação inicial. Em alamáes o *si* da língua dos incas é transformado em *sey*. Exemplos:

- *Irul baytuv - irseyul baytuv*: “Ele foi para a casa” - “(Soube que) ele foi para casa”.
- *Samxuyul - samxuyseyul*: “Choveu” – “(Eu ouvi dizer que) choveu”.
- *Dev hezel hasamun – Dev hezseyul hasamun*. “Deus está no céu” – “(Dizem que) Deus está no céu”.

4º) Modo acidental

Proveniente do malaio-indonésio, o radical *tēy* visa mostrar que a ação se dá por acidente.

- *Hawan nedëvteyul.*: “A panela caiu (por acidente).”
- *Vizteyum tineh.*: “Te vi (sem querer).”
- *Xuyteyul.*: “Molhou (acidentalmente).”

c) Tempos verbais nas formas sintética e analítica

Os tempos verbais sintéticos e compostos podem ter formas mais sintéticas ou mais analíticas. Graças aos radicais oriundos do árabe, *sawf*, khmer, *hěj e* turco, *gej*, diversas combinações são possíveis, permitindo situar ações no tempo com precisão. A seguir são apresentados os tempos sucedidos por exemplos da primeira pessoa do singular, sua forma sintética e por último sua forma analítica:

- Presente: “eu falo”, *ejem, mine eji*;
- Passado: eu falei, *ejum* ou *hëjejem, mine palü eji*;
- Futuro: eu falarei, *ejam* ou *sawfejem, mine gejü eji*;
- Presente gerúndio: “eu estou falando”, *hezem ejik, mine hezëkü eji*;
- Passado do gerúndio ou pretérito imperfeito: “eu estava falando”, *hezum ejik, mine hëjhezëkü eji*;
- Futuro do gerúndio: “eu estarei falando”, *hezam ejik, mine sawfhezëkü eji*.
- Futuro do pretérito: “eu falaria” ou “eu iria falar”, *sawfejum, mine sawfhëjü eji*.
- Pretérito mais que perfeito: “eu falara” ou “eu havia falado”, *hëjejum, mine hëjpalü eji*.
- Futuro perfeito: “eu terei falado”, *hëjejam, mine hëjsawfü eji*.

3.4.5 “Substitutivos”

São palavras que substituem os substantivos em geral. Podem funcionar como pronomes ou adjetivos conforme sua função na frase. As funções pronominais levam a terminação *e*. Semelhante ao que acontece nas línguas índicas, esta classe de palavra obedece a um padrão de formação.

Os radicais-base, com a exceção de *un* e *in*, de origem no iorubá *ohun* e *èniyàn*, são de criação *a priori*, mas que ao juntar-se com seus prefixos derivativos podem soar como *a posteriori*. São sete:

- *Un*, “objeto” ou “coisa”;
- *In*, “pessoa”;
- *Ēn*, “lugar”;
- *Ēt*, “número” ou “quantia”;
- *Ût*, “tempo”;
- *Yum*, “modo”; e
- *Im*, “motivo”.

Antepostas a eles, existem sete possibilidades, entre elas quatro iniciais consonantais e outros três radicais. As consoantes, sozinhas, não têm significado, mas formam novos radicais quando acopladas aos radicais-base. São elas:

- *H*: significa proximidade. Inspirada na no som inicial da palavra هُنا /hunā/, “aqui” da língua árabe, e *hier*, *here*, do germânico.
- *K*, para interrogação. É inspirada em palavras interrogativas de várias línguas indo-européias como as latinas, as índicas e o persa, no japonês e no tailandês;
- *N*, para negação. É inspirada nas palavras negativas em várias línguas indo-europeias; e
- *S*: significa distância. Inspirada na primeira consoante da palavra japonesa そこ /soko/, “lá”.

Já os radicais possuem significados por si mesmos, mas funcionam semelhantemente. São eles:

- *Al*, significa “tudo” ou “todo”. Baseado em línguas germânicas;
- *Ok*, significando “algum” ou “algo”. Das línguas latinas; e
- *Öt*, significa “alteridade”. Proveniente de línguas indo-europeias, principalmente germânicas e latinas.

Antepondo as iniciais aos radicais-base temos os seguintes tipos de substitutivos cujos significados são de fácil previsão:

- De alteridade: recebem *öt*, significando “outro”, no início formando a sequência: *ötune*, “outra coisa”, *ötine* “outrém”, *ötëne*, “outro lugar” *ötëte*, “outra quantia”, *ötüte*, “outro tempo” ou “outro momento”, *ötyume*, “outra forma” ou “outra maneira” e *ötíme*, “outro motivo”.
- De distância: recebem *s*, significando “distância”, no início formando a sequência: *sune*, “aquilo”, *sine* “aquela pessoa”, *sëne*, “aquele lugar” (necessário o uso do locativo para significar “lá”), *sëte*, “aquela quantia”, *siüte*, “aquele momento”, *syume*, “aquela forma” (para a construção da expressão “daquele jeito” no caso locativo) e *síme*, “aquele motivo”.
- De proximidade: recebem *h*, significando “proximidade”, no início formando a sequência: *hune*, “isto”, *hine* “esta pessoa”, *hëne*, “todos os lugares” (necessário o uso do locativo para significar “aqui” numa frase), *hëte*, “esta quantidade”, *hüte*, “este momento” (para a construção da palavra “agora” é necessário o uso do caso locativo), *hyume*, “aquela forma” (para a construção da palavra “assim” é necessário o uso do caso locativo) e *híme*, “este motivo” (para a construção da palavra “porque” é necessário o uso do caso dativo).
- Indicativos: recebem *ok*, significando “algo”, no início formando a sequência: *okune*, “algo” ou “alguma coisa”, *okine* “alguém”, *okëne*, “algum lugar” *okëte*, “alguma quantia”, *oküte*, “algum tempo” ou “às vezes”, *okyume*, “alguma forma” e *okíme*, “algum motivo”.
- Interrogativos: recebem *k*, significando “distância”, no início formando a sequência: *kune*, “o quê”, *kine* “quem”, *këne*, “que lugar” (necessário o uso do locativo para significar “onde”), *këte*, “quanto”, *küte*, “quando”, *kyume*, “de que

maneira” (necessária a transformação em adjetivo para antepor-se aos substantivos) e *kime*, “qual motivo” (necessária a aplicação do caso dativo para que signifique “por quê”).

- Negativos: recebem *n*, significando “negação” ou “ausência”, no início formando a sequência: *nune*, “nada”, *aline* “ninguém”, *nëne*, “nenhum lugar” *nëte*, “nenhum” ou “nenhuma quantia”, *nüte*, “nunca”, *nyume*, “nenhuma forma” e *nime*, “nenhum motivo”.
- Totalizantes: recebem *al*, “tudo”, no início formando a sequência: *alune*, “tudo”, *aline* “todo mundo (pessoas)”, *alëne*, “todos os lugares”, *alëte*, “toda a quantia”, *aliüte*, “sempre”, *alyume*, “toda forma” ou “toda maneira” e *alime*, “todo motivo” ou “toda razão”.

No que diz respeito à funcionalidade gramatical, importante que se ponha em relevo:

1. Quando os substitutivos de objeto *un* precedem substantivos, recebem a terminação adjetiva *ü*. *Kune* passa a ser *kunü* e significar “qual”;
2. Os substitutivos de tempo normalmente são usados em conjunto com casos gramaticais;
3. Os substitutivos de modo passam a ser adjetivos com a terminação *ü* - *kyumü*, *nyumü* etc; e
4. Os substitutivos de motivo, são usados com o caso dativo.

Substitutivos Pessoais

Pessoa em alames possui a raiz *in*. As primeiras pessoas possuem a inicial *m*, as Segundas *t* e as terceiras *l* com base nos pronomes de grande parte das línguas indo-europeias. Para efeito de comparação apresentam-se, respectivamente a primeira, a segunda e a terceira pessoa do singular em diferentes línguas, correspondentes às versões alamesas “*mine*”, “*tine*” e “*line*”:

1º) Línguas indo-européias

- Alemão: *ich*, *du*, *er* ou *sie*
- Hindi: मैं /maĩ/, तू /tu/, यह /je/
- Irlandês: *mé*, *tú*, *sé*

- Italiano: *io, tu, lui e lei*
- Persa: من /man /, تو /to /, او /u /
- Romeno: *eu, tu, el e ea*
- Russo: я /ja/, ты /ty/, он /on/ e она /ona/

2º) Línguas não indo-europeias

- Finlandês: *minä, sinä, hän*
- Iorubá: *mó, o, ó*
- Suaíle: *mimi, wewe, yeye*

Há uma importante presença da letra *m* nas primeiras pessoas nas línguas apresentadas. Esta presença tende a aumentar, se a pessoa for analisada em outros casos como o acusativo ou oblíquo, por exemplo, no alemão, *mich*, no italiano *me*. A mesma incidência ocorre com o *t* para as segundas pessoas. O *l* tende a ocorrer mais em línguas latinas especialmente em casos que não o nominativo.

O plural das pessoas segue mesma regra dos substantivos, levam a letra *y*. Também podem ser acrescidas da partícula de coletivo *mün*, proveniente do chinês 们 *men* de pronúncia bastante similar, /mən/. Em chinês também se constrói a versão plural de substantivos e pronomes pessoais com esta partícula. Por exemplo, o plural de 我 *wǒ*, “eu” é 我们 *wǒmen*. Assim tem-se:

- *Mine*: eu
- *Tine*: tu
- *Line*: ele ou ela
- *Miney, minmün*: nós
- *Tiney, tinmün*: vós ou vocês
- *Liney, linmün*: eles ou elas

3.4.6 Casos gramaticais

Não existem preposições em alamês, mas processos de sufixação semelhante ao que ocorre nas línguas urálicas e altaicas. Exemplos:

- Finlandês: *Helsinki* (nome da cidade) recebe o sufixo *-in*, forma *Helsinkiin*, “para Helsinki”;
- Japonês: 通り, /toori/, “rua”, recebe o sufixo ou, mais adequadamente a posposição に /ni/ e forma 通りに /toori-ni/ “na rua” ;
- Turco: *Ev*, “casa” recebe o sufixo *-den*, e forma *evden* “da casa”, no sentido de procedências.

A semelhança do alamáês é maior com estas línguas do que com as línguas indo-europeias neste aspecto, devido ao fato de estas últimas mudarem significativamente seu aspecto sintético, principalmente as composições vocálicas tendo uma regularidade geralmente menor. O correspondente às declinações em alamáês são meras sufixações regulares.

Os casos gramaticais são aplicados a partir da última consoante dos radicais de caso ou função através das seguintes regras:

- 1) Palavras terminadas em vogais ou semivogal *y* correspondente ao plural como substantivos do gênero masculino ou feminino, verbos e substitutivos recebem diretamente a consoante correspondente ao caso. Exemplos: *haina*, “mulher”-*hainak*, “com a mulher”, *ejî* “falar” – “*ejiv*” “para falar”, *mine*, “eu” – *minek*, “comigo”;
- 2) Palavras terminadas em consoantes como os substantivos neutros recebem a vogal *u* antes da consoante de caso. Exemplo: *bayt*, “casa” - *baytun*, “em casa”. No caso de verbos conjugados, que também terminam em consoante, recebem a terminação verbal *i* antes da consoante de caso. Exemplos: *ejem*, “falo” – *ejemiv*, “para eu falar”.

Desta maneira, existem os seguintes casos que serão apresentados a seguir, com os mesmos exemplos que consistem de todas as formas possíveis, para efeito de comparação e análise do processo de significação após a aplicação dos casos gramaticais (Para maior clareza, a tradução dos casos é muitas vezes feita como se a palavra tivesse o artigo definido):

- *Nominativo*: caso do sujeito e consiste da forma da palavra sem aplicação de casos gramaticais. Exemplos: *filo*, “amigo”, *fila*, “amiga”, *fil*, “amizade”, *fili*, “gostar”, *filet*, “você gosta” e *kine*, “quem”;
- *Acusativo*: caso do objeto direto. As palavras declináveis recebem a terminação *h*. Exemplos: *filoh*, “amigo (objeto direto)”, *filah*, “amiga (objeto direto)”, *filuh*, “amizade (objeto direto)”, *filih*, “gostar (sofrendo ação de outro verbo como em “quero gostar)””, *filetih*, “que você goste” e *kineh*, “quem (objeto direto)”;
- *Genitivo*: funciona como o possessivo. Em português é usada a preposição “de”. Em alamês, as palavras declináveis terminam em *s*. Exemplos: *filos*, “do amigo”, *filas*, “da amiga”, *filus*, “da amizade”, *filis*, “de gostar”, *filetis*, “de você gostar” e *kines*, “de quem”;
- *Dativo*: caso do objeto indireto, motivo, direção. Corresponde às preposições “a”, “para”, “por”. As palavras declináveis recebem *v* no final. Exemplos: *filov*, “para o amigo”, *filav*, “para a amiga”, *filuv*, “para a amizade”, *filiv*, “para gostar”, *filetiv*, “para você gostar” e *kinev*, “para quem”;
- *Locativo*: usado para situar a frase em termos espaciais ou temporais. Em português usa-se a preposição “em”. Em alamês, as palavras declináveis recebem a terminação *n*. Exemplos: *filon*, “no amigo”, *filan*, “na amiga”, *filun*, “na amizade”, *filin*, “em ou quando gostar”, *filetin*, “quando você gosta” e *kinen*, “em quem”;
- *Delativo*: usado como tópico, relação, assunto ou modo. Em português usa-se a preposição sobre (acerca de). As palavras declináveis terminam em *r*. Exemplos: *filor*, “sobre o amigo”, *filar*, “sobre a amiga”, *filur*, “sobre a amizade”, *filir*, “sobre gostar”, *filetir*, “sobre você gostar” e *kiner*, “sobre quem”;
- *Ablativo*: indica procedência assim como a preposição *de* em português. A terminação que o caracteriza é a letra *d* no final das palavras declináveis. Exemplos: *filod*, “do amigo”, *filad*, “da amiga”, *filud*, “da amizade”, *filid*, “do gostar”, *filetid*, “desde o momento que você gosta” e *kined*, “de quem” (todos sempre significando procedência origem, local ou temporal);
- *Instrumental / Cominativo*: usado para indicar instrumento ou companhia. Corresponde à preposição *com* do português. Em alamês as palavras declináveis terminam em *k*. Exemplos: *filok*, “com o amigo”, *filak*, “com a amiga”, *filuk*,

“com a amizade”, *filik*, “com o gostar”, “a gostar” ou “gostando”, *filetik*, “com você gostando” ou “enquanto você gosta” e *kinek*, “com quem”;

- *Ergativo*: substitui a proposição por nas construções passivas. Ex. Foi feito *por mim*. A terminação é *x*. Exemplos: *filox*, “pelo amigo”, *filax*, “pela amiga”, *filux*, “pela amizade”, *filix*, “por gostar”, *filetix*, “por você gostar” e *kinex*, “por quem”; e
- *Vocativo / Imperativo*: usado para indicar chamamento e no caso dos verbos uma ordem. É representado em alâmês através da transferência da tonicidade para uma sílaba após o último radical sígnico da palavra. Aos substantivos neutros acrescenta-se *u* após a última consoante. Exemplos: *filó*, “Ó amigo”, *filá*, “Ó amiga”, *filú*, “Ó amizade”, *filí!*, “que se goste” ou “gostar” numa intenção imperativa não direcionada a uma pessoa específica, mas a qualquer um”, *filét*, “goste!” e *tiné*, “Hei você” (aqui *kine* foi substituído para uma melhor exemplificação).

Conforme já mencionado, alguns substitutivos necessitam de casos gramaticais para desempenharem sua função numa frase. Segue aplicação nos substitutivos que implicam em significação temporal:

Locativo: *küten*, “quando”, *nüten* “nunca”, *oküten*, “às vezes”, *alüten*, “sempre”, *ötüten*, “em outro momento”, *hüten*, “agora” e *süten*, “naquele momento”;

Ablativo: *küted*, “desde quando”, *nüted* “desde nunca”, *oküted*, “desde algumas vezes”, *alüted*, “desde sempre”, *ötüted*, “desde outro momento”, *hüted*, “desde agora” ou “de agora em diante” e *süted*, “desde um outro momento”; e

Dativo: *kütev*, “para quando” ou “até quando”, *nütev* “para nunca” ou “até nunca”, *okütev*, “até qualquer hora”, *alütev*, “para sempre”, *ötütev*, “até outro momento”, *hütev*, “para agora” ou “até agora” e *sütev*, “até aquele momento”.

Da mesma maneira, os substitutivos de motivo *im* necessitam da aplicação do dativo. Assim *kimev* adquire o significado de “por que motivo” ou “por que” e *himev* adquire o significado de “por este motivo” ou “porque”.

Todavia entre as características mais peculiares do alamês, podendo ser consideradas *a priori*, está a utilização dos mesmos casos gramaticais aos verbos, estejam eles no infinitivo ou conjugados.

O acusativo é usado em situações em que muitas línguas europeias, por exemplo, usariam o subjuntivo. Isto ocorre porque o que sofre a ação de um verbo recebe a terminação *h*, não importando se é um substantivo, um substitutivo ou um verbo. Neste caso *macem* significa eu faço, e *macemih* “que eu faça”. Exemplos com as terminações acusativas verbais sublinhadas:

- *Volel macemih kuneh?* “Ele (ela) quer que eu faça o quê?”
- *Hahedin volel yujih haötuk.* “O indivíduo quer unir-se ao outro.”
- *Dev nü volel verdumetih lineh.* “Deus não quer que você acredite nele.”
- *Hanezveddum volul maculih huneh nezvedul.* “O inconsciente quis que ele (ela) fizesse o que desconhecia”.

Da mesma maneira, como o locativo também é usado para situar no tempo, é aplicado aos verbos quando em português usamos “quando” antes dos verbos. Exemplos com as terminações locativas sublinhadas:

- *Dumem nézemin yujü hezem nezü dúmemin.* “Penso onde não existo e existo onde não penso.” Neste caso a tradução poderia ser “onde” ou “quando” sem que alterasse a correspondência em alamês, uma vez que o locativo é usado para situar espacial ou temporalmente.
- *Labeyin, cuxtarü hezeym.* “Quando amamos ficamos muito felizes.”
- *Nezelin voltar semnezel duktar.* “Quando não há desejo extremo também não há sofrimento extremo.”

Já o caso instrumental aplicado aos verbos corresponde ao gerúndio no português e ao uso de “enquanto” antes de verbos. Exemplos com as terminações sublinhadas do caso instrumental aplicado aos verbos:

- *Hanezveddum hezel eijk.* “O inconsciente está falando.”
- *Haveddum dukel, hanezveddum ejelik.* “O consciente sofre quando o inconsciente fala.”

- *Dumul ejutik*. “Ele (ela) pensava enquanto tu falavas.” ou “Ele (ela) pensava com você falando.”

Por último, o dativo e o ablativo têm a função de “até” e “desde” respectivamente, além de termos de conotação semelhantes. Exemplos com as terminações de declinação sublinhadas.

- *Musat ejih nedvedetiy semtineh*. “Deverás falar até que entendas a ti mesmo.”
- *Hezem kaltariü bidumid ejih semminer*. “Estou melhor desde que comecei a falar de mim mesmo.”

3.5 Comparação com outras línguas artificiais quanto ao aspecto global

Com base na apresentação da estrutura que remete ao processo de criação de uma língua híbrida no intento de ser global, é possível que se faça algumas comparações em relação às demais línguas que tenham características semelhantes. Dentre elas, são de maior afinidade analítica aquelas que se colocam como auxiliares internacionais, de classificação *a posteriori* ou que tenham se baseado, de alguma forma, na mixagem de línguas pré-existentes.

Antes de tudo, é importante que se coloque em evidência que nesta análise não são consideradas línguas auxiliares *a priori* uma vez que a discussão não teria como objeto um estudo qualitativo da hibridez das línguas. Parte-se do pressuposto que a mescla de origens linguísticas implicaria numa fusão cultural que, por conseguinte, evocaria a função paterna que a ela estaria vinculada propiciando a harmonização do significante Deus.

Além disto, nenhuma comparação aqui realizada tem o objetivo de constatar superioridade de uma língua em relação à outra, sob risco de recair em semelhante engodo de que cada povo crê na superioridade de seu idioma (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 254) uma vez que o que aqui se realiza é linguisticamente breve mas suficiente para os objetivos do presente estudo. Nesta triagem, são analisadas o

volapük, o esperanto e a *lingwa de planeta*, que mesmo com fontes bibliográficas mais exíguas em relação às anteriores, merece destaque pela natureza híbrida.

Para uma breve análise da estrutura das palavras como significantes, a tabela a seguir apresenta uma sequência aleatória para efeito de comparação:

Português	Volapük	Esperanto	Lingwa de Planeta	Alamês
Amor	Löf	Amo / amoro	Lub	Lab
Cão	Dog	Hundo	Doga	Kan
Casa	Dom	Hejmo	Dom	Bayt
Deus	God	Dio	Boh	Dev / Lah
Língua (idioma)	Pük	Lingvo	Lingwa	Ej
Pessoa	Pösod	Persono	Jen	In

É possível notar semelhanças nas quatro línguas: uma tendência a minimizar a quantidade de sílabas o que é mais notável no *volapük* e no alamês. Significantes mais simples em *volapük* tendem a ter apenas uma sílaba, deixando que os mais complexos sejam dissilábicos (SPRAGUE, 1887, p. 49). Já o esperanto e a *lingwa de planeta* podem ter unidades sígnicas polissilábicas. O alamês, por regra, sempre tem a menor unidade sígnica vinculada a uma única sílaba sem dígrafo consonantal o que a torna, neste aspecto, mais semelhante a muitas das línguas da família sino-tibetana a exemplo do chinês, uma língua considerada monossilábica (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 270).

Com relação à estrutura gramatical, cada uma das quatro línguas torna-se mais peculiar. O esperanto e o alamês têm a terminação *i* para todos os seus verbos quando estão no infinitivo o que também ocorre com parte dos verbos na *lingwa de planeta*, sendo que o *volapük* não apresenta uma terminação específica.

A diferença, por outro lado, é como os verbos são conjugados. Em esperanto eles são invariáveis quanto às pessoas mas levam sufixos que denotam o tempo. Em *volapük* e *alamês* os verbos variam conforme tempo e pessoa, sendo que o alamês pode ter uma forma invariável, mais analítica. A *lingwa de planeta*, neste aspecto se demonstra mais analítica, fazendo o uso de partículas para formação de tempo ficando invariável em relação às pessoas. Exemplo:

Português	Volapük	Esperanto	Lingwa de Planeta	Allamej
Ser	Bin	Esti	Bi	Hezi
Eu sou	Binob	Mi estas	Me es	Hezem / Mine hezi
Tu és	Binol	Vi estas	Yu es	Hezet / Tine hezi
Ele é	Binom	Li estas	Lu es	Hezel / Line hezi
Eu não sou	No binob	Mi ne estas	Me bu es	Nezem / Mine nezi
Tu serás	Obinol	Vi estos	Yu ve bi	Hezat / Tine geĵü nezi
Ele era	Äbinom	Li estas	Lu bin	Hezul / Line palü hezi

Exceto a *lingwa de planeta*, em que o verbo “ser” apresenta formas especiais, as demais línguas possuem regularidade absoluta, podendo as regras ser aplicadas a todos os verbos. É possível notar os caminhos diferentes adotados na construção do verbo ser. Enquanto o *volapük* possui uma construção de características *a priori*, as demais línguas parecem ligar-se mais a línguas pré-existentes, sendo o esperanto a línguas latinas, a *lingwa de planeta* a um mix de latim, germânico e chinês, enquanto o alamês fica entre a inspiração persa e um estilo próprio.

No que diz respeito aos casos gramaticais, o esperanto e a *lingwa de planeta* fazem o uso de preposições enquanto o *volapük* usa terminações e preposições e o alamês não possui preposições, usando apenas terminações. Assim a expressão “em casa” seria, em *volapük*, *in dom*, em esperanto, *en hejmo*, na *lingwa de planeta*, *pa dom*, e, em alamês, *baytun*. No caso de expressões como “embaixo” em alamês são representadas através de um substantivo relacionado a “baixo” no caso locativo, *nedun*.

Contudo a comparação mais valorosa é aquela que avalia a hibridez cujo grau, neste caso, mensuraria a intensidade da característica global na essência da construção da língua. Neste quesito, é possível notar que o *volapük* tem sua origem linguística calcada em línguas europeias ocidentais como inglês, latim, alemão e francês, conforme menciona Sprague (1887, p. 49). Seguindo a mesma tendência está o esperanto, tendo seu vocabulário vinculado principalmente ao latim (CRESSWELL & HARTLEY, 1992, p. 2), incluindo também palavras de origem germânica, grega e características eslavas.

Já a *lingwa de planeta* possui uma hibridez que vai muito além, misturando origens lexicais das línguas mais faladas na contemporaneidade, segundo seus autores

(DMITRY, 2006 - 2014), o que inclui: vocabulário europeu ocidental além de palavras do chinês, hindi, árabe e eslavas. Desta forma, comparada ao *volapük* e ao esperanto, a essência híbrida que compõe o elemento global se apresenta superior na *lingwa de planeta*.

Já o alamês pode representar um avanço no sentido da mescla global. Além das línguas que compõe esta última, compreende também japonês, turco, persa, línguas bantas, línguas celtas, iorubá, quíchua, tupi-guarani, malaio, tailandês entre outras de menor participação. Existe, muitas vezes, uma inspiração mista em que um radical pode fazer parte de duas ou mais subfamílias linguísticas ao mesmo tempo o que também é refletido em uma de suas possibilidades de escrita em alfabeto próprio.

As duas últimas línguas compartilham, sem dúvida, similaridades principalmente no que tange o cunho híbrido para além das demarcações ocidentais, entretanto se desassocia em alguns aspectos.

O primeiro deles é como os idealizadores interpretam o termo global. A *lingwa de planeta* tem o objetivo de se tornar uma língua auxiliar global (DMITRY, 2006 - 2014) tendo o princípio de maximizar o uso de palavras de origens distintas e ter como característica a simplicidade gramatical.

O alamês, por outro lado, não tem como objetivo primário tornar-se uma língua auxiliar global, mas demonstrar a possibilidade de inclusão de diferentes raízes linguísticas numa estrutura única e híbrida. Neste sentido, embora a lógica do alamês seja marcante no sentido da regularidade das regras gramaticais, ela pode apresentar-se mais complexa que a *lingwa de planeta*.

Levando-se em consideração que as línguas *pidgin* são aquelas nascidas do contato de povos de línguas nativas diferentes que desenvolvem uma linguagem mista de estrutura simplificada (BLAKE, 2006), a *lingwa de planeta* teria mais relação com esta classificação, que forma as bases para o desenvolvimento de uma língua crioula. Ou seja, a *lingwa de planeta* simularia, neste caso, um processo que ocorreria naturalmente não fosse a supremacia das línguas de países dominantes em aspectos políticos, econômicos e culturais.

O alamês, por outro lado, esboça uma estrutura própria que foge à simples coleta de vocábulos, embora apresente uma alternativa analítica. Além disto, tem um alfabeto cursivo próprio que esboça uma hipotética fusão cultural da escrita humana.

Desta maneira, as línguas de maior similaridade no que tange o espírito global, são díspares no objetivo e na estrutura. O alamês, objeto da análise desta monografia, pretende, antes de tudo constituir em si uma mensagem na metáfora que é a construção linguística cujas bases estão na reinterpretação do traço que uniria a humanidade, e este passa obrigatoriamente pela cultura. Busca um senso de união e identificação na descoberta de um mesmo Pai, a quem a humanidade neurótico-teísta chama de Deus.

Neste aspecto observa-se que o criador do *volapük*, Johann Martin Schleyer, era um padre católico e consta da página referente à língua no Wikipédia (Volapük, 2018), que, através de um sonho, Deus teria dito para ele criar uma língua internacional. Além disto, consta da literatura a tradução de uma parábola que menciona o Deus de Abraão (SPRAGUE, 1887, p. 58), reforçando a ideia europeia do divino na língua.

Do mesmo modo, a página sobre “Deus” que consta do Wikipédia em esperanto (Dio, 2017) não lança um conceito novo, mas traduz as definições culturais e filosóficas naturalmente segregadas por suas diferenças.

Por último, a *lingwa de planeta* em seu dicionário online, não demonstra uma definição diferenciada de Deus, além de que menciona *Satan* como o antagonista de Deus (IVANOV, 2007), o que pode reforçar a mitologia abraâmica.

Desta forma, em nenhum dos três casos analisados, foi possível identificar uma conceituação diferenciada do significante Deus que pudesse promover a harmonia entre as culturas no que tange a religião. Além disto, Peterson menciona em seu livro (2015, p. Loc 332 Kindle) que um teste de estresse que se tornou padrão para uma nova *conlang* é a tradução do texto de Babel (Gênesis 11:1-9). Isto não quer dizer diretamente que estas *conlangs* reforcem o conceito abraâmico de Deus. Todavia, tampouco fazem o contrário.

É provável que cada *conlang*, mesmo que com um propósito específico, sofra as influências psico-culturais de seus criadores. Também é possível que diferentes

conceitos do divino tenham sido desenvolvidos em línguas artificiais ainda não reveladas.

No entanto, no caso do alamês, o vínculo entre o significante Deus e língua é notável como também o é na clínica da cultura. Entre os aspectos das diferenças culturais mais intransponíveis, identificados durante o processo de criação da língua e vivência multicultural, estava a definição de Deus. O esforço demonstrado no desenvolvimento da hibridez léxica e estrutural não poderia preterir este importante significante.

Ademais, o problema da definição de Deus é conseqüente quando se quer abranger culturas além da nativa do construtor de línguas híbridas globais. É necessário que exista um abandono de crenças e conceitos introduzidos via língua Paterna, para que se possa buscar um possível Pai de toda a humanidade. E este Pai, poderia até perder esta nomenclatura de base ocidental, mesmo que psicanalítica, fixando-se num elo que permitisse a união sígnica entre os povos. O Pai, neste caso, seria uma metáfora que busca definir algo além, no caso da religião segregada por entre as culturas e as línguas. E é com o desafio da harmonização deste significante que a criação do alamês se deparou.

3.6 Para mais informações sobre a língua alamesa

O alamês, se tratado como língua, a exemplo das demais línguas construídas, ou, como são internacionalmente conhecidas – “*conlangs*” – possui um *site* com informações sobre sua estrutura e como seriam frases do dia a dia nesta língua híbrida, incluindo vídeos. Esse site está disponível no endereço: < allamejlanguage.wixsite.com/global > .

O *site* inclui uma introdução sobre línguas artificiais ou construídas, o alamês e a cultura hipotética dela resultante, além de textos em alamês que se constituem de traduções de pensamentos consonantes à harmonização cultural, além de produções próprias.

Com relação às produções próprias, é importante destacar que os textos produzidos em alamês são pensados primariamente nesta língua, o que permite um raciocínio diferente

do que se faria em línguas naturais conhecidas, dada sua estrutura peculiar. A exemplo disto, pode-se analisar o pensamento:

“Haej ëvëxel hadumuh yujü hadum ëvëxel habavveduh. Halamësü ejuy hezeyl ës alverus yujü semü habeyl ësuh haverus. Allamej nezel ejëhü öty mü mojel habih ejëvuh hadumuv.”

A tradução seria:

“A língua influencia o pensamento e o pensamento influencia a percepção. As línguas regionais (de partes do mundo) naturais são parte da realidade e também possuem parte da realidade. Uma língua da totalidade do mundo - "allamej" - não é falada mas pode ter uma mensagem para o pensamento.”

É importante notar que, em alamês, os termos podem ter conotações diferentes. Na frase *Halamësü ejuy hezeyl ës*, “As línguas regionais são parte”, *lamësü*, “regional” possui a mesma unidade sígnica *ës* que significa parte, já que região é parte do mundo.

Esta coincidência torna mais nítida a compreensão de que as línguas regionais somente podem transmitir “parte” da realidade como um todo. Assim *allamej* ou “uma língua da totalidade do mundo”, ou seja, que representa o mundo como todo, deve conter mensagens que representam o todo, e assim influenciaria o pensamento de quem nela pensa e nela fala em direção a uma visão mais holística da humanidade.

Discussões acerca de condições para a factibilidade do pensamento à parte, o exemplo mostra como a língua alamesa pode trabalhar com alguns temas e auxiliar na reflexão. Estas obviedades tendem a se repetir em frases que estimulam um pensamento global no que se refere à harmonização cultural e uma visão do homem acima de suas subdivisões em massas hostis entre si.

O *site* também inclui uma breve introdução à língua, e pretende ser alimentado e concentrar informações sobre ela e suas implicações de ordem filosófica e cultural.



Figura 12 - Site sobre a língua alamesa

4 A interpretação do significante Deus em alamês

A construção do alamês, dentro de seu propósito fictício de unificação cultural global, depara-se com a impossibilidade de somente criar significantes acústicos e gráficos, havendo a necessidade de reinterpretação de significantes. Isto se deve ao fato de alguns deles apontarem a objetos diferentes, dependendo da cultura ou das línguas naturais a que pertencem e que serviram de base para a criação da língua híbrida.

Irrompe, neste raciocínio, um problema semiótico cuja manifestação ocorre de maneira bastante acentuada na questão do significante Deus. Cada cultura reúne, entre outros, fenômenos, sistemas de crenças, tradições e mitologias que implicam na divergência sígnica acerca de Deus, o que esbarra em questões filosóficas. Como observa Peirce:

Supomos que o que não examinamos é como o que examinamos, e que essas leis são absolutas, e todo o universo é uma máquina sem limites, operando segundo as leis cegas da mecânica. Esta é uma filosofia que não deixa espaço para um Deus! Não, de fato! Abandona até mesmo a consciência humana, cuja existência não pode ser negada, como um *flâneur* perfeitamente ocioso e sem função no mundo, sem influência possível sobre qualquer coisa - nem mesmo sobre si mesma. (PEIRCE C. S., 1994 [1888], p. CP 1.162)¹⁴

Desta maneira, a filosofia oriunda das leis mecânicas não inclui Deus da mesma maneira que não inclui a consciência humana. Esta consciência pressupõe o pensamento que é estruturado em linguagem que por sua vez inter-relaciona-se com a cultura.

De acordo com Santos (2017 [1983], p. Kindle Loc 335), a maneira pela qual é expresso o conhecimento de uma sociedade inclui a religião. Assim, percebe-se que os significantes: língua, cultura, religião, Deus e a função paterna da psicanálise estão intimamente ligados e se impactam mutuamente. Deste modo, forjar uma língua, deve ter implicações nos demais signos com os quais se relaciona. A definição de Deus numa

¹⁴ *We suppose that what we haven't examined is like what we have examined, and that these laws are absolute, and the whole universe is a boundless machine working by the blind laws of mechanics. This is a philosophy which leaves no room for a God! No, indeed! It leaves even human consciousness, which cannot well be denied to exist, as a perfectly idle and functionless flâneur in the world, with no possible influence upon anything -- not even upon itself.*

conlang de pretensão global é, portanto, neste caso, uma necessidade consequente se levarmos em consideração que a maior parte da população mundial é teísta.

Primeiramente, quando analisamos o significante Deus, mesmo respeitando a tradução da palavra para múltiplos idiomas, notamos que este se encontra divergente, fragmentado em diferentes conceitos dependendo da cultura ou religião em que se situa.

Deus, seja um ou vários, pode ter diversos significados além do que é associado no cristianismo. No zoroastrismo, religião da antiga Pérsia e atual Irã, Deus era o criador, *Ahura-Mazda* ou Aúra-Masda, aquele responsável pela luta contra o mal (WILKINSON, 2011 [2008], p. 149). Não tão longe de lá, está a Índia, um país onde prevalece a fé hindu. Há neste sistema de crença, milhares talvez milhões de Deuses e entre eles alguns mais conhecidos: *Krishna* ligado ao amor, ao romantismo e ao heroísmo; *Vishnu* seria o mantedor do universo, onde se manifestam todas as forças; *Shiva* ligado a uma vida de abdicação das benesses da vida para a dedicação ao espírito; *Parvati* é a suprema energia. Existem também os Deuses menores que por vezes exercem influência em áreas especiais, por exemplo, em certos tipos de doença (HELLERN, NOTAKER, & GAARDER, 1998 [1952], p. 48). O interessante é que existe também no hinduísmo um conceito de *Brahman*, que não pode ser descrito mas se manifesta através de grande número de divindades (WILKINSON, 2011 [2008], p. 168).

Acrescendo mais exemplos, no continente africano, mais especificamente no antigo reino de Ifá, onde hoje estão a Nigéria e o Benim, floresce a cultura iorubá, da qual se origina o que se manifesta no Brasil através do candomblé. Semelhante aos Deuses hindus, cada um tem uma personalidade ou área de atuação na vida dos humanos. Assim, no Brasil, *Eṣu* ou Exu seria, a grosso modo, aquele que conduz os pedidos dos homens para outros Deuses (SILVA, 2005, p. 70). Para Oxalá se pede tranquilidade e Omulu tiraria nossas energias negativas e as jogaria para os astros. De maneira semelhante, os Deuses egípcios, gregos e germânicos e até tupinambás são, com frequência, associados a diferentes significados simbólicos, muitas vezes invocados por seus seguidores para compreender as forças da natureza e compensar o sofrimento que a vida lhes impõe (FREUD, 1974 [1927-1931], pp. Loc 12,13 PDF).

Além da diversidade e talvez justamente por ela se fazer presente, Deus é grafado,

principalmente nas culturas ocidentais de maneiras diferentes: com inicial maiúscula para a divindade única e monoteísta e minúscula para outras divindades. Quando a divindade é considerada a única verdadeira e faz-se uma distinção das demais, o indivíduo se comporta de maneira semelhante ao que faz com a língua: crê na superioridade do seu idioma (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 254). Assim a letra maiúscula pode ter relação com o narcisismo já que normalmente, o sujeito assume que o seu Deus é o único e verdadeiro, sendo difícil pensar em outro caso.

O costume da distinção de Deus com letra maiúscula presente nas línguas europeias tem forte relação com o Deus cristão, o que reforça o eurocentrismo e, na escrita, demarca que outras divindades têm menor relevância podendo ser chamadas de superstições. Este pensamento parafraseia o racismo, neste caso, europeu como menciona uma publicação da Organização das Nações Unidas de 1973 sobre “Racismo e a Ciência”:

Alega-se, por exemplo, que, em comparação com outras raças, instituições, culturas, moral, ética, padrões estéticos europeus e a religião da Europa (cristianismo) são superiores aos outros. Outra consequência da crença na desigualdade fundamental das raças é que a "pureza" de cada raça deve ser preservada para que as raças inferiores não contaminem as raças superiores. Esta é a razão para a proibição de casamentos sexuais ou inter-raciais. Cada raça deve "permanecer em seu lugar", como pretendido pela natureza ou ordenado, segundo alguns, por Deus Todo-Poderoso. (LEIRIS, 1973, pp. 243, tradução própria)¹⁵

Esta ideia de superioridade moldou, por exemplo, o processo de colonização da África e das Américas justificando práticas do exercício dos impulsos agressivos. Hoje, fazendo referência à afirmação de Levis-Strauss (1973, p. 16) sobre a igualdade humana, a despeito das diferenças culturais e com o advento da globalização, pode-se dizer que a

¹⁵ *On prétend par exemple que, par rapport à celles des autres races, les institutions, les cultures, la morale, l'éthique, les normes esthétiques européennes ainsi que la religion de l'Europe (le christianisme) sont supérieures aux autres. Autre conséquence de la croyance en l'inégalité fondamentale des races, on en vient à prétendre que la "pureté" de chaque race doit être préservée pour que les races inférieures ne contaminent pas les races supérieures. C'est la raison de l'interdiction des relations sexuelles ou des mariages interraciaux. Chaque race doit "rester à sa place", comme l'a voulu la nature ou ordonné, selon certains, Dieu tout-puissant.*

distinção entre inicial maiúscula ou minúscula para a grafia da palavra Deus já não seria mais conveniente a partir de um ponto de vista global.

Ao escrever “deus” (com letra minúscula) o sujeito, por vezes, revela sua parcialidade em relação a qual considera seu Deus acima das mitologias e este é o Deus que sua cultura e religião proferem. A figura do Pai da religião dentro do universo cultural literal em que se encontra o sujeito que grafa Deus (com D maiúscula) é incompatível com um referencial global ao que se refere a língua alamesa na sua proposta multicultural.

Ainda dentro de uma lógica semelhante, em árabe, existe a distinção do que seria um Deus mitológico e do Deus professado como verdadeiro pelo locutor. A palavra الله /Allah/em árabe, refere-se ao Deus proferido como verdadeiro que é o mesmo do cristianismo e do judaísmo. Já a palavra إله /ila/ seria divindade mitológica ou irreal. A conversão ao islamismo pede a recitação da frase لا إله إلا الله /la ilaha ila Allah/, “Não há divindade senão Deus”, colocando *Allah*, o Deus de Abraão, na posição de única divindade possível.

Tal problema é evocado no momento da construção da língua alamesa. Se uma língua híbrida, de essência global, tem como finalidade o ensaio de uma cultura hipotética que incorpore o todo da humanidade, o significante Deus deve, portanto, respeitar este todo. Surge então um novo problema: Como definir Deus respeitando a pluralidade cultural e, ao mesmo tempo, ter uma definição comum e compatível com a diversidade cultural?

Usando da semiótica psicanalítica, rememora-se a relação que o significante Deus existe com a função do Pai e esta por sua vez na instauração da língua que implica na lei que, no caso, se aparelha com a cultura. É sabido que a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social e que a linguística está estreitamente ligada à antropologia cultural (JACKOBSON, 2010 [1967], p. Loc 11 PDF). Com efeito, a reinterpretação do significante Deus, pela lógica da clínica da cultura, deveria ser contemplada nas criações artísticas que tivessem como objetivo harmonizar culturas teístas numa escala global.

4.1 Análise da ressignificação de Deus em alamês a partir Freud

Tendo em vista o esfacelamento da palavra Deus por entre as culturas, foi necessário fazer uma reinterpretação do significante de modo que fizesse sentido dentro de uma língua artificial cuja estrutura pretende-se global.

A solução encontrada foi dividir o significante Deus em dois. O primeiro deles foi *Dev*. Fazendo alusão à diversidade do divino na religião hindu, a palavra tem origem no sânscrito: देव /Deva/, divindade, excelência ou, simplesmente Deus. Em Alamês recebe a significação de todo e qualquer Deus retratado nas várias culturas. Refere-se, portanto, a divindades como *Brahma*, Horus, Javé, Olodumaré, Zeus, por exemplo.

A segunda parte da divisão foi *Lah*. A criação do radical baseou-se nos signos acústicos equivalentes nas línguas semitas: الله /Allah/, do árabe e אלהא /Elaha/, do aramaico. A inspiração nestas línguas foi devido à notoriedade que os povos semitas têm no desenvolvimento de uma ideia de unicidade de Deus. Todavia, em alamês a palavra não tem relação direta com as definições das culturas semitas, o que reforçaria a parcialidade e anularia o intento de significação global.

No momento da criação, *Lah* ficou como algo além, não definido, mas que a humanidade teísta busca, dando a ele diversos nomes e definições dependendo de suas culturas.

Neste sentido, foram identificadas semelhanças entre *Lah* e o conceito hindu de *Brahman*, que seria o absoluto, não podendo ser descrito e que faz uma ligação entre a alma e o infinito (WILKINSON, 2011 [2008], p. 168). Também se assemelha ao que os chineses chamam de 道, *Dao* ou *Tao*, sendo relacionado à transcendência de toda dualidade, polaridade e opostos (OSHO, 2014, p. 12).

Entretanto, não existe uma relação de igualdade entre *Lah* e *Brahman* ou *Dao*, uma vez que os conceitos dos dois últimos termos, até onde se sabe, dependem da cultura em que se inserem não sendo uma teoria válida para dar conta de uma definição global de Deus. A mesma relação de contraste existe no tocante às demais divindades relacionadas à cultura.

Lah, como objeto, apresenta certa opacidade e pode ser melhor compreendido a partir da semiótica psicanalítica. Segundo Freud, a religião não implica obrigatoriamente num erro (1974 [1927-1931], p. Loc. 21 PDF). Ainda segundo ele, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como iguais, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em Deuses. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos Deuses. Estes Deuses devem atenuar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a ideia de morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações impostas pela civilização (FREUD, 1974 [1927-1931], p. LOC. 13 PDF).

É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião. [...]. A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. [...]. Já demos a resposta, ver [...] pela indicação das três fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. [...] “Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade” (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. de 13 a 27 PDF)

Freud mostra, portanto, que a crença em um Deus surge como uma resposta neurótica em relação ao sofrimento oriundo da realidade que se impõe. É importante reforçar que esta resposta se concentra no universo neurótico e teísta. A interpretação de *Lah*, neste estudo, também deve ser dada a partir de um mecanismo neurótico, uma vez que a perversão ou a psicose dariam potencialmente um viés diferente à definição, já que a relação do sujeito com o signo Deus poderia ter diferentes configurações. Além disto, embora um ateu, quando num mecanismo neurótico, também busque o escape do sofrimento, o foco aqui é teísta.

Tendo o pensamento de Freud como instrumento de análise, no caso da construção do alamês, *Lah* deve situar-se na antítese do objeto causador do sofrimento humano, transcendendo-o. E por se tratar de algo que acontece com a neurose teísta humana, *Lah* não se encontraria apartado por entre as culturas. Seria comum a todas elas, constituindo seu objeto de busca.

Lah no momento de sua criação na língua híbrida, traduziu-se como Deus mas não correspondia a nenhum dos Deuses conhecidos especificamente. Passou a corresponder ao que se referem todos os atributos divinos que geram a expectativa de sanar o sofrimento descrito por Freud. Antes de ser a realidade por trás de vários Deuses, *Lah* seria o objeto responsável pelo bem-estar psíquico por que anseia a humanidade, independente da discussão acerca de sua existência. E mesmo que a semântica da palavra “existência” possa ter diferentes vertentes, não é tópico cuja exploração seja cabível neste momento.

A partir do raciocínio de Freud apresentado, pode-se inferir que o *Dev* monoteísta, a exemplo do judaísmo, catolicismo e islã, pretende confortar todo e qualquer desprazer que a vida proporciona, já que é uno. Em religiões politeístas, *Dev* conforta a área que lhe cabe conforme tradição mitológica. Um *Dev* responsável pela chuva, por exemplo, confortaria o sofrimento relacionado à seca e assim por diante.

Na hipótese de significantes de *Dev* que aparentemente não tem relação com um mal estar como dor, fome ou a morte, pode representar uma simples explicação para o desconforto acerca do incognoscível. Pretende-se, nas culturas, que este desconhecimento seja saciado por *Dev*, que vem na forma de explicação para o item desconhecido. Vem confortar a vacuidade do incompreensível.

Por fim, a abordagem freudiana acerca do sofrimento fornece as bases para a explanação psicanalítica do significante Deus que diz respeito à humanidade e não a uma ou outra cultura em específico. *Lah*, significante cuja construção tem como objetivo a neutralidade e a harmonia em relação às culturas, encontra na semiótica psicanalítica a fundamentação necessária para que possa ser essencialmente global.

4.2 Análise dos signos linguísticos relacionados ao divino no esquema de Peirce

Como consequência da necessidade de definir um signo linguístico para Deus que fosse comum a toda a humanidade, e ao mesmo tempo, de respeitar a diversidade sgnica deste conceito por entre as culturas, foram construídas as palavras *Lah* e *Dev* as quais, obrigatoriamente, têm uma relação. Peirce reflete:

Eu reconheço dois ramos da ciência: O Teórico, cujo propósito é simples e unicamente o conhecimento da verdade de Deus; e o prático, para os usos da vida. (PEIRCE C. S., 1994 [1888], pp. CP 1.239, tradução própria)¹⁶

Nesta passagem, “Peirce estabelece um vínculo entre a teoria científica e o ‘conhecimento da verdade de Deus’, que para ele significa conhecer a verdade que se expressa na natureza, e que a ciência estuda”, segundo Jungk (2018). Ou seja, pode-se dizer que não está ligada a uma cultura específica, mas ao que se expressa universalmente através da ciência.

Desta maneira, para que *Lah* tenha sentido global, precisa corresponder a uma verdade que se expressa na natureza que justificaria a mitologia descrita nos vários grupos culturais. Parte daí a necessidade de evocar o elo entre a semiótica e a psicanálise, uma vez que esta segunda fornece as bases teóricas para situar a religião e, conseqüentemente *Lah* na significação de um Deus global, que se manifesta na psique humana na forma de uma ilusão.

Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo (a religião), em sua natureza psicológica, ilusões. Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas. Sabemos aproximadamente em que períodos, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. Dir-nos-emos que seria muito bom se existisse um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja. (FREUD, 1974 [1927-1931], p. Loc. 23 PDF)

Uma língua cuja essência seja global deve ter signos que sejam universais em conformidade com alguma teoria válida. Podemos usar a semiótica peirciana para dar, de alguma maneira, um cunho lógico, à definição teórica de um Deus global, *Lah*, que se vincula ao Deus da prática da vida religiosa nas diversas culturas.

Primeiramente, é preciso lembrar que os termos em alamês, são todos signos gráficos,

¹⁶ I recognize two branches of science: Theoretical, whose purpose is simply and solely knowledge of God's truth; and Practical, for the uses of life.

no caso, se pronunciados, também são signos acústicos.

Conforme a suposição apresentada, *Lah* define-se, com base em *Freud* como sendo o Deus global equivalente ao objeto adverso ao que causa o sofrimento humano, não podendo ser totalmente compreendido na simbolização parcial das línguas regionais. A tentativa de responder à pergunta “Que objeto é este?” dentro de um universo neurótico-teísta somente pode ser respondida por intermédio de *Dev*. Deus, *Lah*, como objeto, deve assim ser concebido como uma hipótese que evoca uma resposta à neurose teísta.

A hipótese de Deus é peculiar, na medida em que supõe um objeto infinitamente incompreensível, embora toda hipótese, como tal, suponha que seu objeto seja verdadeiramente concebido na hipótese. (PEIRCE C. S., 1994 [1888], pp. CP 6.466, tradução própria)¹⁷

Esta hipótese que tem Deus como um objeto baseado nas definições freudianas, só pode ser concebida aos humanos via simbolização, que se dá através das várias definições de Deus nas religiões dispersas por entre as línguas e culturas.

Neste sentido, no esquema triádico de Peirce, *Lah* situar-se-ia na posição de objeto dinâmico enquanto as nomeações de *Dev*, nas várias tradições religiosas, na posição de *representamen*. Na terceira parte, ficam os interpretantes de Deus na psique humana fortemente influenciada por sua língua e cultura.

Neste esquema, *Lah* situa-se como objeto dinâmico, sendo imutável constituindo-se do avesso do objeto que causa o sofrimento humano a que se refere Freud (1974 [1927-1931], p. 13). Consiste daquilo que a humanidade tenta obter ao dar a simbologia que constitui *Dev*. No entanto, como os intérpretes têm perfis psíquicos diferentes, influenciados pela língua que os atravessa e lhes fixa a cultura da qual constam os *Devuy* (plural de *Dev*, signos linguísticos relacionados a Deus), os interpretantes serão, da mesma forma, diferentes na mente de cada indivíduo.

Com este princípio em mente, e traçando um paralelo à representação gráfica do signo Peirciano (SANTAELLA L. , 1983, p. 92) pode-se compor a relação entre *Lah*, *Dev* e *Lahved* (conhecimento humano acerca de Deus, *Lah*).

¹⁷ *The hypothesis of God is a peculiar one, in that it supposes an infinitely incomprehensible object, although every hypothesis, as such, supposes its object to be truly conceived in the hypothesis.*

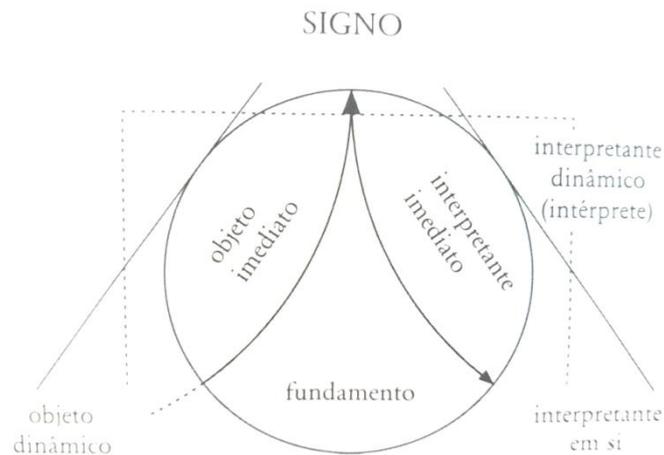


Figura 13 – Definição Peirciana de Signo

Posicionando Deus na representação gráfica que define signo, segundo Peirce, teríamos:

Objeto Dinâmico: Este é o objeto real a que se refere a representação. Na hipótese pretendida pelo alamês, este seria *Lah*, ou seja, a antítese do objeto que causa o sofrimento humano.

Objeto imediato: Sendo a maneira através da qual *Lah* é representado, situar-se-iam, na hipótese alamesa, os nomes nos *Devuy*, e suas várias formas de representação que variam de cultura para cultura.

Interpretante: Efeito que o signo produz na mente do intérprete dentro de sua cultura, ou seja, a apreensão cognoscível em sua mente. Neste caso exclusivamente, o termo “interpretante relacionado a *Lah*” poderia ser traduzido em alamês por *Lahved*, significando “o que o intérprete neurótico teísta apreende em sua mente acerca do que causaria a cessação de seu sofrimento em relação à realidade da vida”. Cada intérprete estaria, nesta hipótese, sujeito à sua cultura para dar sentido à sua busca por cessar o sofrimento.

Tais representações não envolvem tão somente o problema da definição de Deus numa língua artificial que se pretende global. Ela surge com o problema de uma língua que toma forma global por ser híbrida, mas fornece uma alternativa à interpretação de Deus que possibilita a harmonia religiosa e cultural a partir de uma lógica, ocasionando um raciocínio global.

A humanidade vista como um todo, não é senão global. Qualquer indivíduo pertencente a qualquer cultura do mundo é considerado humano e sofre, levando-se em consideração o recorte neurótico teísta, com base na conceituação freudiana.

A representação é, portanto, um intento alternativo de sanar a segregação do significado de Deus entre os povos no propósito singular de uma língua híbrida de essência global. E esta pode ser interpretada como uma metáfora da realidade que nos une: o fato de sermos humanos.

4.3 Relação entre *Lah*, o Real e o objeto *a* de Lacan

A partir do pressuposto que *Lah* se posiciona como objeto antagônico ao que causa o sofrimento humano impossível de ser apreendido senão através de simbolismos, também é algo que a humanidade deseja alcançar. Desta maneira, em muitos casos, *Lah* apresenta propriedades semelhantes aos conceitos psicanalíticos do Real e do objeto *a*.

Primeiramente, o registro do Real lacaniano nos é impossível de ser simbolizado (COUTINHO JORGE M. A., 2010, p. 51). É aquilo que nos foge à interpretação, pois a partir do momento que pensamos, o fazemos através da língua, e esta é constituída por uma sofisticada estrutura simbólica. Entretanto, a pulsão humana localiza-se na posição lógica do objeto que é de dominância do registro Real (SANTAELLA & HISGAIL, 2013, p. Kingle Loc. 404). Pode-se inferir que seria nesta instância que *Lah* estaria situado.

Somado a isto, a realidade preexiste à simbolização humana. O conceito foge à semântica relacionada à realidade simbólica, mas se relaciona com ela quando subtraímos dela a língua e suas consequências.

Assim, a língua pretende dar conta da realidade, mas uma vez que exista como signo extingue qualquer interpretação direta da ordem do Real. Ele está além de nossa percepção e além do nosso alcance, por sermos seres falantes e vinculamos sentido e sentimentos à língua que nossa mente tece. A realidade, porém, não se restringe ao que pode ser definido pela língua e, portanto, representado.

Assim também deve estar *Lah*, na impossibilidade da nossa capacidade simbólica. Sua

lógica não estaria submetida à razão humana que não é senão simbólica. Assim sendo, sempre que se tenta definir *Lah*, Sua verdadeira essência esvanece. Assim como o Real, *Lah*, a partir da razão humana, seria inconsciente, conforme propôs Lacan sobre Deus (FERREIRA NETO, 2015, p. 224).

Lah, neste caso, ousa ser um signo que representa o que não pode ser simbolizado, nem encontrado, mas retorna ao mesmo lugar sempre que o sofrimento se impõe, como objeto da busca. Neste caso, se enreda de características semelhantes às do Real lacaneano:

O real é aquilo que não é nem simbólico, nem imaginário. Logo, é o impossível de dizer, de suportar, de apreender. No dizer de Lacan, o real é aquilo que sempre retorna ao mesmo lugar, a este lugar em que o sujeito, por mais que pense [...] não o encontra. (FERREIRA NETO, 2015, p. 209)

Com o mesmo sentido, *Lah* seria algo que a humanidade busca quando evoca *Dev*, mas permanece inatingível na sua essência impossibilitada no registro simbólico. Seria algo que se deseja, mas se mantém além sempre que lhe atribuímos significantes. Desta forma, assemelha-se ao conceito de objeto *a* que, também é situado, essencialmente, na ordem do Real. O objeto *a*:

Não se trata de um objeto nomeável enquanto tal, pois não é da ordem do significante. Não é um objeto que tenha algum aspecto tampouco, pois não está no visível. Ele não pode ser visto nem falado, pois não tem consistência. Não tem nem a materialidade das palavras com seu material significante, nem a forma dos objetos físicos, que podem ser medidos e pesados. Ele não é nem simbólico nem imaginário. É da ordem do real. O objeto *a* afeta o sujeito. E sua única consistência é lógica. (QUINET, 2012, p. 16)

Assim sendo, o objeto *a* é algo inapreensível, o qual os indivíduos tentam buscar durante uma vida inteira. Por exemplo, num momento alguém pode querer um carro, mas quando o tem já não mais o quer, justamente porque o tem. Todavia, continuará a desejar algo. O real objeto do desejo que não se nomeia, mas que se mantém além daquilo que se obtém no mundo simbólico é o objeto *a*. Com isto, pode-se estabelecer um paralelo com o esquema psicanalítico da pulsão (COUTINHO JORGE M. A., 2016 [2000], p. 51).

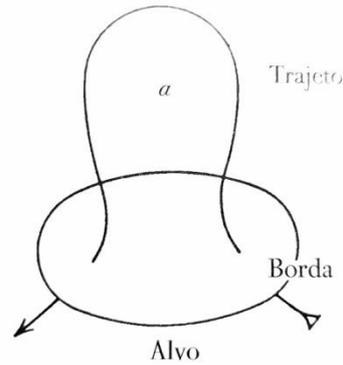


Figura 14: Esquema da Pulsão

Segundo este esquema, fornecido por Lacan, demonstra-se o circuito pulsional que tenta apreender o objeto *a* mas que apenas o circunda já que é um objeto faltoso. O objeto *a* permanece faltoso, de impossível simbolização, e por isto representado num orifício vazio. É neste vazio que *Lah* se inscreve justamente por ter simbolização impossível, o que só é realizado metaforicamente através da língua, própria dos humanos.

4.4 Um paralelo entre o conceito encontrado de Deus, a metáfora e a metonímia

Segundo Hellern (1998 [1952], p. 19), o conceito de Deus ou de Deuses se expressa através de mitos. O mito procura explicar alguma coisa. É uma resposta metafórica para as questões fundamentais.

Para que se trace um paralelo entre o conceito de Deus em alamês, a metáfora e a metonímia, é preciso que se definam tais termos.

A metáfora (ou a metonímia) é a vinculação de um significante a um significado secundário, associado por semelhança (ou por contiguidade) com o significado primário. (JACKOBSON, 2010 [1967], p. Loc. 75 PDF).

Ambas as figuras de linguagem constituem elos que vinculam a linguística à psicanálise. A metáfora se relaciona com o processo de condensação que consiste em transferir o significado de um significante para outro significante.

A metáfora da linguagem enquanto uma “prisão” humana (Jameson, 1972) é um tópos genuinamente laciano. O sujeito se encontra inscrito, já desde antes do seu nascimento, num sistema simbólico preexistente, que não é criação do próprio sujeito, mas provém das leis das culturas humanas. (SANTAELLA & HISGAIL, 2013, p. Kindle Loc. 772)

A metonímia se relaciona com o deslocamento que descreve um objeto através de uma palavra designativa de outro objeto que tem relação com o primeiro de causa e efeito, entre eles, a parte e o todo (FERREIRA NETO, 2015, p. 70).

Na psicanálise a metáfora e a metonímia são maneiras através das quais o conteúdo latente ou inconsciente se manifesta. Seria uma forma de comunicação entre o inconsciente e o consciente. O significado do conteúdo que estrutura o inconsciente pode então ser expresso através destas figuras de linguagem em formas de significantes.

Pensando na relação das figuras de linguagem mencionadas e a psicanálise, Lacan inverteu o conceito de signo linguístico de Saussure em que o significado era situado sobre o significante: $\frac{\textit{Significado}}{\textit{Significante}}$. A inversão teve como objetivo enfatizar a primazia do significante em relação ao significado.

Além disto, retirou o círculo que Saussure costumava usar em torno do esquema para simbolizar uma unidade do signo. Lacan quis demonstrar que os dois não são intimamente ligados, não formando um conjunto autônomo. Representou, portanto, da seguinte maneira: $\frac{\textit{Significante}}{\textit{Significado}}$ (FERREIRA NETO, 2015, p. 70). O significante é aquilo que temos acesso através do simbólico, no caso, a língua.

Com tais conceitos em vista, pode-se notar similaridades que explicariam a relação de *Lah* com *Dev*. Conforme na hipótese já vista, *Lah* não seria simbolizado, não cabendo concepção na linguagem consciente. Seria da ordem do Real.

Desta maneira, a humanidade discursaria sobre Ele através de metáforas e metonímias. No primeiro caso, *Lah* transferiria seu significado de linguagem inconsciente ao registro simbólico através de metáforas. Estas seriam os mitos, os Deuses presentes em cada cultura através da linguagem humana o que constitui o conceito de *Dev*.

E, especificamente, levando-se em consideração a característica metonímica de tomar a parte pelo todo, em relação a um pensamento global, um *Dev*, dentro de uma

determinada cultura, corresponderia a uma parte da totalidade s gnica de Deus, que estaria no registro Real de toda a humanidade.

Desta forma, segundo Saussure, o signo de Deus em alamês seria $\frac{Lah}{Dev}$, o que de acordo com Lacan seria $\frac{Dev}{Lah}$. A hipótese se adequa bem ao esquema de Lacan já que a importância s gnica está em *Dev*, o significante acessível através do qual pretende-se interpretar *Lah*.

4.5 Cultura hipotética de uma língua híbrida de essência global

Conforme já abordado, a língua e a cultura se implicam mutuamente. A constru o de uma língua, mesmo sendo artificial, pode pressupor uma cultura a ela vinculada. Por vezes, forjamento de uma cultura assenta-se no cerne da constru o de línguas. No caso de línguas artificiais híbridas, o tema da diversidade cultural no contexto global emerge como questionamento quase que automaticamente e coincide com uma importante questão de ordem antropológica:

[...] a diversidade de culturas apresenta muitos problemas, pois   questionável se   uma vantagem ou uma desvantagem para a humanidade [...] (LÉVI-STRAUSS, 1973, pp. 10, tradu o própria)¹⁸

A história da humanidade tem apresentado infindáveis exemplos de como tem lidado com o tema da diversidade cultural o que gerou resultados catastróficos. Na América Latina, incluindo o Brasil, por exemplo, as culturas de povos e na es que habitavam suas terras antes da conquista europeia foram sistematicamente tratadas como mundos   parte das culturas nacionais que se desenvolveram (SANTOS, 2017 [1983], pp. Kindle. Loc 268-269).

A forma que os europeus, no caso, adotaram para lidar com a diversidade foi a dominância a partir da ideia de supremacia. Esta ideia de superioridade de uma cultura em rela o   outra acaba por se relacionar com fenômenos como: escravidão, imposi o

¹⁸ [...] *la diversit  entre l s cultures pose de nombreux probl mes, car on peut se demander si eile constitue pour l'humanité un avantage ou un inconv nient [...]*

de valores, guerras, entre outros. Numa escala mais sutil, algumas culturas sobrepõem-se às outras por motivos político-econômicos, aumentando perdas linguístico-culturais, sem mencionar os acontecimentos contemporâneos em que membros de uma cultura oprimem os de outra.

Peterson (2015, p. 18) menciona a necessidade de os construtores de línguas dizerem algo que não é possível na sua língua nativa ou em qualquer outra língua existente. No caso de sistemas mistos de essência global, esta necessidade se relaciona com uma maneira de lidar com a diversidade cultural diferente daquela que se exprime através da supremacia ou imposição cultural. O comentário de Gilles Clémant para o Jornal *The New York Times*, sobre Levis Strauss, menciona a relação entre a diversidade cultural e a criatividade.

Ele (Levi Strauss) representa uma visão extremamente subversiva com seu interesse em populações que foram desdenhadas. Ele prestou cuidadosa atenção, não de forma turística, mas profunda, aos seres humanos na Terra que pensam diferentemente de nós. É um respeito pelos outros, que é muito forte e muito comovente. Ele sabia que a diversidade cultural é necessária para a criatividade cultural, para o futuro.

(ERLANGER, 2008, pp. <www.nytimes.com/2008/11/30/world/europe/30iht-levi.1.18255982.html> , tradução própria)¹⁹

A criação de uma língua híbrida de essência global seria, neste caso, uma produção criativa que se vale da diversidade cultural. Ela pode ser interpretada como uma simulação de cultura das culturas. Em observância à maneira em que foi estruturado o exemplo da língua alamesa, pode-se vislumbrar como seria esta cultura a ela atrelada.

A partir dos conceitos estruturalistas de Saussure, Jakobson e que corrobora o que foi dito por Lacan, o ser humano é “atravessado pela língua” que pré-existe a ele. A cultura chega aos sujeitos a partir da linguagem da comunidade em que está inserido. E esta, com base em Levi Strauss, possui uma estrutura comum a todos os seres humanos o que os põe em pé de igualdade no aspecto cultural. Não se pode dizer que uma cultura é

¹⁹ *He (Levi Strauss) represents an extremely subversive vision with his interest in populations that were disdained. He paid careful attention, not touristically but profoundly, to the human beings on the earth who think differently from us. It's a respect for others, which is very strong and very moving. He knew that cultural diversity is necessary for cultural creativity, for the future.*

superior ou verdadeira enquanto a outra é inferior ou falsa.

A construção do alemão possui um movimento contrário ao da imposição de valores. Assim como inspira-se em significantes de várias línguas e culturas, a dinâmica é de absorção cultural, de maneira que cada cultura coparticipe de uma ideia maior, o que demanda compreensão acerca das culturas dos outros. E embora a língua alemã, assim como outras produções semelhantes, seja inexistente como língua falada, o que implica na qualidade fictícia de sua cultura, o conceito de humanidade surge com força no panorama da história comum a todos, da civilização mundial que cada vez mais toma corpo (SANTOS, 2017 [1983], p. Kindle Loc. 268).

Se por um lado a globalização tem trazido efeitos negativos para a perenidade de algumas culturas, pensamentos semelhantes ao que inspira a produção de línguas híbridas têm ocorrido ao longo da história da humanidade. Sendo os exemplos inesgotáveis, em diferentes épocas. Pode-se, apesar disso, concentrar-se em alguns para efeito de exemplificação. A primeira delas, do poeta persa muçulmano sufi, Jalal ad-Din Muhammad Rumi:

Podemos saber quem somos ou não. Podemos ser muçulmanos, judeus ou cristãos, mas até que nossos corações se tornem o modelo para todos os corações, veremos apenas as diferenças. (VAIDYANATHAN, 2014, pp. Kindle Loc. 168, tradução própria)²⁰

Também na contemporaneidade, é possível identificar alguns pensamentos que vão ao encontro da ideia de harmonização cultural. Entre elas a de Dalai Lama:

Um olhar mais realista sobre os problemas do nosso tempo, dos quais o Franz acaba de enumerar alguns, mostram com bastante clareza que precisamos encontrar uma abordagem sustentável e universal às questões de ética, aos valores internos e à integridade pessoal – uma abordagem que permita construir pontes entre as diferenças culturais, étnicas e religiosas. (ALT, 2015, pp. Kindle, Loc 177)

O Papa Francisco também demonstra um pensamento neste mesmo sentido ao afirmar que “Não existe um Deus católico. Há um Deus.” (CHADE, 2013). Esta afirmação tem,

²⁰ *We may know who we are or we may not. We may be Muslims, or Jews or Christians, but until our hearts become the mold for every heart, we will see only the differences.*

neste caso, sinergia com uma das bases conceituais de *Lah* em alamês. O cantor e compositor John Lenon, com sua música “*Imagine*” roga uma reflexão acerca da ausência de religiões e fronteiras para a constituição de um mundo partilhado por todos. E a ideia vem até os dias de hoje em representações culturais até menos conhecidas. Anelis Assumpção chama o nome de Deuses de várias culturas em sua canção “Deuso Deusa” e afirma que “a sorte e a morte a ciência não traduz”, ilustrando a base freudiana que explicaria Deus e a religião como alternativa de escape do sofrimento e do desconhecimento.

Expressões filosóficas e artísticas como as citadas têm a ver com o que Freud afirma sobre o amor universal pela humanidade:

De acordo com determinado ponto de vista ético, cuja motivação mais profunda se nos tornará clara dentro em pouco, essa disposição para o amor universal pela humanidade e pelo mundo representa o ponto mais alto que o homem pode alcançar. [...]. (O amor) continua a realizar sua função de reunir consideráveis quantidades de pessoas, de um modo mais intensivo do que o que pode ser efetuado através do interesse pelo trabalho em comum. (FREUD, 1974 [1927-1931], p. 65)

Tendo em vista os exemplos de movimentos em direção à harmonia cultural, pode-se perceber que o alamês não é “a língua global”, tampouco “o caminho cultural a ser seguido”. Cada artista, pensador, filósofo ou construtor de língua tem um objetivo, que certamente é influenciado pelo ambiente cultural ao qual é exposto durante seu desenvolvimento psíquico. A cultura hipotética oriunda da língua alamesa não é senão uma entre as várias respostas à segregação cultural que muitos criadores propõem, cada um a sua maneira, e que depende do que Freud chama de ponto mais alto da humanidade.

A construção do alamês, por este ângulo, procura demonstrar na sua estruturação a possibilidade da existência de uma cultura global não impositiva ou imperialista, mas contempladora e harmonizadora em que todas as culturas poderiam ser compreendidas, e para isto se vale da reinterpretação do significante Deus, como um pivô dos problemas e das soluções relacionados à diversidade cultural. Não se discute aqui a factibilidade desta cultura, mas sua intenção e sua correlação com o que muitos pensadores buscam –

a harmonia e desenho de uma civilização *una*.

A construção é, neste sentido, uma provocação à urgência expressa no fenômeno da globalização e que reclama a reinterpretação daquilo que nos segrega, para que haja harmonia e união. É exaltar a interpretação da realidade humana como ela é, diversa culturalmente, mas *una* enquanto humana. A cultura alamesa seria uma entre as várias possibilidades de obras que Freud chama de trabalho comum, capaz de reunir as pessoas.

CONCLUSÃO

As diferenças culturais e as diversas reações que os indivíduos têm em relação a elas enredam situações que causam ou potencializam o sofrimento humano, sendo este objeto de leitura da semiótica psicanalítica. Não são escassas as obras que discutem o assunto e propõem soluções, entre elas as construções linguísticas, também conhecidas como *conlangs*, principalmente as chamadas línguas auxiliares globais.

Interessa saber sobre as construções linguísticas, uma vez que a linguística e a psicanálise possuem estreita relação. Esta relação é mais profundamente estabelecida pela função paterna, a qual nomeia e estabelece a lei e a cultura através da linguagem. Tal função paterna é conhecida como o Nome do Pai. E o pai, por sua vez, tem forte relação com o significante Deus. Ou seja, a construção de línguas tem, de alguma maneira, relação com a reconstrução do significante Deus.

Se o signo Deus se vincula à imagem do Pai e este é o que instaura a língua e com ela a lei, a construção de uma língua híbrida seria como subverter esta ordem cujo motivo situa-se na segregação cultural que pode ser observada no exemplo de Deus. Quando o objetivo de uma *conlang* é harmonizar as culturas de modo que busque significados que sejam válidos para a humanidade como todo, a significação compatível de Deus torna-se imprescindível dentro de um universo neurótico-teísta.

E é neste ponto que a língua construída, o “alamês”, é analisada. A estrutura da língua apresenta relativa hibridez, demonstrando um foco de mistura e compatibilização de raízes linguísticas, de modo que o resultado pudesse ser interpretado como humano, ou global, e não europeu, asiático ou qualquer classificação que pudesse ser culturalmente parcial. O direcionamento da engenharia léxico-estrutural da língua naturalmente se depara com um problema de ordem semiótica. Se Deus não pode ter uma definição parcial, qual seria a definição de Deus que pudesse ser harmônica e compatível para toda a humanidade?

Tal questionamento pode aparentar-se com preocupações da filosofia da religião e, assim sendo, não pode ser encerrado de maneira definitiva. Todavia, a partir de

semiótica psicanalítica, é possível chegar a uma explanação para o caso de uma língua construída com essência global.

No momento da criação do *alamês*, os signos relacionados a Deus foram separados em *Lah* e *Dev* estando este primeiro no lugar do objeto contrário àquilo que causa o sofrimento humano. O segundo estaria relacionado às representações que as várias culturas da parte da humanidade neurótico-teísta usam para nomear este objeto. O objeto é fundamentado no que busca a humanidade para afastar-se do mal-estar, conforme Freud.

Na hipótese apresentada, *Lah* assim como fenômenos da ordem do Real laciano teria uma simbolização impossível, não fossem os *Devuy*, que através das diversas culturas são representados metafórica ou metonimicamente. *Lah* permanece no incognoscível, todavia explicado na hipótese global. Todos os *Devuy*, no caso, não buscariam senão representar o objeto que cessa o sofrimento e isto harmonizaria a diversidade cultural expressa em várias nomenclaturas e conceitos de Deus. Este, através de conceitos da semiótica psicanalítica, equivale ao Pai, o instaurador da cultura e da língua.

Obviamente, a humanidade se fragmenta em diversas massas como etnias, nações, religiões e, naturalmente, culturas. Esta diversidade fragmentada é colocada cada vez mais em contato com o advento da melhora nos meios de transporte e comunicação. Se por um lado algumas culturas se sobrepõem a outras, por outro existe um movimento contrário que se apresenta de modo agressivo, tornando o seguidor de um Deus diferenciado pela cultura um estranho, alvo do ódio e do exercício dos impulsos agressivos.

Neste contexto, a hipotética solução para a questão do significante Deus da *conlang* *alamês* aparece, como um paralelo a diversos pensamentos harmoniosos como os de Rumi, Dalai Lama ou John Lennon, entre muitos outros. Não é “a solução” para a questão da segregação nem tampouco algo perto disto. É uma mensagem em forma de criação que se inspira na realidade da humanidade que não é senão global. É um intento de demonstração de algo possível que represente metaforicamente um estímulo ao desenvolvimento de uma inteligência intercultural através da qual o processo de globalização poderia ser inclusivo e não impositivo.

Lah, como solução encontrada na hipótese é, portanto, algo que nos une como humanos,

já que todos, teoricamente, desejamos escapar do sofrimento. Neste sentido, *Lah* habita o incognoscível mas a Ele apontaria tudo o que a humanidade neurótico-teísta deseja acerca de Deus. Se há algum fundamento na hipótese de sua significação, através d'Ele, apresenta-se uma realidade à qual a humanidade como um todo converge.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMSON, G. (1993). *Hebrew in three months*. Norwich, UK: Page Bros Ltd.

AGÊNCIA ESTADO. (18 de Setembro de 2006). *Estadão*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em União Européia e EUA saem em defesa do papa: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,uniao-europeia-e-eua-saem-em-defesa-do-papa,20060918p50525>

AGER, S. (2018). *Interlingue-Occidental*. Acesso em 07 de fevereiro de 2018, disponível em Ominiglot: <https://www.omniglot.com/writing/occidental.htm>

ALT, C. F. (2015). *O apelo do Dalai Lama ao mundo*. Salzburg: Benevento Publishing.

ARMSTRONG, K. (1993). *The history of God*. New York, U.S.A.: Ballantine Books.

ARTIGO COMPILADO. (16 de janeiro de 2015). *Alá: um deus pagão*. Acesso em 05 de fevereiro de 2018, disponível em Centro Apologético Cristão de Pesquisas: <http://www.cacp.org.br/ala-um-deu-pagao/>

ASFOUR, M. (1995). *Arabic in three months*. Norwich, UK: Page Bros.

ASSIS, C. F. (2000). *Ñe'ë ryrü avañe'ë palavras dos guarani*. São Paulo, Brasil : Fundação Biblioteca Nacional.

AUFDERTRASSE, H., BOCK, H., GERDES, M., MÜLLER, J., & MÜLLER, H. (1997). *Themen neu - Lehrwerk Deutsch als Fremdsprache*. Donauwörth, Deutschland: Sprachen Der Welt Hueber.

BALLARIN, O. (1995). *As línguas divertem: uma visão não convencional*. São Paulo, Brasil: T.A. Queiroz, Editor, Ltda.

BALLHATCHET, H., & KAISER, S. (1992). *Teach yourself Japanese*. Chicago, U.S.A.: NTC Publishing Group.

BAT-IREEDUI, J. (1995). *Mongolian phrasebook*. London: Lonely Planet Publications.

BERLITZ. (1986). *Finnish for Travelers*. Lausanne, Switzerland: Berlitz Guides.

BERLITZ. (1991). *Hungarian Phrasebook and Dictionary*. Oxford, UK: Berlitz Publishing Company.

BLAKE, B. J. (2006). Classification of Languages. In: S. O. KEITH BROWN, *Concise Encyclopedia of languages of the world* (pp. 246-254). Victoria: Elsevier.

BORTOLOTTI, R. G. (2014). A crença religiosa sob a perspectiva semiótica de Peirce. *Acta Scientiarum* .

- BROWN, C. J. (2008). *Loglan 1: A logical language*. Gainesville: The Loglan Institute, Inc.
- BROWN, K., & OGILVIE, S. (2009). *Concise Encyclopedia of the languages of the world*. Oxford, Reino Unido.
- BROWN, N. J. (1994). *Russian in three months*. Norwich, UK: Page Bros.
- CHADE, J. (02 de outubro de 2013). '*Não existe um Deus católico, mas um Deus*', diz papa. Acesso em 05 de abril de 2018, disponível em O Estado de São Paulo: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,nao-existe-um-deus-catolico-mas-um-deus-diz-papa,1081149>
- CHALLITA, M. *O Alcorão ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: ACIGI.
- CORONEL-MOLINA, S. M. (1989). *Quechua phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications Pty Ltd.
- COSTAZ, L. (2003). *Gramaire Syriaque*. Beirouth, Liban: Dar E-Machreq Éditeurs.
- COUTINHO JORGE, M. A. (2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - A Clínica da Fantasia* (Vol. 2). Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- COUTINHO JORGE, M. A. (2016 [2000]). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - Bases Conceituais*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- CRESSWELL, J., & HARTLEY, J. (1992). *Teach yourself Esperanto*. Chicago, U.S.A.: NTC Publisjing Group.
- DAVID, J. N. (1999). *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DEGHANI, Y. (2001). *Farsi (Persian) Phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications Pty Ltd.
- DELETANT, D., & ALEXANDRESCU, Y. (2003). *Teach yourself Romanian*. Oxon, UK: Hodder Headline Ltd.
- DMITRI, I. (s.d.). Acesso em 10 de 2017, disponível em Lingwa de planeta: <http://www.lingwadeplaneta.info/en/grammar.shtml>
- DMITRY, I. (2006 - 2014). *Language description*. Acesso em 02 de abril de 2017, disponível em Lingwa de planeta: <http://www.lingwadeplaneta.info/en/descrip.shtml>
- Dothraki Wiki. (s.d.). *Learning High Valyrian*. Acesso em 05 de fevereiro de 2018, disponível em Wiki Dothraki: wiki.dothraki.org/Learning_High_Valyrian
- ECO, U. (1995). *The research for the perfect language*. London: Blackwell Publishers Ltd.
- ELISABETH, R., & MICHEL, P. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro,

Brasil: Zahar.

ERLANGER, S. (30 de outubro de 2008). *Birthday tributes pour in for Lévi-Strauss*. Acesso em 04 de abril de 2018, disponível em The New York Times: <https://www.nytimes.com/2008/11/30/world/europe/30iht-levi.1.18255982.html>

FERREIRA NETO, G. A. (2015). *Doze Lições sobre Freud e Lacan* (4 ed.). Campinas, Brasil: Pontes Editores.

FETCEY, S. (15 de agosto de 2005). *Kotava*. Acesso em 14 de março de 2018, disponível em Kotava, a língua universal de comunicação : www.kotava.org/pt/pt_kotava.php

FREUD, S. (1974 [1927-1931]). *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Imago.

FREUD, S. (2016 [1921]). *Psicologia das massas e análise do Eu*. (E. SOUZA, Trad.) Porto Alegre, Brasil: L&PM Editores.

FREUD, S. (1913 -1914). *Totem e tabu e outros trabalhos Volume XIII*. Imago.

GABRIEL, T. K. (1996). *Ethiopian Amharic phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications.

GALERA, M. C. (1997). *Curso Prático de Espanhol*. São Paulo, Brasil: Círculo do Livro.

GODE, A., & BLAIR, H. (1951). *Interlingua Grammar*. USA: International Auxiliary Association, Inc.

תורה *Torá A lei de Moisés*. (1978). (D. GOROVITZ, & R. NAJMANOVICH, Trans.) Rio de Janeiro, Brasil: Perspectiva.

HARRIS, D. (1995). *The art of calligraphy*. London: Dorling Kindersley Limited.

HARRIS, S. (2014). *Waking up - A guide to spirituality without religion*. New York, U.S.A.: Simon & Schuster, Inc.

HELLERN, V., NOTAKER, H., & GAARDER, J. (1998 [1952]). *O livro das religiões*. São Paulo, Brasil: Editora Schwarcz.

INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. (1999). *كتاب الحيات Holy Bible new international version Arabic English*. Colorado Springs, E.U.A.: International Bible Society.

INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. (s.d.). *The International Phonetic Alphabet and the IPA Chart*. Acesso em 27 de março de 2018, disponível em International Phonetic Association: <https://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-chart>

- IVANOV, D. (2007). *Search query: God*. Acesso em 04 de abril de 2018, disponível em http://www.lingwadeplaneta.info/glossword/index.php?a=srch&d=24&id_srch=6f52cf2e1bc743264f651baa38a34269&il=en&p=1
- JACKOBSON, R. (2010 [1967]). *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Brasil: Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
- KIM, M., & HILTS, J. D. (2008). *Korean phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications.
- LACAN, J. (1995 [1966]). *Escritos*. (V. RIBEIRO, Trad.) Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- LAMBTON, A. (1976 [1953]). *Persian Grammar*. London: Cambridge University Press.
- LASCARIZ, G. D. (2008). *Ritos e mistérios secretos do Wicca*. São Paulo, Brasil: Madras.
- LAW, S. (2007). *Filosofia* (3. ed.). Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- LEARN NAVI. (s.d.). *Na'vi*. Acesso em 01 de julho de 2018, disponível em [Learn Na'vi: learnnavi.org](http://LearnNa'vi.org)
- LEIRIS, M. (1973). Race et Civilisation. In: UNESCO, *Le racisme devant la science* (p. 54 a 92). Paris: Organisation des Nations Unies pour l'éducation, la science el la culture.
- LERNU. (s.d.). *Portal multilíngue para o aprendizado da língua internacional esperanto*. Acesso em 07 de fevereiro de 2018, disponível em [Lernu!: lernu.net/pt](http://Lernu.net/pt)
- LÉVI-STRAUSS, C. (1973). Race et histoire. In: UNESCO, *Rece et science* (p. 9 a 49). Paris: l'Organisation des Nations Unies pour l'éducation, la science el la culture.
- LOGICAL LANGUAGE GROUP. (15 de maio de 2005). *O que é lojban?* Acesso em 05 de fevereiro de 2018, disponível em [Lojban: https://mw.lojban.org/index.php?title=Lojban&setlang=pt-br](https://mw.lojban.org/index.php?title=Lojban&setlang=pt-br)
- LONGO, L. (2011). *Linguagem e Psicanálise - Psicanálise passo-a-passo 64*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- MACEDO, E. (2016 [1998]). *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou Demônios?* Rio de Janeiro : Unipro.
- MAITY, B. (1996). *Bengali phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications.
- Martire, J. (2006). *Indonesian phrasebook*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications Pty Ltd.

- MAURO, J. D. (2000). *Vocabulário português-tupi e curso de tupi antigo (internet)*. Rio de Janeiro, Brasil: Papel Virtual Editora.
- MCGONAGLE, N. (1988). *Irish Grammar A basic Handbook*. New York, E.U.A.: Hippocrene Books, Inc.
- MIDGLEY, R., & EVERSON, M. (s.d.). *Volapük.com*. Acesso em 02 de fevereiro de 2018, disponível em International community of friends of Volapük: xn--volapk-7ya.com
- MOHAMED, K., & MAZRUI, A. (2007). *Swahili a complete course for beginners*. New York, U.S.A.: Living Language.
- MURPHY, R. (1999). *English grammar in use*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- O GLOBO / AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. (10 de novembro de 2017). *Hackers transmitem música do Estado Islâmico em rádio da Suécia*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em O globo: <https://oglobo.globo.com/mundo/hackers-transmitem-musica-do-estado-islamico-em-radio-da-suecia-22055408#ixzz552nGOWCx>
- OSHO. (2015). *Crença, dúvida e fanatismo*. São Paulo, Brasil: Editora Planeta do Brasil Ltda.
- OSHO. (2014). *Tao sua história e seus ensinamentos*. São Paulo, Brasil: Cultrix.
- PEIRCE, C. S. (1994 [1888]). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press.
- PEIRCE, S. C. (2003). Um argumento negligenciado para a realidade de Deus. *Revista Filosófica*, 98-133.
- PETERSON, D. (2015). *The art of language invention: from Horse-Lords to Dark Elves, the words behind world building*. New York: Penguin Books.
- PIERRE, K. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar.
- POCH, A., & YATES, A. (2004). *Teach yourself Catalan*. London, UK: Hoder and Headline.
- POLLARD, A. Ç., & POLLARD, D. (1996). *Teach yourself Turkish*. London, UK: Hodder and Headline.
- PROCLUS. (1816). *The six books of Proclus, the platonic successor, on the Theology of Plato*. (T. TAYLOR, Trad.) London: Longman and Co.
- QUIJADA, J. (2004). *Ithkuil: A Philosophical Design for a Hypothetical Language*. Acesso em 14 de março de 2018, disponível em Ithkuil: www.ithkuil.net

- QUINET, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RÓNAI, P. (2004). *Gradus primus, Curso básico de latim* (Vol. 1). São Paulo, Brasil: Cultrix.
- RÓNAI, P. (2005). *Gradus secundus, Curso básico de latim* (Vol. 2). São Paulo, Brasil: Cultrix.
- ROUDINESCO, E., & PLON, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- SANTAELLA, L. (1983). *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense.
- SANTAELLA, L., & HISGAIL, F. (2013). *Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura*. São Paulo, Brasil : Iluminuras.
- SANTOS, J. L. (2017 [1983]). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense .
- SARACENI, R. (2003). *Doutrina e teologia de Umbanda Sagrada - A religião dos mistérios um hino de amor à vida*. São Paulo, Brasil: Madras.
- SAUSSURE, F. D. (2012 [1916]). *Curso de Linguística Geral* (28. ed.). São Paulo, Brasil: Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
- SCHLEICHER, A. Y. (2008). *Yoruba the complete course for beginners*. New York, U.S.A.: Routledge.
- SCURFIELD, E. (1991). *Teach yourself Chinese*. Chicago, U.S.A.: NTC Publishing Group.
- SILVA, V. G. (2005). *Candomblé e Umbanda*. São Paulo, Brasil: Selo Negro Edições.
- SILVA, V. G. (2005). *Candomblé e Umbanda, caminhos da devoção brasileira*. . São Paulo: Selo Negro.
- SMART, J., & ALTORFER, F. (2001). *Teach yourself Arabic*. London, UK: Hodder Headline Ltd.
- SMITH, D. (1995). *Teach yourself Thai*. London, UK: Hodder and Headline Plc.
- SOARES, J. (21 de dezembro de 2016). *7 conflitos atuais causados por diferenças religiosas*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em Super interessante : <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/7-conflitos-atuais-causados-por-diferencas-religiosas/>
- SOMON, P., GIRARDET, J., VERDELHAN, M., & VERDELHAN, M. (1988). *Le nouveau sans frontières 1 - méthode de français*. Paris, France: Clé International.
- SOTOMAYOR, S. (2017 de agosto de 2017). <http://www.terjemar.net/kelen/kelen.php>. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em Terjemar:

<http://www.terjemar.net/kelen/kelen.php>

SOUSA, F. D. (jan.-jun. de 2015). Símbolos, memória e a semiótica da cultura: a religião entre a estrutura e o texto. *Estudos de Religião*.

SPRAGUE, C. E. (1887). *Hand-Book of Volapük*. New York: Trunk Bros., Printers.

STEFANI, P. G. (1961). *Lezioni do lingua italiana*. São Paulo, Brasil: Livraria Francisco Alves.

STÖRIG, H. J. (2006 [2002]). *A aventura das línguas; Uma história dos idiomas do mundo*. São Paulo, Brasil: Melhoramentos Ltda.

TAYLOR, I., & ROBERTSON, B. (1998). *Gaelic a complete course for beginners*. Oxon, UK: Hodder Headline Plc.

THE KLINGON LANGUAGE INSTITUTE . (s.d.). *The Klingon Language Institute*. Acesso em 05 de fevereiro de 2018, disponível em The Klingon Language Institute: www.kli.org

TIBIRIÇÁ, C. L. (1984). *Dicionário Tupi Português*. São Paulo: Traço.

TRUNGPA, C., & LIEF, J. L. (2013). *As 4 nobres verdade do budismo*. São Paulo, Brasil: Cultrix.

TSERING, S. (2008). *Tibetan phrasebooks*. Victoria, Australia: Lonely Planet Publications Pty Ltd.

UMI. (2018). *Union pro interlingua*. Acesso em 07 de fevereiro de 2018, disponível em UMI: www.interlingua.com

VAIDYANATHAN, P. V. (2014). *The Magic of Jalalludin Rumi*. Mumbai: M. D. DCH.

VAN STEENBERGEN, J. (2018). *Interslavic language*. Acesso em 07 de fevereiro de 2018, disponível em Interslavic language: <http://steen.free.fr/interslavic/>

VELHO, A. P. (s.d.). *A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação*.

VERSIGNASSI, A. (22 de junho de 2017). *Super interessante*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em Dyeus Phater: a origem do nome de Deus: <https://super.abril.com.br/historia/dyeus-phater-a-origem-do-nome-de-deus/>

VLADISAVLJEVIC, B. (2008). *India phrase Book*. Victoria: Lonely Planet.

WATTS, N. (1993). *Greek in three months; Simplified language course*. Edison N.J., UK: Hugo's Language Books.

WEIGHTMAN, S., & SNELL, R. (2003). *Teach yourself Hindi*. London, UK: Hodder

Education.

DOTHRAKI WIKI. (17 de abril de 2018). *Learning Dothraki*. Acesso em 2018 de julho de 2018, disponível em Dothraki Wiki: http://wiki.dothraki.org/Learning_Dothraki

WIKIPEDIA. (12 de agosto de 2013). *Homaranismo*. Acesso em 14 de março de 2018, disponível em Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homaranismo>

WIKIPEDIA. (12 de agosto de 2013). *Homaranismo*. Acesso em 14 de março de 2018, disponível em Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homaranismo>

WIKIPEDIA. (13 de maio de 2017). *Karunesh*. Acesso em 19 de março de 2018, disponível em Wikipedia: <https://en.wikipedia.org/wiki/Karunesh>

WIKIPEDIA. (03 de março de 2018). *List of constructed languages*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_constructed_languages

WIKIPEDIA. (18 de fevereiro de 2018). *List of Esperanto periodicals*. Acesso em 12 de março de 2018, disponível em Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Esperanto_periodicals

WIKIPEDIA. (23 de março de 2018). *Volapük*. Acesso em 04 de abril de 2018, disponível em Wikipedia: <https://en.wikipedia.org/wiki/Volap%C3%BCk>

WIKIPEDIA. (11 de outubro de 2017). *Dio*. Acesso em 04 de abril de 2018, disponível em Wikipedia: <https://eo.wikipedia.org/wiki/Dio>

WILKES, A., & NKOSI, N. (1995). *Teach yourself Zulu*. London, UK: Hodder and Headline Plc.

WILKINSON, P. (2011 [2008]). *Religiões guia ilustrado Zahar*. Rio de Janeiro : Zahar.

Иванов, Д. (2017). *Lingwa de Planeta, шаг навстречу глобальному языку*. Acesso em 07 de fevereiro de 2018, disponível em Lingwa de Planeta: www.lingwadeplaneta.info

APÊNDICES

APÊNDICE A – Sobre o Construtor do Alamês

"Não criei uma língua para ser falada, mas para ser pensada. Ela é como um quadro pintado nas cores de um espelho, que nos mostra como somos além da segregação ilusória." Rodrigo Solano

Nasci no Brasil, mais especificamente em Santos no estado de São Paulo. Filho de uma mãe imigrante portuguesa que aqui aportou sem muito além de história e paixão pelo Brasil e de um pai que muito representa do que entendemos por mistura. Neles está minha origem que remonta a portugueses, africanos, índios, alemães, espanhóis e, possivelmente a mais origens. A genealogia dos sobrenomes da família aponta para espanhóis, alemães, hebreus, árabes, e possivelmente “bruxos” no passado. Mas a minha língua nativa historicamente é o latim vulgar, influenciado por celtas, germânicos e árabes, também conhecida como português.

Esta é uma descrição quase étnica de quem sou quanto à origem. Possivelmente, é geneticamente tão mestiça quanto grande parte da população mundial. Mas, certamente não é completa o suficiente para dizer como me mercebo percebo como pessoa.

A partir de muitos exemplos, tudo indica que queremos fazer parte de um grupo para que nosso EU possa se sentir completo. Todavia, eu, na condição de observador acredito que qualquer grupo que não corresponda ao todo é, racionalmente, a declaração nítida da incompletude de sua incompletude em relação ao todo.

Quando declaramos não sermos simplesmente humanos, que é uma definição global, demonstramos ser apenas uma parte da realidade consagrada. Já é sabido que seja na Europa, Américas, África, Ásia ou Oceania, somos todos humanos, antes de qualquer classificação feita através de línguas. Com isto, procuro perceber-me, antes de tudo, humano. Não me considero superior em nada por esta percepção. Somente, por algum motivo, trilhei um caminho oposto ao do extremismo patriota, religioso, racista, étnico, bairrista ou qualquer coisa parcial, da qual somos mais vítimas que culpados. A história

e o noticiário nos mostram que o mundo tem funcionado assim. Temos pouco tempo para criar nossos caminhos. Então seguimos o que nos é imposto, e não o é senão via linguagem.

Talvez por esta consciência, que não sei exatamente quando teve início, surgiu em mim uma necessidade de buscar quem eu realmente era, ou quem realmente somos, não como o óbvio fruto da mesma língua e efeitos culturais dela presentes na comunidade em que nasci.

Foi na Bíblia Cristã em que tudo começou. Na literatura que foi trazida ao Brasil graças aos portugueses que faziam parte do império romano, que, por sua vez importara o cristianismo da Palestina. Mas qual verdade estaria por trás de Deus caso não fossem a língua e cultura, ambas parciais e regionais a terem me transmitido? Dizer que o "MEU" sistema cultural, disseminado pelo grupo a que pertencço era o único verdadeiro, parecia egoísta, narcísico e infantil demais para que me impedisse de buscar respostas para além das fronteiras psíquicas que a sociedade a que eu pertencia pareciam me impor.

Assim fui além. Algumas vezes com receio de transgressão ou despersonalização, acessei literaturas de culturas transmitidas por línguas de países longínquos da África à Índia, da Ásia aos Índios. Ao pé da letra, tudo parecia muito contraditório. Os nomes dos Deuses eram diferentes, como também era seu número. Alguns sistemas culturais que proclamavam como o único verdadeiro, outros pareciam abraçar e aceitar tudo o que aparecia, por mais diferente que fosse. Em algum momento tudo parecia esfacelado em culturas e em línguas.

Ao mesmo tempo, minha profissão e interesses pessoais me permitiram viajar pelo mundo e ouvir palavras e pensamentos de bocas de pessoas de várias localidades e de várias culturas, inclusive do meu próprio país. De certo modo, muito parecia fazer sentido agora. O que era dito em palavras era diferente, mas como era dito parecia se dividir em dois: aqueles que incluíam e aqueles que excluíaam. Os que falavam "Você é um dos nossos" e os outros que falavam "Você está no caminho errado, o único certo é este que lhe digo". Aprendi, então, a diferença entre conotação e literalidade, entre tolerância e fundamentalismo. Mas como estes conceitos que têm muito a ver com a formação do "EU" e da autoafirmação não caberia contrapor-me a ninguém.

Para alguns, aceitarem o diferente poderia causar uma dor que talvez tenha menos a ver

com qual crença ou sistema cultural a que pertencem mas, através de um complexo mecanismo psíquico, poderia constituir uma agressão ao que a pessoa entende por ser quem é e a seus valores, o que a obrigaria a afirmar suas crenças como verdades absolutas e inquestionáveis e, às vezes julgar o diferente como inadequado. Mas esta análise não é o foco principal aqui.

Tudo isto me pareceu uma ilusão ou pelo menos uma incompletude, provocada pelo desconhecimento sobre o mundo como um todo seja pela parcialidade das línguas ou pela inacessibilidade à educação filosófica científica e aos estudos sociais.

Neste contexto, surgiu em mim uma necessidade de unir o que se encontrava apartado, o que para um garoto, na idade pré-adulta em que estava e com minhas condições econômicas era impossível. Ousei então construir esta união para minha própria reflexão e ela se deu através da criação de uma língua.

Misturei palavras e estruturas numa forma que pudesse compatibilizar a diversidade linguística, como se isto simbolizasse a extinção da ilusão fundamentalista do “eu sei, é a MINHA é a única verdade possível”. Surgiu o alamês misturando léxicos e estruturas presentes em todos os continentes desprezando a parcialidade e abraçando a mistura. E com o alamês surgiu uma dúvida: se esta língua é híbrida e a língua influencia a cultura que por sua vez abrange a religião, qual seria definição de Deus em alamês?

Teoria e observação atenta às verbalizações nos vários sistemas culturais tornaram-se guias para a não parcialidade ilusória que na maioria das vezes está relacionada ao EGO. Fugi da armadilha: “a minha crença é a verdadeira, não posso perdê-la senão quem serei eu?” O caminho que segui foi o inverso, “A minha crença é parcial, a verdade está além da minha capacidade de compreensão, pois só posso compreender através da língua, mas a língua quem fala são os humanos, cada grupo a sua, de maneira parcial. E o universo é bem mais amplo que os humanos e sua forma de pensar”.

O resultado foi a tolerância e a percepção de que a criação linguística, o alamês, não era nada senão algo como uma arte. Uma tentativa de fuga da ilusão através de algo engendrado, uma união que não existe na prática, mas que cientificamente é comprovada: somos todos humanos. Nosso inimigo: o EGO, sua constituição cultural e o medo da dor do não saber, o medo do sofrimento. E isto deu muitas pistas para um maior conhecimento sobre Deus, além das palavras, das línguas ou da literalidade que

constitui o fundamentalismo.

O alamês foi criado num momento de grandes erupções hormonais, na fase da adolescência e da pré-juventude. A vida prática e corporativa deixa pouco espaço para a realização de qualquer coisa do gênero. Não poderia tê-la criado nos dias de hoje, até memos pelo “pragmatismo” que a vida adulta impõe. Décadas depois da criação, decidi publicar a língua, não como uma possibilidade de língua auxiliar internacional, que por vários motivos, se aproxima da utopia. Mas pelo potencial de provocar uma reflexão sobre quem somos e sobre as ilusões que nos separam dentro do mundo sógnico a exemplo de religiões, culturas e línguas.

Mas para entender o alamês é preciso primeiro sentir a mesma dor do desapegar que eu senti e assumir que nada sabemos e que aquilo que nos foi dito não precisa ser a única coisa a fazer parte do que nosso EU é capaz de conceber. Depois é possível perceber a realidade de uma maneira diferente daquilo cuja grande parte dos sintomas se funda na ilusão.

Podemos ser mais, ou melhor, somos comprovadamente mais, mas proferimos ideologias que não passam de ilusões muito bem entrelaçadas ao nosso aparelho psíquico - por medo e pela lei da inércia na transmissão cultural via língua. Não espero grandes impactos nesta abordagem, uma vez que a o sentimento de resistência é forte e poderoso. Sem ele muitos de nossos preconceitos e problemas relacionados aos impulsos agressivos contra o que é diferente poderiam já estar resolvidos. Todavia, se esta criação servir de estímulo a um pensamento menos preconceituoso e que sirva de reflexão para o desenvolvimento de uma inteligência intercultural sentirei que contribui, de alguma maneira, em direção ao que se entende por uma realidade positiva e harmônica.

Rodrigo Solano

Formado em Administração de Empresas & Comércio Exterior e Pós Graduado em Marketing Internacional pela Universidade Paulista, *Master em Business Administration* na *Brazilian Business School*, certificado internacional em *Coaching* e análise comportamental DISC pela Sociedade Latino Americana de Coaching e pós graduado

em Semiótica Psicanalista na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo abordando o tema: Bases para a construção de uma língua artificial global como um ensaio de unificação cultural para harmonizar o significante “Deus”. Atuação, desde 1998, em atividades internacionais, para o governo da Tailândia, para a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira e para Projetos Setoriais da Agência Brasileira de Desenvolvimento de Exportações e Investimentos. Conhecimento *in loco* de culturas de mais de 30 países. Atualmente é Diretor Consultor de projetos através do pensamento global na Think Global Capacitação e Desenvolvimento (< www.thinkglobal.com.br >).